



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANTÔNIO HELENO RIBEIRO SANTIAGO

**O USO DE *HASHTAGS* COMO OBJETOS DIGITAIS DESINFORMATIVOS: UMA
ANÁLISE CRÍTICA EM TORNO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA
PLATAFORMA INSTAGRAM**

FORTALEZA

2025

ANTÔNIO HELENO RIBEIRO SANTIAGO

O USO DE *HASHTAGS* COMO OBJETOS DIGITAIS DESINFORMATIVOS: UMA
ANÁLISE CRÍTICA EM TORNO DA PANDEMIA DE COVID19 NA PLATAFORMA
INSTAGRAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo.

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S226u Santiago, Antonio Heleno Ribeiro.
O uso de hashtags como objetos digitais desinformativos : uma análise crítica em torno da pandemia de covid-19 na plataforma instagram / Antonio Heleno Ribeiro Santiago. – 2025.
137 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Júlio Araújo.
1. Análise de Discurso Crítica. 2. Agnotologia. 3. Métodos Digitais. 4. Desinformação. 5. Hashtag. I. Título.

CDD 410

ANTÔNIO HELENO RIBEIRO SANTIAGO

O USO DE *HASHTAGS* COMO OBJETOS DIGITAIS DESINFORMATIVOS: UMA
ANÁLISE CRÍTICA EM TORNO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA
PLATAFORMA INSTAGRAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor. Área de concentração: Linguística.

Aprovado em: 28/11/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Araújo (Orientador-Presidente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva (PPGL)
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Paulo Boa Sorte (PPGED)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profa. Dra. Maria Clara Gomes Mathias Cavalcanti (ProLetras)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Cícero Anastácio Araújo de Miranda (PPGLin)
Universidade Federal do Ceará

Dedico esta tese a minha mãe, Helena, e a meu pai, Netinho, por serem a fonte de tudo isso que me tornei hoje. Vocês têm um significado do qual a linguagem ainda não consegue dar conta.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.679573/2022-00.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha mãe e a meu pai. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

À Universidade Federal do Ceará (UFC), especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), por me acolher tão bem nesse espaço que chamo de casa.

À Universidade Estadual do Ceará (UECE) por ser a minha primeira casa acadêmica e por fomentar pessoal de tamanha responsabilidade e compromisso com a ciência.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Júlio Araújo, pela recepção calorosa e por aceitar trabalhar comigo nessa jornada que já leva mais de meia década (e contando). Aprecio muito sua forma de acolher as pessoas e sua visão sobre fazer ciência.

À professora Helena Martins do Rêgo Barreto pelas sugestões durante o exame de qualificação. À professora Maria Izabel Santos Magalhães pelas sugestões durante a qualificação e também pelo parecer na disciplina de Seminários de Pesquisa II.

À banca de defesa composta pelos professores Kleber Silva (UnB), Paulo Boa Sorte (UFS), Clara Cavalcanti (UFC) e Cícero Miranda (UFC) pelas contribuições ao meu trabalho.

Às professoras e aos professores do PPGLin por serem de fundamental importância na minha formação acadêmica.

Ao grupo de pesquisa DIGITAL por proporcionar conhecimento, encontros e amizades, especialmente a Profa. Me. Melissa Maria do Nascimento Sousa e a Profa. Me. Renata Priscyla Conceição Costa, duas potentes mestras, que são inspiração para mim.

Às colegas e aos colegas de todo o percurso dessa pós-graduação.

Gostaria também de agradecer à Prof.^a Dra. Liliane Bounegru por ter me aceitado durante o período sanduíche realizado na King's College London (KCL). Seu sorriso é inesquecível.

À Prof.^a Dra. Janna Joceli Omena pelas conversas acadêmicas.

À Prof.^a Dra. Monique de Mesquita Lessa pelo intenso intercâmbio de informações sobre o sanduíche e pelos perrengues evitados (risos).

Um agradecimento mais que especial à Prof.^a Dra. Fernanda Kécia de Almeida por ser um outro lar acadêmico quase que familiar. Sua contribuição foi indispensável para a minha permanência na pós-graduação. Aprecio o tamanho da sua gentileza e da sua resiliência.

À prima, Prof.^a Dra. Francisca Laila Ribeiro Pinto, pelos inúmeros desabafos, de mão dupla, ao longo desse doutorado. Você é uma inspiração para nossa família!

A minha família, especialmente minha irmã, Lanilene, pela companhia de muitos anos, pelas conversas e pelas contribuições gráficas dadas a esta tese.

Agradeço também a quem, de alguma forma, contribuiu para este trabalho investigativo.

Agradeço imensamente ao fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ao longo de todo o doutorado na UFC, bem como ao fomento para o período sanduíche na KCL. Essas bolsas foram fundamentais para a minha permanência e para a realização de meus sonhos acadêmicos.

RESUMO

Esta tese de doutorado tem o objetivo geral de investigar de que forma as *hashtags* podem ser usadas como objetos digitais desinformativos em torno da pandemia de covid-19 na plataforma Instagram, considerando os seguintes objetivos específicos: (1) Analisar a (re)configuração do propósito funcional da *hashtag* a partir do caráter (anti)programa; (2) Descrever o papel dos processos interdiscursivos mediante alusão a palavras-chave simbólicas identitárias; (3) Analisar como a ignorância sociodigital interfere no posicionamento dos usuários por meio da negação da ciência. A tese propõe uma interface teórica entre o campo da Análise de Discurso Crítica (ADC), por meio da abordagem dialético-relacional, de Fairclough (2001, 2003), e os estudos em Agnotologia, de Proctor (2008). Similarmente, o aparato metodológico se forma através da Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), de Fairclough (2001, 2003), e os Métodos Digitais, conforme proposta de Omena (2019) e Rogers (2024). O *corpus* desta pesquisa qualitativa foi formado por 4 *hashtags*, a saber #comunavirus, #fraudemia2020, #vachina e #FiqueEmCasa, que foram coletadas por meio da extensão *Zeeschuimer* na plataforma de mídia social Instagram. A análise revelou que esses objetos digitais desinformativos articulam sentidos ideológicos (anti)programa e promovem desinformação em torno da pandemia de covid-19, mobilizando identidades políticas, crenças anticientíficas e ignorância sociodigital. Dessa forma, as *hashtags* possibilitaram o acesso a aspectos linguístico-discursivos relevantes para sua caracterização enquanto objetos digitais discursivos.

Palavras-chave: análise de discurso crítica; agnotologia; métodos digitais; desinformação; hashtag.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze how hashtags can be used as disinformational digital objects surrounding the COVID-19 pandemic on Instagram. To do so, this research proposes three specific objectives: (1) To analyze the (re)configuration of the functional purpose of hashtags based on its (anti)program character; (2) To describe the role of interdiscursive processes through allusions to symbolic identity keywords; (3) To analyze how sociodigital ignorance influences users' positioning through science denial. This thesis provides a theoretical interface between the field of Critical Discourse Analysis (CDA), through the dialectical-relational by Fairclough (2001, 2003), and the studies in Agnotology by Proctor (2008). Similarly, the methodological framework was formed through the Textually Oriented Discourse Analysis (TODA) by Fairclough (2001, 2003) and the Digital Methods, as proposed by Omena (2019) and Rogers (2024). The corpus of this qualitative research consisted of four hashtags: #comunavirus, #fraudemia2020, #vachina, and #FiqueEmCasa, which were collected through the Zeeschuimer extension on the social media platform Instagram. The analysis revealed that these disinformational digital objects articulate (anti)program ideological meanings and promote disinformation surrounding the COVID-19 pandemic, mobilizing political identities, anti-scientific beliefs, and sociodigital ignorance. Thus, the hashtags enabled access to relevant linguistic-discursive aspects to their characterization as discursive digital objects.

Keywords: critical discourse analysis; agnotology; digital methods; disinformation; hashtag.

RESUMEN

Esta tesis doctoral busca investigar cómo los hashtags pueden usarse como objetos digitales desinformativos en torno a la pandemia de COVID-19 en la plataforma Instagram. Esta investigación tiene los siguientes objetivos específicos: (1) Analizar la (re)configuración del propósito funcional de los hashtags con base en su carácter (anti)programa; (2) Describir el papel de los procesos interdiscursivos a través de alusiones a palabras clave de identidad simbólica; (3) Analizar cómo la ignorancia sociodigital influye en el posicionamiento de los usuarios a través de la negación de la ciencia. Para cumplir los objetivos, esta tesis desarrolla una interfaz teórica entre el campo del Análisis Crítico del Discurso (ACD), a través del enfoque dialéctico-relacional, de Fairclough (2001, 2003), y los estudios de Proctor (2008) en Agnotología. De igual manera, el marco metodológico se conforma a través del Análisis del Discurso Textualmente Orientado (ADTO), de Fairclough (2001, 2003), y los Métodos Digitales, según lo propuesto por Omena (2019) y Rogers (2024). El corpus de esta investigación cualitativa consistió en cuatro hashtags: #comunavirus, #fraudemia2020, #vachina y #FiqueEmCasa, recopilados a través de la extensión Zeeschuimer en la plataforma Instagram. El análisis reveló que estos objetos digitales desinformativos articulan significados ideológicos (anti)programa y promueven la desinformación en torno a la pandemia de COVID-19, movilizand o identidades políticas, creencias anticientíficas e ignorancia sociodigital. Por lo tanto, los hashtags permitieron acceder a aspectos lingüístico-discursivos relevantes para su caracterización como objetos digitales discursivos.

Palabras clave: análisis crítico del discurso; agnotología; métodos digitales; desinformación; hashtag.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro Norteador de Pesquisa (QNP)	23
Figura 2 – Abordagens da Análise de Discurso Crítica e suas respectivas bases epistemológicas	25
Figura 3 – Nuances da ignorância	43
Figura 4 – A lógica funcional dos métodos digitais	67
Figura 5 – Resultados da busca da palavra-chave “comunavírus”	70
Figura 6 – Interface da tela inicial da extensão Zeeschuimer	71
Figura 7 – Interface do Zeehaven	73
Figura 8 – Exemplo de planilha após o processo de conversão de formato	73
Figura 9 – Postagem sobre a comparação entre o coronavírus e o comunavírus	77
Figura 10 – Teor do conteúdo dos comentários nas hashtags	85
Figura 11 – Comentários de aceitação do conteúdo	87
Figura 12 – Comentários de rejeição ao conteúdo a partir de humor/uso ofensivo de linguagem	89
Figura 13 – Comentários contrários via argumentação	92
Figura 14 – Postagem sobre a #fraudemia2020	94
Figura 15 – Comentários da postagem sobre a #fraudemia2020	105
Figura 16 – Comentários da postagem sobre a #fraudemia2020 [2]	108
Figura 17 – Comentários da postagem sobre a #fraudemia2020 [3]	109
Figura 18 – Postagem da #vachina	112
Figura 19 – Subversão de hashtags	117
Figura 20 – #FiqueEmCasa idiota	117
Figura 21 – Grupo de comentários sobre a #vachina	119
Figura 22 – Grupo de comentários sobre a #vachina [2]	121
Figura 23 – Metamorfose discursiva	124

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1	A Análise de Discurso Crítica	24
2.2	Desinformação: uma prática social	30
2.3	Agnotologia: a ignorância como virtude	36
2.4	Plataformas: mídias sociais e algoritmos	44
2.5	Objetos digitais: o que são hashtags?	50
3	METODOLOGIA	59
3.1	Abordagem	59
3.2	Métodos de investigação	61
3.2.1	<i>A Análise de Discurso Textualmente Orientada</i>	61
3.2.2	<i>Os Métodos Digitais</i>	62
3.3	Procedimentos metodológicos	68
4	ANÁLISE DE DADOS	76
4.1	“Comparado à pandemia devastadora do #comunavírus, o #coronavírus é apenas um leve resfriado”	76
4.2	“Você percebeu isso? É mais uma forma de reduzir sua liberdade”	93
4.3	“Viu turminha do lockdown? Continua apoiando”	110
4.4	Autorreflexividade e notas pós-analíticas	124
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
	REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado propõe a investigação da desinformação a partir do estudo de *hashtags* utilizadas na plataforma de mídia social Instagram durante a pandemia de covid-19. Acreditamos que essas marcas linguístico-digitais operam como vetores de práticas sociais que (re)configuram sentidos, contribuindo para a (re)produção e disseminação de crenças conspiratórias e negação científica.

Considerando o potencial linguístico que os usos da linguagem proporcionam, a descrição e a análise das implicações de tais usos torna-se fundamental nos estudos científicos do campo das humanidades em que a linguagem é foco central, sobretudo no que diz respeito aos possíveis problemas acarretados pela interação nos ambientes digitais, cujos espaços têm se transformado em arenas de disputas políticas, ideológicas e de poder. Nesse sentido, as relações entre a figura do usuário, as plataformas de mídia social e os usos da linguagem desencadeiam um repertório interessante para investigações linguísticas.

Em nossa sociedade, costumamos nos guiar por distintas formas de conhecimento. O senso comum, a religião e a ciência são alguns dos exemplos aos quais as pessoas têm acesso nas conversas cotidianas, em um programa de televisão ou em um vídeo na internet. Muito embora cada um desses conhecimentos tenha sua relevância em contextos específicos, é importante conceder a devida relevância ao conhecimento científico, pois este almeja explicar os fenômenos por meio de verificação sistemática dos fatos, uso de um método, embasamento teórico etc.

Nesse ensejo, o trabalho científico se caracteriza como um meio significativo para a materialização do olhar crítico, pois é através dele que podemos contestar ideias anteriores, construir novas concepções teórico-metodológicas, adotar diferentes pontos de vista que se fundamentam em outras teorias, bem como traçar relações inovadoras. Dessa forma, esta tese de doutorado busca cumprir esses objetivos, especialmente em relação ao aprofundamento do fenômeno da desinformação em plataformas de mídia social.

Eco (2016) comenta que, para o exercício de elaboração de uma tese, estudar não se refere simplesmente a coletar informações, mas sim à elaboração crítica de uma experiência. De fato, a maior conquista de um estudo se dá por meio da evolução do pensamento crítico em torno do que se convencionou chamar de objeto de pesquisa. Ainda segundo o autor, a capacidade de identificar problemas, confrontando-os e articulando-os sistematicamente, torna-se uma habilidade que servirá para o resto da vida. A reflexão a seguir ilustra esse pensamento:

Fazer uma tese significa, pois, aprender a pôr ordem nas próprias ideias e ordenar os dados: é uma experiência de trabalho metódico; quer dizer, construir um “objeto” que, como princípio, possa também servir aos outros. Assim, *o tema da tese não importa tanto quanto a experiência de trabalho que ela comporta* (Eco, 2016, p. 6, grifos do autor).

Adotamos uma postura que vai ao encontro das ideias mencionadas acima, pois a escrita da tese e o desenvolvimento pessoal/profissional são mais relevantes que a própria escolha da temática. Dessa forma, Eco (2016) nos adverte a pensarmos a tese além da tese. Nesse sentido, caberia a quem a escreve o que Bourdieu (2007) denomina de “construção de objeto de pesquisa”, cujas ideias dialogam com as do autor antes citado:

O que conta, na realidade, é a construção do objecto, e a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objectos socialmente insignificantes em objectos científicos ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objectos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto [...] (Bourdieu, 2007, p. 20).

O que o autor nos quer dizer é que o ato de elaboração de um objeto de pesquisa se manifesta a partir da constituição de um determinado processo que envolve a combinação de intuição, criatividade e conhecimento sobre o tema. Por essa razão, é essa elaboração o que mais importa dentro do fazer científico, pois as escolhas ocorrem em detrimento dessa construção. Dessa forma, o trabalho acontecerá em função das potencialidades do que esse objeto poderá vir a oferecer.

No terreno de uma tese de doutorado, essa construção de objeto de pesquisa se dá a partir de reflexões mais elaboradas do ponto de vista teórico-metodológico. Além disso, e aqui cabe uma ênfase, esse estágio requer uma leitura crítica acerca da realidade estabelecida, o que penso ocorrer por meio de dois principais fatores: primeiramente, a contestação das ideias pré-estabelecidas e, em segundo lugar, a contribuição que se dá à discussão empreendida sobre o tema (seja por meio de um avanço teórico ou uma nova maneira de analisar dados, por exemplo). A citação a seguir poderá lançar luz sobre essa discussão:

Não se pode confundir o plano da lógica (o pensar) com o da ontologia (realidade pensada). Contradizendo o empirismo, que não problematiza tal correspondência, aceita-se que a ciência trabalha com uma **realidade construída**. Esta posição pretende ser intermédia entre o objetivismo empirista, que acredita impor-se o objeto ao sujeito, e o relativismo subjetivista, que inventa a realidade (Demo, 2007, p. 27-28, grifos do autor).

Essa realidade construída sobre a qual o autor fala diz respeito a uma realidade que, *a priori*, não existe. Por ser construída, ela é um objeto da ciência e precisa que alguém a elabore, haja vista que a realidade não é objetiva. Captamos essa realidade através de inúmeros processos que compreendem o desenvolvimento de teorias que buscam explicar essa realidade, porém sempre a partir de um ponto de vista que se fundamenta em alguma base teórica.

Demo (2007, p. 28, grifos do autor) utiliza a metáfora da fotografia para ilustrar esse entendimento, afirmando que “O sujeito é incapaz de apenas descrever, retratar o objeto, como se fosse mera fotografia. Aliás, esta imagem é feliz, porque sequer fotografia "objetiva" existe [...]”. Dessa forma, a construção do objeto compreende uma intrínseca relação entre o sujeito e o ambiente em que ele se encontra. A fotografia, portanto, sempre dependerá da qualidade da lente, do ângulo apreendido etc.

Pelo exposto acima, torna-se necessário considerar que “[...] a construção do objeto de pesquisa demanda um esforço por parte daquele que o elabora, na intenção de interligar os eixos que sustentarão a sua argumentação e darão direcionamento às ações exigidas pela pesquisa” (Araújo; Dieb; Costa, 2017, p. 732). Isso posto, torna-se indispensável o emprego de um processo reflexivo em torno do ambiente social em que nos encontramos e das interações que as pessoas fazem.

Araújo, Dieb e Ferreira (2025), de modo similar, aprofundam o debate sobre a construção do objeto de pesquisa dentro de uma perspectiva epistemológica na escrita acadêmica, que é vista como um processo interativo, dialógico e revisável, refletindo a natureza dinâmica da pesquisa científica, bem como do amadurecimento do pensamento, enfatizando o papel da experiência subjetiva de quem está construindo seu objeto de pesquisa. Tal intuito é o de conceber essa construção como um processo que, por vezes, é lento e que necessita de sucessivos retoques.

Dentro do âmbito das humanidades, muitos dos trabalhos científicos passaram a viabilizar uma prática frutífera em torno da contextualização do ambiente em que a pesquisa acontece. Esse elemento panorâmico diz respeito a um fator de extrema relevância na construção do objeto, pois diz respeito às características inevitavelmente influenciadoras da construção do objeto.

Em se tratando do nosso contexto social, temos presenciado uma relação mais do que contundente entre as pessoas e as plataformas de mídias sociais disponibilizadas por meio de ambientes digitais. Desde o surgimento do *smartphone* e das possibilidades mais viáveis de ter acesso à internet, cada vez mais se usa esse instrumento tecnológico para fazer uso de aplicativos de plataformas como Instagram, X (antigo Twitter), TikTok, dentre outras. Cada

uma delas possui características próprias por propiciarem funcionalidades que podem diferir das demais, porém existe um elo que estabelece uma união entre todas elas: a prática social da desinformação.

É bastante provável que já tenhamos nos deparado, em algum momento, com uma *fake news*, termo que ficou amplamente conhecido para o grande público após intensas disputas políticas nas eleições estadunidenses do ano de 2016. Tal período fomentou uma série de trabalhos relevantes e seminais para o estudo desse fenômeno, sendo um deles a pesquisa feita por Wardle e Derakhshan (2017), que se tornou leitura obrigatória para quem quer aprofundar o debate, especialmente por conta das distinções feitas pelos autores em relação à nomenclatura do fenômeno.

Bounegru *et al.* (2017)¹ construíram uma obra em formato de receita para sabermos lidar com esse fenômeno de uma maneira mais crítica. Já nesse período, os autores chegaram à conclusão de que a nomenclatura utilizada poderia ser contraintuitiva, considerando os usos que eram feitos por políticos. A citação a seguir busca exemplificar essa explicação:

Em meio à midiaticização e a esse intenso debate público, a preocupação sobre o termo “fake news” aumentou, e sugestões para afastá-lo foram feitas. Conforme mencionado na introdução, dentre outros fatores, as fake news podem ser vagas, politicamente perigosas (por serem usadas como uma tática por vários partidos) e indistinta de formas já conhecidas de manipulação política e de diferentes tipos de desinformação (Bounegru *et al.*, 2017, p. 199, tradução nossa)².

Dessa forma, os estudos passam a não mais abordar tal fenômeno sob a nomenclatura de *fake news*, mas sim em relação a um escopo mais específico em torno de diversas matizes de desinformação. Tal decisão não se trata de uma simples preferência de uso de termos, mas sim de uma adequação crítica, inclusive ao aparato teórico que se utiliza nesta pesquisa, conforme ilustra a citação abaixo:

O termo *fake news* têm sido majoritariamente associado às notícias e à política e, por conta do desgaste do uso feito por políticos a fim de desqualificarem seus adversários e a imprensa tradicional, têm se afastado de uma definição precisa. Além disso, o uso do termo não dá conta de outros fenômenos, tais como o discurso de ódio, já que este não é falso, mas visa causar dano. Dessa forma, preferir o uso do termo *fake news* poderia indicar uma forma de contribuir com as atitudes hegemônicas de políticos que querem criar realidades alternativas através da refutação de notícias jornalísticas de veículos tradicionais (Santiago, 2021, p. 34).

¹ Exceto quando indicadas, todas as traduções neste trabalho são de minha autoria.

² Amidst this intense public debate and mediatisation, concerns have been raised about the term “fake news”, and suggestions have been made to retire it. As we mention in the introduction, amongst other things, fake news has been said to be vague, politically dangerous (as it is appropriated as a tactical term by various parties), and indistinguishable from previous forms of propaganda, disinformation and misinformation.

Dessa forma, a preferência pelo uso do termo “desinformação”, que é mais amplo, ao invés de “*fake news*” denota uma postura mais crítica do ponto de vista da percepção pragmática quanto aos usos feitos dessas expressões. Por esse motivo, adotaremos o termo desinformação sempre que estivermos nos referindo a esse fenômeno que tem por objetivo manipular as pessoas por meio de informações falsas produzidas em plataformas de mídia social.

No âmbito das digitalidades, ler uma notícia ou buscar uma informação por meio de uma pesquisa em um buscador, por exemplo, são práticas que estão sendo fortemente afetadas por esse fenômeno, pois ao invés de as pessoas terem uma visão precisa sobre o conteúdo e se manterem informadas sobre o que ocorre no mundo, é necessário, antes de mais nada, saber se aquela informação é verdadeira ou falsa, se há algum jogo político manipulador por trás da forma como o texto foi escrito etc. Some-se a isso os problemas de ordem cognitiva em torno da passividade com que consumimos os conteúdos.

Esse cenário de grande incerteza viria a se tornar ainda mais robusto. Uma inesperada pandemia de covid-19³ trouxe à tona os grandes problemas da ordem da informação que estamos vivenciando nesse início de século XXI. Diante de um vírus respiratório que causou enormes perdas, tivemos de conciliar todos os desafios impostos pela severidade com que fomos atingidos por essa doença tanto do ponto de vista da saúde, mas também com a maneira com que as informações (muitas delas falsas) circulavam diariamente nas plataformas.

Em meio a ambientes cheios de ignorância, negacionismo e desinformação, as pessoas passaram a ter de conviver com esses obstáculos. Certamente, esse momento singular proporcionou, por um lado, diversas investigações científicas, que buscavam alertar para os cuidados com o vírus pandêmico por meio de profilaxias, tais como o uso de máscara, para evitar contágio/disseminação e, por outro, o negacionismo da ciência no ambiente digital, que ocorreu por meio de inúmeros ataques simbólicos à adoção de vacinas, por exemplo.

O discurso negacionista, nesse sentido, ganhou destaque quando olhamos para os impactos causados por essa prática de negação da ciência. A mudança climática e a hesitação/redução no índice de vacinação são alguns dos efeitos notáveis decorrentes desse

³ A pandemia de covid-19 se caracterizou por um surto global do vírus SARS-CoV-2. Os primeiros casos do novo coronavírus foram detectados na China, em dezembro de 2019, e a pandemia foi decretada em 11 de março de 2020. Em 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o status de emergência da doença. Mais de 7 milhões de pessoas (registradas) morreram em decorrência do vírus. No Brasil, o número de mortes foi de cerca de 700 mil pessoas, deixando o país em segundo lugar no ranking com maior número de vítimas (atrás apenas dos Estados Unidos da América, que teve 1,2 milhão). Para maiores informações, Cf. <https://www.who.int/europe/emergencies/situations/covid-19> e <https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths>.

discurso mais amplo que visa ganhar maior adesão a partir de inúmeras estratégias que buscam convencer as pessoas sobre uma outra possibilidade de narrativa quanto aos fatos.

Diante da ocorrência de fenômenos de cunho negacionista e desinformativo em ambiente digital, percebemos a necessidade de aprofundar o debate, para fins da presente tese de doutorado, sobre o que foi proferido, em particular, em torno da pandemia de covid-19, que se tratou de um momento histórico no qual o negacionismo científico foi assustadoramente (re)produzido pelos mais diversos atores sociais. Curiosamente, as pessoas agora têm mais acesso ao conhecimento, o que parece acontecer de uma maneira mais habitual do que em prévias épocas devido à possibilidade de acessar muitos conteúdos via *smartphone*. Tal possibilidade deveria nos munir com ferramentas capazes de distinguir certos traços desinformativos, mas isso não é o que acontece em muitos casos.

Harari (2015) afirma que a habilidade humana de construir universos em sua imaginação é uma das características mais peculiares da nossa espécie, haja vista que podemos pensar sobre algo que, materialmente, nunca existiu. Podemos, inclusive, não só pensar sobre uma determinada ação, mas tentar prever como ela seria recebida pelas pessoas, estejam elas inicialmente interessadas ou não no assunto em questão. Além disso, atualmente contamos com um grande universo digital de abstração imensa e que é inerente às vidas da maioria das pessoas na atualidade.

Essa capacidade de construção, que se mostra surpreendente considerando a chance de usá-la para a disseminação de conteúdos falsos, consegue viabilizar pensamentos/ações que possibilitam a criação de instâncias discursivas que se opõem, em certa medida, ao que conhecemos por materialidade real. Dentre as perspectivas que podemos destacar acerca dessas falsidades, queremos especificamente focar no conceito que será de basilar importância para o desenvolvimento deste trabalho, a saber o conceito de desinformação.

Esse fenômeno ganhou notória visibilidade nos últimos anos (especialmente pelo uso do termo *fake news*, no senso comum, estando ligado a questões políticas). No entanto, a chegada da pandemia exacerbou o uso que se fazia do termo desinformação em um cenário de infodemia⁴, que passou a apresentar características múltiplas (enganação por meio de mentiras que envolvem um fato, por exemplo) e que giram em torno de diferentes assuntos para além da política, oferecendo uma grande gama de caminhos para pensarmos os rumos da sociedade. Assim, vemos que o fenômeno da desinformação se mostra como uma relevante fonte de

⁴ Termo que passou a ser utilizado durante a pandemia para descrever grandes quantidades de informações falsas ou enganosas que causam confusão e comportamentos que podem prejudicar a saúde. Para maiores informações, Cf. <https://www.who.int/health-topics/infodemic>.

investigação científica em diversos contextos, pois se inter-relaciona intimamente com diferentes elementos, tais como política, saúde, religião, mídias sociais, dentre outras.

Ao comentar sobre o período pandêmico e o que ele tem provocado na sociedade, Morin (2021, p. 19) nos diz as seguintes palavras:

Essa crise inaugurada pela pandemia surpreendeu-me muito, mas não surpreendeu minha maneira de pensar; ao contrário, a confirmou. Pois, afinal, sou cria de todas as crises que meus 99 anos viveram. O leitor agora pode entender que, para mim, é normal esperar o inesperado, prever que o imprevisível aconteça. Entenderá que temo os retrocessos, que me preocupo com as explosões de barbárie e que detecto a possibilidade de cataclismos históricos.

É proveitoso notar que o autor caracteriza a pandemia como uma crise que transcende os aspectos da saúde e que ela será, potencialmente, a causadora de inúmeros retrocessos. De fato, temos visto enormes dificuldades para lidar com as consequências da pandemia de covid-19, especialmente as de caráter econômico, psicossocial e, acrescentaria, as de caráter digital. Durante a pandemia, os impactos na vida social potencializaram as maneiras como lidamos com a informação. O cataclismo histórico a qual o autor se refere acontece no modo como a sociedade se estrutura, pois vemos uma forte tentativa de separação (ideológica, racial, de classe e de território) que é ainda mais acentuada que outrora.

Muito embora todos esses problemas já existissem antes da pandemia, torna-se perceptível que eles se ampliaram de tal forma que fica bastante evidente que o período pandêmico influenciou o aumento dessa divisão social. O ambiente digital nos parece um ponto de confluência entre todos esses problemas, haja vista que, especialmente durante o período pandêmico, as pessoas usaram em grande quantidade o ambiente digital, sobretudo por meio das plataformas de mídia social.

Sobre esse aspecto, Morin (2021, p. 48) nos salienta que “[...] tudo indica que a propagação digital [...] vai perdurar. Os dispositivos digitais são ao mesmo tempo instrumentos de liberdade e instrumentos de servidão. A internet permite a livre expressão, que vai da criatividade ao delírio nas redes sociais”. A partir dessa citação, podemos entender que o ambiente digital ganhou proporções extremamente antagônicas quanto ao que é realizado nesses espaços: uma mesma ferramenta serve para informar e salvar vidas, mas também para desinformar e promover a morte. Por essa razão, o agenciamento (capacidade de pensar e agir criticamente) no ambiente digital é uma questão fundamental para a discussão sobre os processos que ocorrem digitalmente.

Ainda sobre a pandemia, Harari (2020, p. 86-87) comenta que:

[...] a covid-19 não representa apenas uma crise de saúde. Dela resulta uma grande crise política e econômica. Tenho menos medo do vírus do que dos demônios interiores da humanidade: ódio, ganância e ignorância. Se as pessoas colocarem a culpa pela epidemia nos estrangeiros e nas minorias; se as corporações gananciosas importarem-se apenas com os lucros; e se acreditarmos em toda sorte de teoria da conspiração, será muito mais difícil superar esta epidemia, e mais tarde viveremos em um mundo envenenado por esse ódio, essa ganância e essa ignorância.

Esse pensamento em tom profético, ainda proferido no início da pandemia, vem traduzir a sensação provocada ao longo desses últimos anos: a de uma enorme crise social que se intensifica através da ausência de cooperação entre as pessoas. Essa crise ocorre mediante a propagação intensa de ódio, ganância e ignorância, que, nas palavras do autor, são muito mais perigosos do que o próprio vírus causador da pandemia. Passados alguns anos, vemos que a pandemia não nos tornou pessoas mais sensíveis às dores de outrem, pois continuamos a fazer uso dessas práticas.

Por essa razão, Harari (2020, p. 76) nos diz que “O problema é que, nos últimos anos, políticos populistas em muitos países – incluindo países democráticos – têm deliberadamente solapado a confiança das pessoas na ciência, na mídia e nas autoridades públicas”. Dessa forma, percebemos que diante de tantos problemas de ordem da saúde, surgem também problemas advindos de outras esferas, que é o caso da confiança mútua entre as autoridades políticas, por exemplo. Além disso, a desconfiança na ciência é também algo muito grave em períodos de grande necessidade do conhecimento científico, como foi o da pandemia. Por essa razão, o desgaste em torno das mídias sociais cheias de campanhas desinformativas que denunciavam o “encobrimento” dos reais dados sobre a pandemia tornou a situação ainda mais difícil de ser conduzida.

A fim de perceber o que a literatura científica tem a nos dizer a respeito da discussão acima, realizamos buscas em bancos de dados de pesquisas científicas nacionais/internacionais e em buscadores da internet. No que tange à produção científica sobre desinformação, no exterior, o trabalho de Broda e Strömbäck (2024) fez um apanhado de revisão sistemática de literatura sobre o que foi produzido acerca das diferentes nomenclaturas do fenômeno da desinformação entre os anos de 2010 e 2021 por meio da análise de 1261 artigos científicos. Os resultados mostraram que a maioria dos trabalhos enfoca a prevalência, disseminação, detecção ou características desse fenômeno.

A obra compilada por Rogers (2023) traz inúmeros artigos sobre o fenômeno da desinformação dentro da perspectiva das plataformas de mídia social, considerando o que ele chama de *deplatforming* (deplataformização), isto é, a moderação de conteúdo nas plataformas.

A obra enfatiza que a pesquisa em desinformação requer debate sobre a qualidade da informação, de uma forma geral, e a moderação de conteúdo deve colocar as fontes “relevantes” no topo das buscas, bem como discutir o que significaria o termo relevante. Além disso, é Rogers (2024) quem também aborda a *hashtag* como um objeto digital⁵, cuja discussão será fundamental para a construção de nosso objeto de pesquisa.

No Brasil, muitas pesquisas estão sendo produzidas sobre esse fenômeno, independentemente da nomenclatura utilizada. Recuero e Soares (2022) pesquisaram sobre a desinformação sobre vacinas no período de pandemia de covid-19 por meio de análise de uma *hashtag*. Os achados indicaram que políticos e contas hiperpartidárias tiveram uma influência significativa para validar o discurso populista da presidência brasileira por meio de pseudociência e denúncias antivacina.

A pesquisa de Pinheiro (2022) trata do fenômeno das *fake news* no período pandêmico a partir de uma discussão epistemológica sobre o processo de produção e disseminação de (in)verdades em redes sociais. Diante das complexidades tecnológicas, o autor conclui que uma educação crítica é necessária para lidar com informações que circulam nas redes sociais.

Para além disso, com relação, especificamente, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, podemos constatar que, dentro do âmbito da linha de Linguística Aplicada, algumas produções têm ido ao encontro desta proposta de pesquisa dentro do grupo de pesquisa Digital⁶, abordando temáticas como manipulação discursiva através de *fake news*, narrativas conspiratórias em mídias digitais, dentre outras.

Todos esses estudos estão vinculados ao projeto guarda-chuva “Pandemia de COVID-19: fake news, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio”⁷ (Araújo, 2021), coordenado pelo Prof. Júlio Araújo. O referido projeto está em desenvolvimento no grupo de pesquisa DIGITAL e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

A dissertação de Sousa (2024), por exemplo, buscou analisar a maneira pela qual as narrativas conspiratórias, publicadas no site Mídia sem Máscara, induzem crenças conspiratórias acerca do contexto pandêmico de covid-19 em seus interlocutores. Como resultado, a autora aponta para estruturas léxico-semânticas associadas a duas grandes

⁵ Rogers (2024) entende a *hashtag* (e outros objetos) como um objeto digital a partir da compreensão de que ela é nativamente digital. Tal escolha nos proporciona estudar o fenômeno da desinformação por meio desses objetos.

⁶ Grupo de Pesquisa em Discursos e Digitalidades, da Universidade Federal do Ceará, liderado pelo Prof. Dr. Júlio Araújo. Para maiores informações, Cf. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6229653662295441> e <https://www.instagram.com/digitalufc/>.

⁷ O referido projeto está cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC sob o número de processo 23067.032790/2021-56.

representações mentais recorrentes: a pandemia como pretexto para a implantação de ações conspiratórias e a outroapresentação negativa.

Além dessa, a pesquisa de doutorado de Santos (2024) buscou analisar a manipulação discursiva empreendida por meio da construção de representações sociais na prática da desinformação sobre o sistema eleitoral brasileiro no contexto das eleições presidenciais de 2022. Como resultado, o autor aponta que os sujeitos que praticaram desinformação, majoritariamente oriundos de grupos político-ideologicamente situados na extrema direita e com forte potencial de distribuição de conteúdos, fizeram emergir temas relacionados à fraude no processo de votação e de apuração, bem como outros fatores.

Portanto, vemos que há uma produção acadêmica em torno do fenômeno amplo da desinformação que possui uma base em crescimento dentro do programa. Este trabalho de tese visa fazer parte deste grupo de investigações e contribuir para o avanço na inteligibilidade sobre essas temáticas afins, mais especificamente a respeito da desinformação durante o período da pandemia de covid-19, a partir de uma proposta transdisciplinar que possibilite o avanço nesse conhecimento tão significativo para o contexto atual de nossa sociedade. Ademais, há uma proveitosa discussão científica, especialmente nas ciências da linguagem, sobre os desdobramentos da desinformação (Santiago; Araújo, 2022, Hissa; Gomes, 2024).

Levando essas pesquisas em consideração, podemos postular que a prática social da desinformação congrega elementos importantes para a caracterização desse fenômeno, sobretudo os da ordem de produção, distribuição e consumo das informações dos textos desinformativos que circulam nas plataformas. Tais elementos são indispensáveis para problematizar a noção de desinformação.

Diante desse breve compilado de pesquisas empreendidas sobre o fenômeno da desinformação, nota-se que, muito embora haja uma forte preocupação, como vimos, em torno da busca em teorizar sobre a concepção de um fenômeno, seja ele a desinformação, o negacionismo, as *fake news* ou qualquer outra nomenclatura utilizada, por vezes sente-se falta de abordagens que possam dar uma maior profundidade ao aspecto digital, isto é, as possibilidades das práticas nativas dos usuários nessas plataformas de mídia social.

Por essa razão, caberia a quem pesquisa desinformação empreender o uso de ferramentas que buscassem os resquícios deixados pelos usuários a partir do uso das *affordances*⁸ disponibilizadas por essas plataformas, pois, afinal de contas, não se pode desvinculá-las à desinformação que delas resultam. O uso de *hashtags*, por exemplo, torna-se

⁸ Funcionalidades que as plataformas disponibilizam aos usuários, tais como o uso de *hashtags*, botões com reações emotivas (gostar, amar, ficar com raiva etc.), a possibilidade de compartilhar conteúdos, dentre outras.

uma das notáveis maneiras de captar os recursos linguísticos colocados em prática nesses textos, pois esses marcadores encapsulam temas desinformadores. Assim, uma perceptível lacuna que se pode mencionar acerca dos trabalhos sobre desinformação é a ausência de teorização sobre as *affordances*, em particular ao uso de *hashtags*, que, acreditamos, podem lançar luz sobre o fenômeno da desinformação, bem como as implicações que determinados usos podem causar, como a ignorância sociodigital.

O conceito de *hashtag* a ser discutido mais adiante nos fundamentos teóricos manterá uma forte aproximação com o que postula Rogers (2024) acerca dos objetos digitais. Dessa forma, ela será entendida a partir do conceito de objeto digital, inicialmente, para então podermos lançar nossa própria proposição acerca do significado da *hashtag*, caracterizando-a como um objeto digital desinformativo, que é a ideia central deste trabalho doutoral.

Para tanto, propomos uma interface teórico-metodológica transdisciplinar entre o campo da Análise de Discurso Crítica (ADC), o campo de estudos sobre a ignorância, conhecido como Agnotologia, e a abordagem metodológica conhecida por métodos digitais. Compreendemos que da ADC podem ser extraídas tanto uma teoria, que, em nosso caso, diz respeito à abordagem dialético-relacional, mas também um método, a saber a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), ambos propostos por Fairclough (2001, 2003).

Tal proposição nos leva a assumir uma postura que busca estabelecer um diálogo transdisciplinar entre esses três campos. O envolvimento entre os conceitos pertinentes a cada um desses campos será mais bem detalhado na seção de fundamentação teórica, ocasião em que discutiremos essa proposta de interface. Nesse sentido, buscamos adotar a visão discursiva do campo da ADC, bem como da perspectiva digital dos métodos digitais.

Com base nas discussões empreendidas até aqui, delimitamos como objeto central desta tese a *hashtag* como potencial objeto digital desinformativo, entendendo-a como um vetor linguístico-tecnológico que participa ativamente da (re)produção de discursos negacionistas durante a pandemia. Ao investigar sua circulação e configuração funcional em plataformas digitais, pretendemos lançar luz sobre os mecanismos discursivos que estruturam a desinformação contemporânea. Para tentar dar conta desse objeto, lançamos aqui os eixos sustentadores desta investigação por meio do Quadro Norteador de Pesquisa (QNP):

Figura 1 – Quadro Norteador de Pesquisa (QNP)

QUESTÃO CENTRAL	SUPOSIÇÃO CENTRAL DE TRABALHO	OBJETIVO GERAL
De que forma a <i>hashtag</i> pode ser usada como um objeto digital desinformativo em torno da pandemia de covid-19 na plataforma Instagram?	A <i>hashtag</i> pode ser usada como objeto digital desinformativo por meio da (re)configuração do propósito funcional, dos processos interdiscursivos e da construção da ignorância sociodigital.	Investigar de que forma a <i>hashtag</i> pode ser usada como objeto digital desinformativo em torno da pandemia de covid-19 na plataforma Instagram.
DESDOBRAMENTOS		
QUESTÕES ESPECÍFICAS	SUPOSIÇÕES ESPECÍFICAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
1. Como se caracteriza a (re)configuração do propósito funcional da <i>hashtag</i> ?	1. A (re)configuração do propósito funcional da <i>hashtag</i> é realizada a partir do caráter (anti)programa.	1. Analisar a (re)configuração do propósito funcional da <i>hashtag</i> a partir do caráter (anti)programa.
2. Qual o papel dos processos interdiscursivos que influenciam a prática social de desinformação?	2. O papel dos processos interdiscursivos se dá mediante alusão a palavras-chave simbólicas identitárias.	2. Descrever o papel dos processos interdiscursivos mediante alusão a palavras-chave simbólicas identitárias.
3. De que forma a construção da ignorância sociodigital interfere no posicionamento dos usuários?	3. A construção da ignorância sociodigital interfere no posicionamento dos usuários por meio da negação da ciência.	3. Analisar como a ignorância sociodigital interfere no posicionamento dos usuários por meio da negação da ciência.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Araújo, Dieb e Costa (2017).

A partir dessas considerações iniciais, estruturei os eixos orientadores desta tese com base no Quadro Norteador de Pesquisa acima exposto, que será operacionalizado nos capítulos seguintes. A seguir, apresento a fundamentação teórica, que sustenta os conceitos centrais mobilizados por esta investigação. A divisão em subseções visa facilitar a apreensão dos conceitos e conceder maior fluidez à leitura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo de fundamentação teórica, optamos por abordar teorias/conceitos relevantes para a nossa pesquisa de maneira separada em subseções. Dessa forma, iniciaremos o percurso através do debate sobre o campo da Análise de Discurso Crítica (ADC), em particular sobre a abordagem dialético-relacional; em seguida, comentaremos sobre os conceitos de desinformação, prática social, plataformas de mídias sociais, algoritmos, ignorância (na visão da Agnotologia) e objetos digitais formados por *hashtags*.

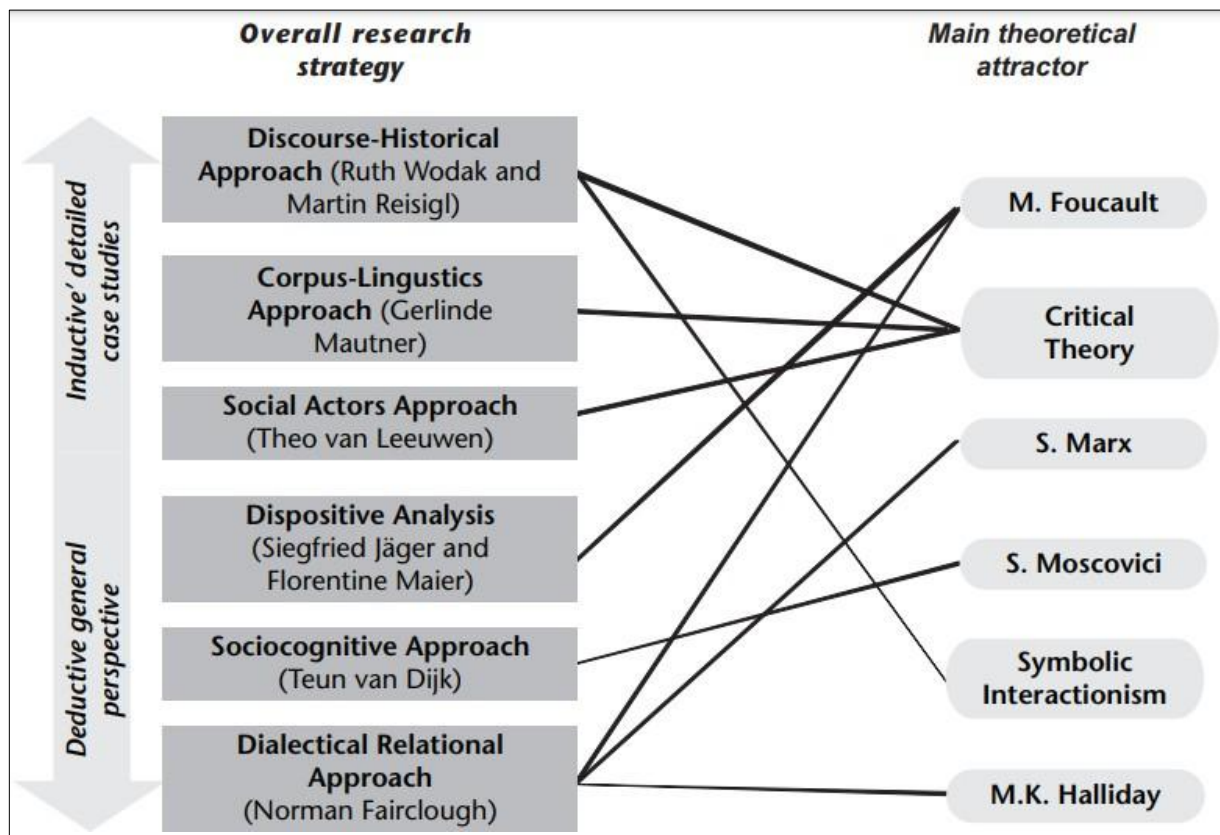
2.1 A Análise de Discurso Crítica (ADC)

A ADC, portanto, se trata de um campo teórico complexo, fundado em princípios da Teoria Crítica e nos estudos discursivos. Dentro desse campo, que é amplo e multifacetado, a abordagem dialético-relacional proposta por Fairclough (2001; 2003) nos chama a atenção por ser uma abordagem voltada para a relação entre discurso e sociedade, que dá enfoque à mudança social. Tal pensamento nos permite partir de uma concepção crítica em relação à análise discursiva/social de textos que são disseminados em variados espaços do ambiente digital.

Diante dessa discussão, é importante também ter em mente que a adoção de uma teoria deve se dar de maneira metódica e sistemática, porquanto orientará todo o desenvolvimento analítico da investigação, tendo em vista o objeto que foi construído: a *hashtag* como um objeto digital desinformativo. A ADC, consideramos, se trata de um campo fértil para a análise desse objeto, considerando o foco na relação entre discurso e sociedade, o que permite utilizá-los em torno das práticas sociais mediadas por tecnologias digitais.

O grande número de teorias e de abordagens, por vezes, dificultam a escolha mais apropriada para se trabalhar com o objeto construído. Exemplo disso são as diversas abordagens que fazem parte do campo da ADC (que por si só já é uma das várias teorias discursivas). A figura abaixo informa o nome de cada uma delas, quem a idealizou, as respectivas bases epistemológicas, bem como o *continuum* de dedução/indução.

Figura 2 – Abordagens da Análise de Discurso Crítica e suas respectivas bases epistemológicas



Fonte: Wodak e Meyer (2009, p. 20).

A abordagem que se encontra mais abaixo na imagem é a dialético-relacional, de Fairclough (2001; 2003). Seu pensamento se baseia em alguns dos principais teóricos das ciências humanas e sociais, partindo da definição de conceitos importantes, tais como o de discurso, e postulando refinamentos desses conceitos a fim de atualizá-los em torno de mudanças que estivessem mais condizentes com sua proposta de análise discursiva.

Conforme Pimenta e Magalhães (2024), as abordagens da ADC ora convergem, ora divergem quando se comparam suas perspectivas. A depender do objeto de pesquisa, essas abordagens podem ser usadas de forma individual e/ou complementar. Para esta investigação, acreditamos que a abordagem dialético-relacional dê conta de nosso objeto de pesquisa pelo fato de que ela se constrói em torno da perspectiva de mudança social, o que é um dos elementos que favorecem a explicação do fenômeno da desinformação em objetos digitais desinformativos em plataformas de mídias sociais, conforme articulado mais adiante. Além disso, essa abordagem elucida o caráter das práticas sociais, o que confere grande relevância para o estudo sobre os fenômenos que decorrem das digitalidades.

Apesar de sermos instruídos de que as proposições acadêmicas em nossas pesquisas possam ocorrer a partir da contribuição de qualquer teoria, desde que haja a devida fundamentação, não há dúvidas de que há certas teorias/abordagens que se aproximam mais dos nossos objetos. Pensando assim, as teorias que estudamos e sobre as quais já dispomos de algum conhecimento costumam ser as que são adotadas por quem pesquisa. Dessa forma, é extremamente importante se situar academicamente e perceber o que os outros campos estão fazendo nas outras áreas científicas, especialmente quando se considera a possibilidade de efetuar uma pesquisa transdisciplinar. Assim, adoto a postura de um linguista aplicado crítico.

O Digital, grupo de pesquisa em que este trabalho se insere, tem buscado analisar a relação entre discursos e digitalidades a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que se baseia, em grande medida, na ADC, principalmente nas ideias faircloughianas e van dijkiâneas, dando ênfase a temáticas como desinformação, negacionismo científico, manipulação discursiva, narrativas conspiratórias, estudos sobre necroalgoritmização, Inteligência Artificial (IA), dentre outras.

Como explicado, nossa perspectiva é a de usar conceitos teóricos como ponto de partida, valendo-nos do conhecimento já produzido, para poder propor novas ideias, novas relações e novas interfaces, afinal de contas a própria epistemologia dos estudos críticos (Fairclough, 2003) pressupõe esse fazer preocupado em se engajar com a área em que se estuda e com outras especialidades adjacentes. A ADC, nesse sentido, se configura como uma proposta de natureza transdisciplinar que advoga da ideia de estabelecer, teórica e metodologicamente, relações fecundas com outras áreas científicas na tentativa de aproximar os saberes para a inteligibilidade dos problemas linguísticos/sociais sobre os quais discutimos.

Segundo Fairclough (2001), o discurso serve para a manutenção de hegemonias/ideologias. Cremos que seja exatamente isso o que acontece com a desinformação, pois as camadas menos prestigiadas da sociedade, por exemplo, se veem diante de uma série de informações falsas sem ter o letramento específico para lidar com essa novidade, o que as deixa vulneráveis em relação às pessoas que têm algum conhecimento. Em outras palavras, a prática social da desinformação pode ser entendida como uma investida de manutenção de poder, haja vista que inviabiliza a distribuição de informações factuais.

Esse conceito tão caro à formação teórica dessa abordagem trata-se de uma contribuição advinda de Foucault (2008), cujo entendimento se dá a partir de seu pensamento sobre

as relações de poder imbricadas na sociedade. Para o autor, discurso é “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo-espço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições do exercício da função enunciativa” (Foucault, 2008, p. 136).

Apesar de a compreensão sobre essa definição não ser tão simples, a citação nos permite concluir que o autor esteja preocupado em demonstrar como esse conceito que ele chama de discurso se aplica às relações sociais, considerando múltiplos fatores e percebendo como essas condições da função enunciativa se dão. Tendo como inspiração as relações de poder, o autor produz uma extensa obra acerca de como o discurso atravessa tais desigualdades em termos das hegemonias instauradas entre certos grupos sociais.

Há uma nuance importante a ser considerada quando falamos sobre discurso, que é a sua capacidade dinâmica de transformação, isto é, sua adaptabilidade às transformações linguísticas e sociais que inevitavelmente vão acontecendo ao longo do tempo. O ambiente digital, por exemplo, é um elemento de suma importância para a caracterização dos discursos, pois se trata de um ambiente amplamente profícuo para a sua (re)produção, considerando todas as funcionalidades disponíveis.

A partir dos estudos foucaultianos, diversas abordagens da ADC irão discutir o conceito de discurso, em uma perspectiva originalmente mais centrada no escopo filosófico, mas que se adapta de acordo com as propostas das distintas abordagens que compõem esse campo. A abordagem dialético-relacional, que será utilizada neste trabalho, parte dessa noção basilar de discurso e tenta ir um pouco além da análise das assimetrias sociais, buscando perceber o caráter da mudança social. Poderíamos dizer, então, que Fairclough (2001) dá continuidade aos estudos discursivos, porém com uma perspectiva diferente. Sua preocupação inicial é a de averiguar como linguagem e poder estão relacionados com vistas à possibilidade de mudança discursiva/social.

Para tanto, Fairclough (2001) propõe um modelo analítico (Modelo Tridimensional) que congrega três elementos específicos da análise discursiva: texto, prática discursiva e prática social. Para esse autor, “[...] discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 91). Tal definição implica considerar o discurso como possibilitador da compreensão do mundo a partir da sua própria constituição, isto é, o discurso torna possível a apreensão do mundo e a construção que se faz sobre ele.

Resumidamente, esse modelo pressupõe uma análise linguística/social que se baseia em um texto (unidade mínima de análise), levando em consideração aspectos de natureza discursiva e não discursiva na qual esse texto se insere. Seu método de análise, conhecido como ADTO (Análise de Discurso Textualmente Orientada), viabiliza uma análise discursiva crítica sobre diversas categorias analíticas possíveis, tais como interdiscursividade, vocabulário, coesão etc.

Em momento posterior, Chouliaraki e Fairclough (1999) refinam o conceito de discurso, passando a concebê-lo como um elemento das práticas sociais:

Usaremos o termo ‘discurso’ para nos referirmos aos elementos semióticos das práticas sociais [...] incluindo a língua(gem) [...], comunicação não verbal [...] e imagens. O conceito de discurso pode ser entendido como uma perspectiva particular dessas múltiplas formas de semiose, percebendo-as como momentos das práticas sociais em articulação com outros momentos não discursivos. As práticas sociais sempre são maneiras de interagir socialmente, formas de as pessoas agirem (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 38, tradução nossa)⁹.

A citação acima pressupõe um caráter ainda mais voltado para as questões sociais, pois alia o conceito de discurso ao de prática social, cuja compreensão pode ser vista em outra citação abaixo:

Assumimos que as práticas têm três principais características. Primeiramente, elas são formas de produção da vida social [...]. Em segundo lugar, cada prática está localizada dentro de uma rede de relações a outras práticas, e essas relações ‘externas’ determinam a constituição ‘interna’. Por fim, as práticas sempre têm uma dimensão reflexiva [...]. As sociedades modernas desenvolveram práticas que são altamente complexas em suas formas e em relações sociais de produção [...] (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 22, tradução nossa)¹⁰.

As práticas, vistas como maneiras habituais de agir socialmente, revelam uma dimensão importante para a análise discursiva, pois cada prática possui distintos elementos que se interrelacionam (sendo um deles o discurso). Dessa forma, é importante não só focar no aspecto semiótico/linguístico de uma prática social, mas também nos outros elementos constituintes dela,

⁹ We shall use the term ‘discourse’ to refer to semiotic elements of social practices [...] includes language [...], nonverbal communication [...], and visual images. The concept of discourse can be understood as a particular perspective of these various forms of semiosis – it sees them as moments of social practices in their articulation with other non-discursive moments. Social practices are always ways of socially interacting – ways for people to act [...].

¹⁰ We take practices to have three main characteristics. First, they are forms of production of social life [...]. Second, each practice is located within a network of relationships to other practices, and these ‘external’ relationships determine its ‘internal’ constitution. Third, practices always have a reflexive dimension [...]. Modern societies have developed practices which are highly complex in their forms and social relations of production [...].

tais como a (inter)ação, as relações sociais, a atividade material etc. Portanto, esta pesquisa assumirá essa relação entre a concepção de discurso e a conceituação feita em torno das práticas sociais.

Por outro lado, o aspecto crítico advém da escola de Frankfurt (Teoria Crítica) a partir dos estudos produzidos acerca de uma forma específica de encarar o conhecimento dentro de uma perspectiva de contestação da realidade, isto é, uma maneira científica de falar sobre os problemas sociais em um sentido mais emancipatório. Esse princípio epistemológico viria a servir para distintas abordagens críticas nas ciências humanas/sociais, caracterizando o aspecto engajado e compromissado em desvelar assimetrias de poder. A citação abaixo ilustra esse pensamento:

Do ponto de vista crítico, portanto, a análise do existente a partir da realização do novo – que se insinua no existente, mas ainda não é – permite a apresentação de “como as coisas são” enquanto obstáculos à realização das suas potencialidades melhores: apresenta o existente do ponto de vista das oportunidades de *emancipação* relativamente à dominação vigente (Nobre, 2011, p. 3, grifos do autor).

Quando Nobre (2011) diz que um dos sentidos fundamentais da crítica é ter esse determinado ponto de vista entre a potencialização e a realização, ele se refere ao que chamamos do plano potencial, em que nós analistas buscamos perceber os fenômenos do ponto de vista dos efeitos sociais que estão sendo causados por meio de diversos obstáculos (hegemonias, por exemplo), bem como do plano realizável, que diz respeito à característica epistemológica da ADC de busca por emancipação, destacada pelo autor.

Por se inserir no escopo das ciências críticas¹¹, é importante atentar às características que a ADC assume ao fazer parte desse campo. Segundo Wodak (2005), as ciências críticas podem ser definidas em função de três traços epistemológicos: o denunciativo (descrição do processo de encobrimento naturalizado, em geral situações de opressão, bem como suas causas e efeitos), o engajado (realização do caráter reflexivo e posicionamento político) e o pedagógico (compreensão das coerções ocultas que os atores sociais sofrem e consequente mudança social).

Trazendo essas características para a nossa pesquisa, poderíamos dizer que o aspecto denunciativo se dá pelo grave problema desinformativo acerca das medidas sanitárias, tais como as postagens contra a vacinação, em torno da pandemia de covid-19; o engajado diz respeito à

¹¹ O termo “crítica” aqui se refere à maneira pela qual o estudo é conduzido, isto é, a partir de um determinado campo de pesquisa. Assim, é importante considerar que todas as ciências, do ponto de vista da condução das pesquisas, são críticas, e evitar a ideia de que haveria ciências acríicas.

reflexão dessa problemática, em particular sobre as questões de cunho digital; o pedagógico gira em torno da relação entre as manipulações sofridas pelos usuários e as possibilidades de mudança.

A seguir, damos continuidade ao percurso teórico por meio de uma discussão sobre os aspectos de ordem mais ligadas aos ambientes digitais, porém, antes disso, iniciemos o debate sobre o conceito de desinformação a partir de uma problematização histórica que se encaminha em direção ao contexto que estamos vivenciando atualmente.

2.2 Desinformação: uma prática social

Pensar o universo digital se caracteriza como um dos grandes desafios da contemporaneidade. Por que somos tão impelidos a fazer uso de diversas ferramentas digitais que potencialmente estão provocando sérios problemas de ordem social? Por que continuamos a fazer uso delas mesmo diante de inúmeras provas que elas têm prejudicado desde a saúde mental de pessoas, passando pelas tentativas de ataques à democracia e à ciência, bem como a promoção da morte diante de um momento pandêmico tão delicado? Esses provocantes questionamentos servem como ponto de partida para a desafiante tarefa de debater o fenômeno da desinformação nas plataformas de mídia social.

Para começar a entender os motivos pelos quais vivenciamos tantos problemas de grande magnitude, é interessante, do ponto de vista histórico, retroceder alguns séculos e estabelecer uma comparação do momento atual que vivemos com o que as pessoas viviam na época de Galileu, figura emblemática na relação entre ciência, religião, desinformação e afins, famoso por suas declarações desestabilizadoras e por sua visão científica em um período em que a ciência, tal como concebemos hoje, ainda não existia. Essa volta ao passado, acreditamos, pode auxiliar na compreensão de algumas ideias atuais sobre esse fenômeno.

Pouco tempo depois da Idade Média, mais precisamente por volta do século XVI e XVII, houve um momento histórico de suma importância para a compreensão das ideias até aqui abordadas. A difusão do conhecimento era (e de certo modo ainda é) muito restrita a determinadas classes sociais e a certas instituições (tais como a igreja, por exemplo), isto é, uma forma hegemônica de construção do pensamento, em particular o ocidental. Hoje em dia, percebemos também novas formas hegemônicas se (re)produzindo no ambiente digital por meio da intervenção feita por usuários mal-intencionados que buscam difundir narrativas conspiratórias.

Nesse cenário de outrora, praticamente ainda não havia livros impressos, e o acesso às obras era bastante raro, pois somente poderia ser feito por pessoas de altos cargos e religiosos da igreja católica. Aliás, para um período em que quase não havia ainda o desenvolvimento científico, era improvável duvidar das ideias que eram defendidas por livros religiosos, pois eles são tidos como textos sagrados e incontestáveis por seus fiéis. Nesse sentido, nota-se uma nuance muito similar entre o teor anticientífico no passado e no presente¹², deixando as pessoas à margem do conhecimento produzido pela humanidade, como tem sido o caso das campanhas antivacina.

Um personagem histórico que sentiu esses efeitos, talvez como poucos, foi Galileu Galilei. Lembrado pela associação a lunetas e telescópios, Galileu foi um grande crítico das ideias de seu tempo, tais como a da famosa aceitação do modelo geocêntrico (terra no centro do sistema solar), que era defendida pela igreja católica. Nesse sentido, é possível postular que Galileu tem, ainda que minimamente, uma relação com o que viriam a ser os pressupostos da ADC, pois o campo se funda, séculos mais tarde, em uma perspectiva emancipatória e crítica, atributos mais do que presentes nas ideias do autor italiano.

Considerado como um dos precursores do método científico, Galileu conseguiu elevar o nível de conhecimento da sociedade por meio da contestação das ideias religiosas (provando que ele estava certo e fazendo a igreja admitir) e é um dos primeiros exemplos que vem à mente quando debatemos essas questões, haja vista que:

Há uma impressionante semelhança entre algumas das questões religiosas, sociais, econômicas e culturais com as quais uma pessoa tinha que lidar no século XVII e aquelas com as quais nos defrontamos no século XXI. De fato, que história é melhor contar do que a de Galileu se queremos lançar luz sobre preocupações atuais, entre elas o debate em curso a respeito dos domínios da ciência e da religião, da defesa do ensino de ideias criacionistas e dos ataques desinformados ao intelectualismo e ao conhecimento? (Livio, 2021, p. 25).

Mediante citação acima, podemos pensar que as práticas sociais desse período encontram eco nas práticas atuais, pois reverberam o domínio e a extensão do conhecimento científico. O anti-intelectualismo se mantém, agora, em torno das produções massivas e intencionais de desinformação através de uma forte relação com a religião, mas principalmente

¹² Alguns trechos desta seção buscaram ter a preocupação de fazer comparações com o passado para ilustrar determinados fenômenos. O intuito não é o de fazer anacronismos, mas sim de constatar semelhanças entre diferentes períodos históricos.

com a política partidária realizada por pessoas de extrema-direita, como se vê no trabalho de Santos (2024).

Dessa forma, essas semelhanças não são meras coincidências. O contexto social atual, embora muito diferente do ponto de vista das tecnologias, perpetua uma série de relações de poder para além desse quase meio milênio. Que força é essa que consegue se manter ao longo de tanto tempo e, quiçá, tenha se tornado ainda mais poderosa? Muito embora a ciência tenha progredido enormemente desde então, por que ela sofre tantos ataques? A religião se prestaria a defender a ciência sob ataque ou, ao invés disso, estaria mais propensa a negá-la? Quem seriam os Galileus atuais? A religião seria agnotológica e, em alguma medida, desinformativa?

Essas reflexões são extremamente relevantes dada a conjuntura de nossa sociedade. É necessário aprofundar o debate não só sobre os motivos do estabelecimento das ideias hegemônicas, mas também sobre a sua manutenção apesar de grandes esforços anti-hegemônicos advindos das iniciativas em favor da ciência, tais como os que ocorrem por meio de divulgadores científicos. O embate entre as esferas da religião e da ciência começava a se demonstrar mais antagônico devido às tentativas contra-hegemônicas de Galileu. Como sabemos, “[...] seu julgamento ante a Inquisição foi a maior crise que o humanismo enfrentou durante o Renascimento, um confronto entre a racionalidade, um sistema de pensamento baseado na observação e na lógica, e outro que se assentava completamente na fé” (White, 2009, p. 34).

Através dessa alegoria que busca retomar algumas questões vivenciadas por Galileu, podemos perceber com grande evidência o que consideramos ser algumas das raízes do fenômeno da desinformação. Portanto, as ideias de negação da ciência em torno da desinformação podem ser traçadas a partir de séculos atrás (possivelmente mais além disso até) e perduram até o presente momento, reconfigurando-se e atualizando-se mediante as novas práticas sociais que ocorrem em nossa sociedade.

No momento de liberação da vacinação durante o período pandêmico, tivemos uma grande hesitação vacinal por uma série de fatores discriminados a seguir. Os argumentos antivacinação tinham como base, em particular, o tempo rápido de produção dessa vacina, o que significaria um grande risco para a saúde, tendo em vista que o tempo de produção de vacinas costuma ser bastante longo; a influência de figuras religiosas, como já mencionado, que associavam a vacinação a alguma heresia ou a personagens maléficos; a influência de médicos, que alertavam para os graves problemas acarretados pela vacina, como doenças cardiovasculares e, até mesmo, a

morte; os inúmeros vídeos compartilhados por incontáveis influenciadores digitais, que por conta de seu elevado alcance conseguiam espalhar significativamente as ideias contra a vacinação; os esforços de políticos, desde pessoas de baixo cargo até a figura representativa da presidência, que buscaram reduzir a aceitação da vacinação; de usuários de mídias digitais, que produziam e distribuíam todo tipo de postagens, vídeos, memes, narrativas conspiratórias etc. com o intuito de alertar a população sobre os riscos trazidos pela vacinação.

A longa lista acima não se pretende exaustiva, mas fica bastante evidente que todas essas barreiras dificultaram e muito a maneira como lidávamos com a situação pandêmica em seu auge, especialmente por estarmos desestabilizados emocionalmente, vivenciando um período de intensa disseminação de conteúdos falsos e sem saber muito bem a dimensão do que estava ocorrendo. O que todas essas manifestações têm em comum provavelmente gira em torno de uma prática social que se pauta na desinformação, que se caracteriza como um grave problema da sociedade por interferir na disseminação do conhecimento científico. Em um momento pandêmico, a desinformação passa a não ser somente uma forma cética de perceber o mundo, mas principalmente a de interferir com a ordem social ao propagar nos meios digitais uma série de inverdades.

Nesse sentido, é importante pensar que apesar de a desinformação estar bastante em voga, aqueles que adotam esse ideário nem sempre possuem as mesmas motivações. No senso comum, algumas pessoas mal saberiam explicar o que é desinformação, reduzindo-a ao pensamento de que se trata de ausência de informação. Por outro lado, há pessoas que sabem muito bem do que ela se trata, pois elas entendem como a desinformação opera, isto é, elas se apropriam das vulnerabilidades das pessoas (a falta de conhecimento e o medo são exemplos válidos) e exploram essas particularidades.

Dessa forma, a prática social de desinformação se alastra por meio das redes, buscando adeptos por meio de variadas estratégias. Bruck, Oliveira e Dos-Santos (2022, p. 15) comentam que “[...] enquanto está sendo gerado, o conhecimento científico está sendo checado e confrontado, e enquanto isso ocorre podem existir incertezas no meio científico. Isso pode trazer a impressão de fragilidade da ciência para a população leiga, geralmente ávida por certezas absolutas, o que a deixa refém de vendedores de ilusões”. Tal pensamento visa expor as vulnerabilidades às quais muitos atores sociais estão sujeitos, o que os mantém presos a uma manipulação que se pauta na concepção da existência de uma verdade absoluta.

Por tudo exposto acima, o conceito de desinformação utilizado neste trabalho partirá da seminal definição feita por Wardle e Derakhshan (2017, p. 20, tradução nossa): “[...] informação que é falsa e deliberadamente criada para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país”¹³. Tal definição continua a ser usada em muitos trabalhos investigativos por ser uma definição operacional do fenômeno. No entanto, pesquisadores têm buscado refinar esse conceito por meio de construção de interfaces, por exemplo, em suas investigações em ambiente digital com o intuito de contribuir com a definição.

Outra definição similar que nos é bastante cara é a teorização feita por Recuero (2024). Segundo a autora, o fenômeno da desinformação é fugidio de caracterização por nele haver elementos que confundem o leitor, haja vista que requer um conhecimento que nem sempre consta no texto desinformativo em questão. A citação abaixo elucida essa percepção:

Desinformação não é sempre um conteúdo falso, que é diretamente identificável pelas pessoas. Nem sempre é um conteúdo enganoso. E nem sempre, sequer, é um conteúdo falso. Para que se compreenda o que é desinformação, é preciso ir além da própria materialidade deste conteúdo e entender sua constituição, processo e efeitos nos sistemas sociais (Recuero, 2024, p. 13).

Nessa citação reside uma importante constatação, que é a de ter consciência do sistema desinformativo ao qual a desinformação se vincula. Nesse sentido, poderíamos traçar uma comparação com o conceito de prática social, visto anteriormente, no sentido de percebê-la como parte integrante de uma rede. Assim, a desinformação é um elemento de um sistema mais amplo. Além disso, a autora também alerta para a materialidade do conteúdo desinformativo, salientando que é necessário ir além dele para compreender seu processo de produção.

Nessa visão, a “[...] desinformação é uma informação cuja dimensão semântica foi corrompida, levando o sistema ao erro, o que não significa que a desinformação precise ser intencional, embora ela precise, sempre, não ser verdadeira” (Recuero, 2024, p. 28). Portanto, é preciso pormenorizar os mecanismos que corrompem essa dimensão linguística, descrevendo e analisando as razões pelas quais o processo semiótico sofre associações inexistentes/falsas.

Nesse sentido, como apregoa Santiago (2021), a prática discursiva/social de desinformação, sobre a qual o autor comenta, é uma possibilidade de perceber o fenômeno da desinformação através de uma perspectiva crítica discursiva, recorrendo-se a Fairclough (2001) e

¹³ Information that is false and deliberately created to harm a person, social group, organization or country.

seus postulados. Por essa razão, realizar uma análise discursiva também requer um olhar atento para os processos de como os textos ocorrem, em nosso caso, no ambiente digital.

Partindo da concepção ontológica do materialismo histórico-geográfico, de Harvey (1996), o termo prática diz respeito às maneiras como a vida social opera, ou seja, a sociedade é dividida em práticas (maneiras habituais de se fazer algo). Nesse sentido, essa perspectiva ontológica atravessa as análises em ADC por concebermos a vida social como resultado dessas práticas. Portanto, se vislumbrarmos que essas práticas podem ser alteradas, assim também será a vida social.

[...] a ADC concebe a vida social como um conjunto de práticas organizadas por meio de ações históricas e socialmente situadas, as quais tendem a ser realizadas de forma relativamente padronizada e legitimada, de modo que seus elementos constituintes são reconhecíveis e caracterizáveis (Silva *et al.*, 2020, p. 143).

A citação acima ilustra a percepção ontológica adotada também por Fairclough (2001) para a construção de seu conceito de prática social. Ao adotar essa concepção, o autor britânico busca postular os elementos que caracterizariam uma prática, o que culmina nos termos que ele enfatiza em sua proposta, considerando o discurso como um elemento da prática. Assim, a maneira pela qual se produz, se distribui e se consome um texto diz respeito ao pensamento faircloughiano em torno das mudanças sociais que poderão ocorrer mediante a interrelação desses elementos. Tal concepção é devidamente explicada por Chouliaraki e Fairclough (1999):

Uma prática pode ser entendida tanto como uma ação social [...] quanto com o que se cristaliza em uma permanência relativa. Essa ambiguidade é útil na medida em que sinaliza o posicionamento intermediário das práticas entre as estruturas e os eventos, entre estrutura e agência [...]. Assumimos uma visão dialética da prática [...] (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 21-22, tradução nossa)¹⁴.

É importante considerar a prática enquanto um elemento que é estruturante, mas que também é estruturado. Isso implica considerar um cunho mais abstrato para a sua caracterização, bem como um modo mais concreto em relação a sua efetivação. Dessa forma, a prática pode ser entendida como uma estrutura (contendo uma relativa solidez) e como um evento (uma ação).

¹⁴ A practice can be understood both as a social action [...], and as what has hardened into a relative permanency. This ambiguity is helpful in that it points to the intermediate positioning of practices between structures and events, structure and agency [...]. We take a dialectical view of practice [...].

Assumir uma perspectiva dialética significa, portanto, conceber a prática social como, simultaneamente, processo e produto.

Dessa forma, o conceito de desinformação, conforme proposto por Wardle e Derakhshan (2017), bem como a teorização feita por Recuero (2024), concebidos por meio do conceito de discurso e de prática social por Chouliaraki e Fairclough (1999) caracterizam um dos pilares sustentadores de nossa proposta teórica. A seguir, daremos início a uma discussão fundamental para compreender os fenômenos das digitalidades que mencionamos anteriormente. Baseando-se na concepção de Proctor (2008) sobre a ignorância, fazemos um breve apanhado sobre o sentido que esse termo passa a ganhar dentro do escopo da desinformação dentro das plataformas de mídia social, que são um relevante foco de pesquisa social nos dias atuais.

2.3 Agnotologia: a ignorância como virtude

Dentro da percepção que cada vez mais estamos tendo em torno dos processos que ocorrem nas digitalidades, julgamos ser pertinente articular como ocorrem os “impedimentos” ao conhecimento, isto é, como a privação ao conhecimento ocorre do ponto de vista científico. Essa é uma questão fundamental para o entendimento das dinâmicas sociais que, atualmente, estão acontecendo nessas plataformas de mídias sociais, pois a desinformação é uma maneira pela qual determinados atores sociais conseguiram “bloquear” o acesso ao conhecimento genuíno, ou seja, aquele verificável e que condiz com a realidade. Travestida de uma “outra forma de conhecimento”, a desinformação consegue manipular a maneira com que conhecemos as coisas, alterando, profundamente, nosso entendimento e como pensamos sobre o conhecimento, o que nos faz pensar sobre a quem interessa a (não) distribuição do acesso a fontes confiáveis.

Há poucos anos, passamos pelo período turbulento da pandemia em que diariamente havia a difusão de uma grande quantidade de informações, que tinha como objetivo convencer as pessoas a acreditarem que uma vacina, chancelada por diversas instituições da saúde e também por instituições acadêmicas de grande prestígio no âmbito local e internacional, poderia transformar um ser humano em um jacaré, que ela contém um “chip” e/ou que ela seria um plano de extermínio da espécie¹⁵.

¹⁵ Acepções desinformativas criadas por políticos/conspiracionistas ao longo da pandemia de covid-19. Algumas delas podem ser revisitadas a partir do link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-20/chip-na-vacina-virar-jacare-e-outros-mitos-criam-pandemia-de-desinformacao-na-luta-contra-a-covid-19.html>

Como se pode muito bem depreender a partir dessas suposições dignas do absurdo, faz-se necessário averiguar como essa prática social desinformativa consegue, tão produtivamente, convencer os mais diversos atores sociais (independentemente de seu nível de instrução) a aceitarem essas suposições estapafúrdias. Para tanto, cremos ser necessário recorrer aos estudos produzidos sobre a ignorância dentro da proposta da Agnotologia, ciência social que desponta como uma possibilidade de reflexão sobre esses atos sobre os quais falamos, tendo, como objeto de estudo, a ignorância.

A produção estratégica da ignorância, segundo Proctor (2008), tem a ver com a capacidade de articulação que os textos têm de intencionalmente produzirem ignorância em quem os lê. Tal nuance está relacionada não à ausência de informação ou conhecimento, mas sim à presença de uma construção discursiva que interpela o leitor a aceitá-la. Dessa forma, podemos conceber essa ignorância específica como um elemento fundamental da prática social da desinformação.

Essa ignorância particular, acreditamos, pode ser captada por meio dos enunciados que aparecem nessas construções, as quais chamaremos de objetos digitais desinformativos (ver subseção mais adiante). Como veremos, os enunciados nesses objetos estão intimamente ligados com questões de cunho político, o que inicialmente já aponta para uma forma de caracterização dessas produções desinformativas. Além disso, há um outro aspecto fundamental nessa conjuntura, que é a interrelação desses enunciados com outros elementos desses textos.

Quando se fala em Agnotologia, percebemos uma relativa ausência nas discussões acadêmicas sobre a desinformação. Trata-se de uma área pouco conhecida e que somente nas últimas décadas tem ganhado maior visibilidade nas pesquisas científicas por meio, sobretudo, de Proctor (2008), que faz um apanhado histórico comentando como os fabricantes da indústria do tabaco conseguiram associar o cigarro a uma forma de liberdade de expressão e a como investiram muito dinheiro (em campanhas de marketing e em experimentos científicos fraudulentos) para convencer a população de que não havia evidências de que o cigarro poderia trazer malefícios à saúde.

O autor comenta que “[...] a ignorância não deve ser vista como uma simples omissão ou lacuna, mas sim como uma produção ativa¹⁶” (Proctor, 2008, p. 16, tradução nossa). De fato, o exemplo a que ele recorre elucida uma questão do nosso tempo: as maneiras pelas quais a

¹⁶ [...] Ignorance should not be viewed as a simple omission or gap, but rather as an active production.

ignorância é construída ativamente nos textos. A prática social de desinformação é, sem dúvida, um facilitador para quem busca enganar as pessoas, considerando a facilidade com que se pode (re)produzir qualquer tipo de ideias possivelmente virais.

Dessa forma, parece-nos evidente que a Agnotologia se trata de uma área que enriquecerá o debate em relação a como a prática social de desinformação fomenta a construção de uma ignorância específica que está presente nesses objetos digitais desinformativos. Nesse sentido, acreditamos que essa abordagem seja útil para o aprofundamento da conceituação desses objetos e seus desdobramentos.

Portanto, é plausível postular que a Agnotologia deveria ser pensada a partir de uma forma crítica de enxergar os modos como o conhecimento é negado, (re)produzido ou ocultado. Para além disso, é fundamental também perceber como o conhecimento é usado a favor da manutenção de ideias hegemônicas que prejudicam a sociedade como um todo através do uso de práticas sociais desinformativas que podem se materializar em verdadeiras campanhas de destruição.

Similarmente ao que estamos discutindo, Tuana (2008) vai ao encontro da percepção das práticas sociais que resultam em alguma forma de ignorância, argumentando que um grupo pode desaprender algo pertencente ao domínio do conhecimento (científico). Nos vem à mente a presença maciça de desinformação sobre a vacinação durante a pandemia, situação em que muitas pessoas passaram a desacreditar essa medida sanitária importante em detrimento de uma série de narrativas. Dessa forma, a citação abaixo nos provoca para pensarmos sobre o porquê certas práticas resultarem em uma percepção anticientífica:

Se quisermos compreender bem as complexas práticas de produção do conhecimento e a variedade de elementos que explicam por que algo é conhecido, precisamos também compreender as práticas que explicam *não* saber, ou seja, nossa *falta* de conhecimento sobre um fenômeno ou, em alguns casos, uma explicação de as práticas resultarem em um grupo *desaprender* o que uma vez já foi domínio do conhecimento (Tuana, 2008, p. 108, grifos da autora, tradução nossa)¹⁷.

É notório que os elementos de produção, distribuição e consumo refletem características importantes dos textos, pois são marcadamente intrínsecos à produção destes.

¹⁷ If we are to fully understand the complex practices of knowledge production and the variety of features that account for why something is known, we must also understand the practices that account for *not* knowing, that is, for our *lack* of knowledge about a phenomena or, in some cases, an account of the practices that resulted in a group *unlearning* what was once a realm of knowledge

Dentre essas características, podemos citar os potenciais efeitos de sentido que os textos fomentam a partir da criação/circulação, as maneiras pelas quais esses textos são distribuídos e como determinados ambientes favorecem sua disseminação, bem como a interpretação de quem os recebe.

Um fator relevante para essa discussão pode ser visto a partir da pandemia de covid-19. Esse *status*, oficialmente iniciado em 11 de março de 2020, elevou ainda mais o uso de produções desinformativas, principalmente considerando a grande quantidade de textos falsos sobre possíveis curas, a ineficácia de vacinas, bem como da presença de teorias conspiratórias sobre o surgimento do vírus que causa a doença, como se vê em Santiago e Araújo (2023) e em Santos e Araújo (2023). Em 5 de maio de 2023, momento de escrita do projeto da presente tese, o *status* de fim de emergência da pandemia foi decretado.

Seja no início da pandemia ou nesse momento com caráter menos emergencial, percebemos que há um esforço social vigoroso das pessoas na tentativa de saber lidar com o fenômeno da desinformação, seja pelo fato de já terem sido afetadas por ela (tendo a consciência de sua existência e de seus efeitos), bem como na prevenção dessa prática. A partir dessas considerações, torna-se pertinente abordar alguns fatores sobre como a sociedade responde a essa questão de lidar com a desinformação.

Em primeiro lugar, é fundamental perceber os rumos que a sociedade tem tomado na modernidade posterior (Giddens, 1991). Estamos radicalmente transformando inúmeras perspectivas e rompendo com alguns elementos tipicamente caracterizados como tradicionais. A forma de acesso à informação/conhecimento e o tipo de informação/conhecimento a que temos acesso são, certamente, algumas das grandes transformações pelas quais estamos passando.

Os poucos cliques, os simples toques na tela ou até mesmo perguntas/comandos feitos por áudio podem solucionar se não todos, mas a maioria de nossos problemas. Verificar a temperatura, saber a cotação de uma moeda, buscar o resultado do jogo ou procurar um artigo científico para a construção de uma tese são apenas alguns exemplos rotineiros de ações que fazemos majoritariamente pelos ambientes digitais.

Além disso, tal acesso se esgarça para uma gama incrivelmente ampla e com aspectos tidos como mais sérios: uma compra de um item pessoal importante, informações científicas sobre um determinado fenômeno, atos feitos (ou não) por um político específico etc. O que se nota é que, independentemente da natureza de todas essas ações mencionadas, estamos colocando todas elas

no mesmo bojo sem nenhum tipo de filtro e tratando-as como uma verdade incontestável a partir de uma visão que nos parece acrítica/ingênua em alguns casos.

Por essa razão, a forma com que lidamos com a desinformação também se torna uma tarefa peculiarmente desafiadora em meio à gigantesca quantidade de informação que é produzida e recebida a cada instante, bem como às constantes manifestações da promoção da ignorância. Além disso, não é somente o aspecto quantitativo que dificulta o raciocínio diante das informações. A qualidade dessa informação, considerando aspectos de quem enuncia e em quais situações de comunicação, fomenta certos discursos, o que é um fator-chave na compreensão sobre lidar com a desinformação.

Neste ponto da discussão, ainda abordando sobre os fatores da modernidade posterior, é digno de nota dar-se conta de como o acesso a essas instâncias pode ser potencialmente modificado por uma série de vieses, os quais podem ser econômicos, políticos, religiosos, midiáticos, digitais dentre outros. Segundo Pariser (2011), a organização algorítmica nos coloca em bolhas de agrupamentos de pessoas com a mesma visão de mundo. Assim, é diferente o que pesquisadores da área da saúde e negacionistas extremistas recebem como resultados de uma busca sobre vacinação no YouTube, considerando as características prototípicas desses dois grupos que, em muitos casos, são antagônicas.

Dessa forma, a maneira com a qual lidamos com a desinformação se relaciona a todo esse ecossistema digital. Portanto, estamos diante de algo que nos restringe/limita a partir da forma como essa engrenagem funciona, selecionando conteúdos/informações que nos façam ter a certeza de que estamos do lado certo da história ou de que estamos convictos com o que está sendo exibido. Tal conclusão nos faz pensar que a discussão sobre desinformação não pode ser feita sem considerar o exame sobre as plataformas de mídia social, seus algoritmos e suas propriedades.

Em segundo lugar, a maneira como recebemos/interpretamos as informações também devem ser (re)pensadas diante dessas novas práticas desinformativas. A trivialidade, a instantaneidade e a sensação de urgência são algumas das características mais predominantes do *modus operandi* não só precisamente da desinformação, mas do ambiente digital enquanto sistema. Tais elementos, aliás, favorecem o surgimento de práticas desinformativas, pois a velocidade com que as informações são transmitidas atenua a importância de determinadas enunciações, o que gera a sensação de que muito embora um assunto esteja em pauta sendo amplamente discutido (*trending*), haverá, em seguida, um outro e assim sucessivamente. Essa intermitência auxilia na

desatenção do usuário, gerando uma forte perda de foco e de conseguinte pouca capacidade de discernimento.

Diante da ambiguidade que o termo ignorância poderia causar em torno de nossa proposta de criação de um conceito, acreditamos que seja pertinente elencar as principais acepções sobre o que esse termo significa. Tal intento serve como um alicerce sobre o qual poderemos edificar a construção de um termo mais apropriado para as dinâmicas que ocorrem nos objetos digitais desinformativos. Por meio de alguns exemplos que não se pretendem exaustivos, destacamos o amplo leque de significados da ignorância e, ao final, oferecemos uma definição que serve para contribuir com o refinamento da noção que ela passa a ter diante da prática social de desinformação.

Dentro do senso comum, um primeiro significado pertinente do uso desse termo está atrelado ao fato de, por exemplo, uma pessoa não querer esperar por sua vez em um atendimento que se realiza por ordem de comparecimento. Muito mais como um sinônimo de *falta de instrução*, essa situação ilustra como a ignorância pode ser percebida socialmente. Dispomos de uma maneira que é aceitável em termos de comportamento (esperar na fila, esperar a vez) em determinados ambientes. O que fugir a essa convenção, será provavelmente percebido como ignorância, que é entendida, nesse caso, como oposto de compreensão/benevolência.

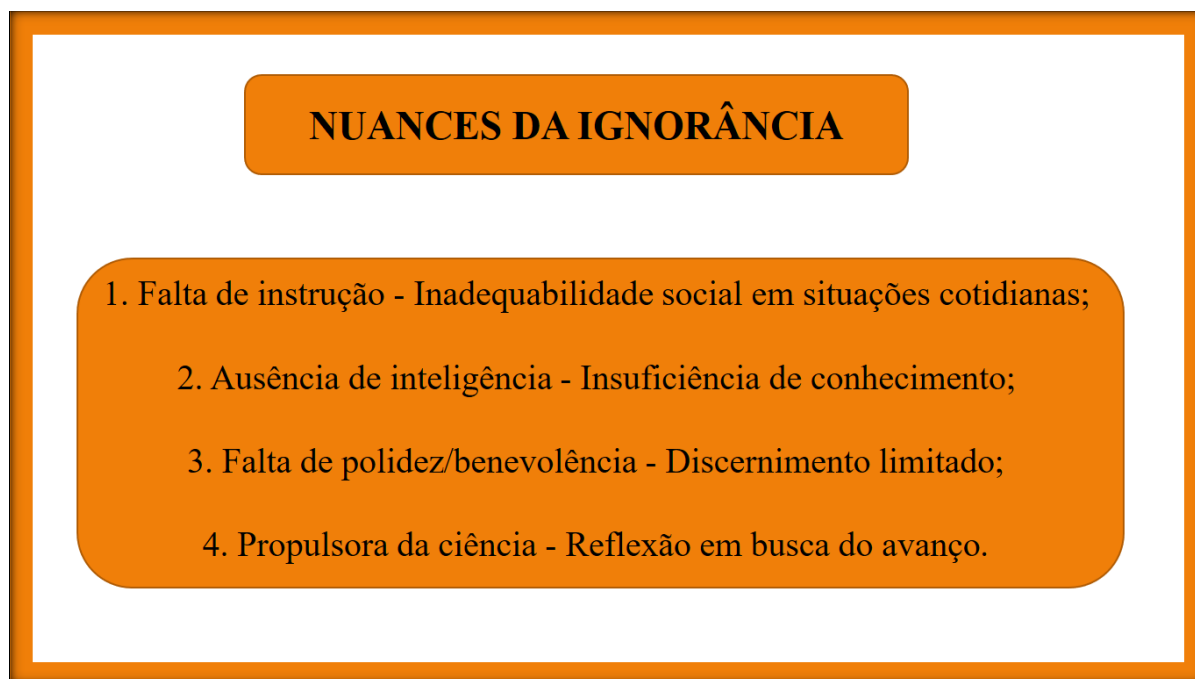
Um outro fator relevante para a discussão é considerar, para além da falta de instrução, o aspecto de *ausência de inteligência*. Esse talvez seja o sentido mais comumente associado ao termo ignorância, e que se trata de um termo pejorativo, haja vista que se fala sobre “ser ignorante” em situações em que se precisa de um determinado nível de conhecimento (especializado ou não), tal como quando alguém é chamado de “burro”. Por exemplo, em uma avaliação escrita em uma instituição educacional, é necessário ter o conhecimento específico sobre um determinado assunto para poder ser aprovado.

Uma outra nuance sobre a ignorância, ainda no senso comum, reside no entendimento desse termo enquanto *falta de polidez/benevolência*. Nesse caso, percebe-se um discernimento bastante limitado em meio a situações cotidianas que requerem gentileza. Exemplo disso é não ser complacente com uma campanha de arrecadação de fundos em prol de alguma causa nobre por conta de um desastre natural. Nas ocasiões em que se possa contribuir financeiramente, e isso não é feito, estaríamos diante de uma abordagem que se presta a não agir e que não se compadece.

Por fim, um último sentido sobre o qual podemos falar trata-se da ignorância como *propulsora da ciência*. Essa é uma das mais interessantes dada a própria característica contrastante entre essas duas entidades. Por um lado, temos a busca do conhecimento, a ciência, e, do outro, os abismos de sua ausência, a ignorância, mas que busca refletir sobre o mundo partindo do conhecimento ainda que este seja ínfimo. Daí, torna-se curioso notar que a ignorância, nessa acepção, possa propulsionar o avanço de ciência.

Até aqui, podemos perceber que toda essa discussão acerca de algumas nuances sobre o termo ignorância revelam alguns aspectos que são centrais para a compreensão do termo que estaremos propondo adiante, porém com uma conotação diferente. Esses elementos estão visualmente dispostos na figura abaixo, a fim de visualizarmos como eles se coadunam à proposta. Logo a seguir, faremos um apanhado dessas características e abordaremos o conceito que proporemos:

Figura 3 – Nuances da ignorância



Fonte: elaborado pelo autor.

Como vemos na imagem acima, há ao menos quatro sentidos distintos sobre a ignorância, especialmente em torno de acepções do senso comum. Os três primeiros possuem uma conotação negativa, haja vista que se relacionam ao sentido de limitação, ausência, insuficiência

etc. Por outro lado, o último dos quatro sentidos possui uma conotação positiva, pois se relaciona à maneira comumente usada pela ciência para avançar em relação ao que se sabe.

Para além desses sentidos bastante conhecidos e utilizados, acreditamos haver um sentido específico que ocorre, cada vez mais, dentro do ambiente digital, sobretudo nas plataformas de mídia social, cujos espaços são potenciais espaços de circulação de textos desinformativos. Compreendemos que haja uma ignorância específica em torno das práticas sociais que ocorrem nesses ambientes, que fomenta o afastamento às fontes confiáveis de informação, deixando os usuários à mercê das narrativas criadas nessas plataformas.

Essa ignorância sociodigital, como a estamos concebendo, possui um caráter particular (afastando-se intensamente dos significados até aqui elucidados) e indo ao encontro de uma conotação que diz respeito a uma prática estratégica de seu uso. Dessa forma, ela ocorreria nos objetos digitais desinformativos por meio de uma sofisticada elaboração discursiva que busca convencer o leitor a fazer conexões falsas, concretizando o objetivo de toda a manipulação feita com o uso de desinformação. Esse conceito, portanto, se presta a identificarmos as estratégias (não) discursivas que incentivam os usuários a adotarem posicionamentos anticientíficos.

Para falar sobre a ignorância sociodigital, é indispensável percebermos as influências marcantes que ocorrem no ambiente digital, pois este interfere no elemento da recepção dos textos por meio do uso de dinâmicas algorítmicas. Para tanto, a seguir, comento sobre as principais características das plataformas, enfocando os aspectos da evolução da plataformização dessas mídias sociais e a presença dos algoritmos.

2.4 Plataformas: mídias sociais e algoritmos

Desde que a revolução digital aconteceu no fim do século XX, com o advento dos primeiros instrumentos com acesso à internet, estamos diante de significativos avanços no campo da informática. A maneira como enviamos mensagens, por exemplo, é totalmente diferente ao se fazer uma comparação desse período com o que víamos a ter algumas poucas décadas depois. Dessa forma, a comunicação entre as pessoas se reconfigura diante de possibilidades até então nunca vistas.

Por meio de diferentes mídias que foram se solidificando nesse período, a comunicação passou a estar cada vez mais atrelada a uma agenda política e hegemônica. Martins (2020, p. 63) comenta que:

Gerações de brasileiras e brasileiros conviveram com, praticamente, os mesmos veículos de comunicação ao longo da vida. Cerca de dez TVs abertas, dois ou três jornais impressos, algumas emissoras de rádio. Formaram sua visão de mundo interagindo com o conteúdo distribuído por esses meios. Assim, naturalizaram um sistema forjado não por acaso, mas por escolhas políticas que delinearão seus contornos fundamentais como um sistema privado, concentrado, elitista, patriarcal, racista e clientelista.

Dessa forma, esse costume de estar diante de um mesmo veículo de comunicação tornou a nossa maneira de enxergar o mundo muito simplista e concentrada, de tal forma que podemos pensar em um empobrecimento do caráter crítico das massas. Por essa razão, nossas referências advêm desses meios, que raramente são contestados em torno de sua programação. O que esperar de emissoras abertas, seja no rádio ou na televisão, que quase nunca trazem discussões sobre a ciência, por exemplo, para o centro de suas programações?

Com o passar dos anos, a comunicação ganhou contornos cada vez mais digitais, pois os primeiros *sites*, no início do século XXI, já ofereciam modos pioneiros de interação virtual, tais como os mensageiros instantâneos, salas de bate-papo, bem como os sites de redes sociais e fóruns de discussão. Essas maneiras de interação fertilizaram o terreno e inauguraram o que viria a se tornar uma “febre” em termos de quantidades de usuários e de tempo gasto nessas plataformas: as mídias sociais.

Nas últimas décadas, em particular as do início do presente século, houve uma grande guinada científica em torno dos estudos computacionais, que é comumente chamada de “virada computacional”. Nesse escopo, é bastante visível a presença de estudos sobre as mídias sociais, especialmente aquelas que oferecem significativas possibilidades de interação, seja no computador ou, mais recentemente, através do celular (*smartphone*).

A grande abundância desses estudos, inclusive nas ciências da linguagem (Araújo, 2006), ocorre muito por conta da necessidade de compreensão do que essas mídias sociais têm a nos oferecer em termos de benefícios e de malefícios, bem como de questões inerentemente científicas. De certo ponto de vista, os primeiros estudos tinham uma visão mais positiva e idealista em torno do ambiente digital, como uma espécie de possibilidade democrática de igualdade de recursos ou como uma ferramenta que pudesse diminuir a desigualdade social.

No entanto, o aspecto negativo do ambiente digital e, por extensão, das mídias sociais começa a se sobressair aos aspectos positivos, considerando que os estudos mais recentes têm focado nos problemas que essas mídias criam ou reconfiguram, tais como o discurso de ódio (Freitas, 2023). Dentro desse aspecto, queremos abordar principalmente as questões inerentes às mídias sociais por elas propiciarem e incentivarem a difusão de informações falsas.

Para entendermos o papel dessas mídias, é necessário algum amparo conceitual para podermos compreender a relevância que elas têm em nossas vidas, haja vista que são espaços onde as pessoas podem conversar e obter notícias. Page *et al.* (2014, p. 5, tradução nossa) discutem sobre a relação entre os estudos da linguagem e os de mídias sociais da seguinte forma:

Usamos o termo mídia social para nos referirmos a sites e serviços de acesso à Internet que promovem interação social entre os participantes. Exemplos de mídias sociais incluem (mas não se limitam a) fóruns de discussão, blogs, wikis, podcasting, sites de redes sociais, sites de compartilhamento de conteúdo (tais como sites de compartilhamento de vídeos e de imagens, como YouTube e Flickr) e ambientes virtuais. As mídias sociais são frequentemente distintas de formas de mídias de massa em que as mídias de massa são apresentadas como um mecanismo de transmissão um-para-muitos (tais como televisão, rádio ou jornais impressos)¹⁸.

O conceito de Page *et al.* (2014) possui uma conotação bastante ampla, pois contempla uma grande quantidade de elementos que, possivelmente, poderiam ser colocados em rótulos distintos. No entanto, o conceito se baseia em torno da interação social entre os participantes, o que nos parece um ponto positivo, pois acreditamos que o fator interacional seja o cerne da definição dessas plataformas, já que elas precisam de um exercício ativo de seus usuários para que elas alcancem seus objetivos.

Esse modo de transmissão “um-para-muitos” nos remete ao estudo realizado por Pinheiro (2022), que comenta acerca das distintas formas de propagação de conteúdos nos meios digitais ao mencionar que os usuários não apenas pesquisam tendo em vista a busca de informação, mas sim para a criação e publicação de conteúdos. Isso significa dizer, de acordo com o autor, que estaríamos em uma situação de mudança de modelo comunicacional, isto é, saindo do “muitos vigiam e produzem para poucos” para o modelo de “muitos vigiam e produzem para muitos”.

¹⁸ We use the term social media to refer to Internet-based sites and services that promote social interaction between participants. Examples of social media include (but are not limited to) discussion forums, blogs, wikis, podcasting, social network sites, content sharing sites (like the video-sharing site, YouTube and the photo-sharing site, Flickr) and virtual worlds. Social media is often distinguished from forms of mass media, where mass media is presented as a one-to-many broadcasting mechanism (such as television, radio or print newspapers).

O que Pinheiro (2022) busca dizer nas palavras acima é que a comunicação ganhou novas características a partir das possibilidades oferecidas por essas plataformas de mídia social. Dessa forma, as mídias tradicionais, tais como a televisão, partiam do princípio de que elas tinham uma hegemonia proveniente delas para diversas pessoas (um-para-muitos). Atualmente, as formas de interação possibilitam que essa configuração seja a de muitos-para-muitos, em que qualquer usuário não só consome, mas ativamente produz as informações.

Isso implica considerar que somos, agora, produtores de mídia, já que podemos escrever/publicar nas plataformas, o que nos faz lembrar certas classificações feitas em torno da *web* 1.0, 2.0 etc., isto é, a medida que essa *web* vai se aperfeiçoando, assim também ocorre com o processo de intervenção humana na mídia. O fenômeno dos *influencers* exemplifica o alcance substancial que alguns usuários podem ter dentro desse tipo de sistema. Dessa forma, podemos considerar haver uma espécie de transição para a caracterização dos usuários dentro de um *continuum*: estávamos mais alinhados com o perfil de consumidor, mas agora estamos mais próximos do perfil de produtor (porém sem deixar de consumir).

Diferentemente da mídia tradicional, que utilizava a estratégia de encobrimento e dissimulação, a mídia digital, formada pelas plataformas e seus usuários, é bastante explícita no que diz respeito a expor suas visões de mundo particulares, haja vista os diversos acenos feitos pelas empresas em torno da contrariedade à regularização, pois elas têm o intuito de se abster de qualquer indício de culpabilidade e de responsabilidade sobre o que acontece nas plataformas por elas operadas, terceirizando essa responsabilidade para o usuário.

É notório verificar que postagens carregadas de ódio, misoginia e de vários outros tipos de preconceito tendem a ganhar mais atenção e engajamento dentro das redes. O motivo é simples e está longe de ser acaso: essas mídias digitais permitem postagens dessa natureza e, o que é ainda mais grave, incentivam implicitamente sua disseminação através da forma como ela opera, isto é, via algoritmos com sistemas de recomendação. Esse *modus-operandi* nos parece ser a própria lógica das redes operando de forma a mostrar o que é prioridade para elas.

Essa lógica, portanto, permite um aumento considerável de tempo de consumo de seus usuários, o que em algum momento será convertido em ganhos financeiros para essas empresas, já que anunciantes pagam para terem suas marcas exibidas. Além disso, os algoritmos de recomendação irão sugerir conteúdos semelhantes ao que foi visto pelo usuário, gerando um

looping narrativo infinito e, conseqüentemente, tornando esse usuário propenso a estar dentro de bolhas perigosas em que a falta de criticidade leva a problemas muito graves.

Diante disso tudo, é bastante pertinente pensar em como a maneira com que essas redes operam influenciam a dinâmica dos usuários em termos de produção, distribuição e consumo de informações. Tal pensamento dialoga com o que Hissa e Gomes (2024) classificam como curadoria algorítmica, que estaria propensa a hiper-individualizar o sujeito, tornando-o um usuário cujos desejos são autocentrados.

Page *et al.* (2014, p. 13, tradução nossa) elucidam o caráter interativo para a definição conceitual de mídias sociais dentro de uma perspectiva interpessoal com o intuito de evitar a aceção de uma mera troca transacional:

A partir dessa perspectiva, as interações nas mídias sociais são orientadas à troca de informações e tendem a enfatizar trocas interpessoais ao invés de transações baseadas em tarefas. Nesse sentido, elas se distinguem de sites cujo propósito primário é o de permitir que o consumidor adquira bens (por exemplo, bens de uma loja on-line, fazer uma reserva em um hotel ou comprar ingressos para um evento) ou efetuar uma transação financeira (tais como em atividades relacionadas a serviços bancários). Ao invés disso, as descrições das plataformas de mídias sociais enfatizam as maneiras pelas quais elas permitem aos usuários o compartilhamento mútuo de informação: isso pode se referir a informações sobre as atividades dos usuários ou sentimentos, sobre notícias de última hora, fofocas ou outros gêneros, tais como piadas¹⁹.

O que Page *et al.* (2014) querem dizer é que o conceito de interação poderia ser mal interpretado, pois os usuários tendem a realizar muitas operações, do ponto de vista mais técnico, dentro do ambiente digital, tais como fazer uma compra on-line ou reservar um hotel. Na visão dos autores, isso não se trata de interação, pois o conceito deveria estar ligado à troca recíproca de informação, ou seja, a uma mutualidade. Dessa forma, os autores enfatizam a atividade interacional dos usuários por meio de troca de informações em uma perspectiva interpessoal.

No entanto, acreditamos que tal definição possa ser ainda mais refinada, considerando o que se observa hoje em dia na interação dos usuários nessas plataformas. Em primeiro lugar, é fundamental perceber a diferença entre o caráter público e o privado dessas interações, pois elas

¹⁹ From this perspective, social media interactions are oriented towards the exchange of information and tend to emphasise interpersonal exchanges rather than task-based transactions. In this sense, they are distinct from sites where the primary purposes might allow a customer to purchase goods (for example, goods from an online store, making a hotel reservation or buying tickets for a journey) or to carry out a financial transaction (such as the activities included in online banking services). Instead, descriptions of social media platforms emphasise the ways in which they allow members to share information with each other: this can be information about the member's activities or feelings, about breaking news, gossip or other discourse genres such as jokes.

assumem características bastante distintas. Enquanto no privado as pessoas tendem a, de fato, interagir mais, baseando-nos na definição que considera a interação como troca de informações, por outro lado as interações públicas estão caminhando para a hiper-individualização, conforme Hissa e Gomes (2024), já que há falta de diálogo em uma sociedade politicamente polarizada.

O conceito de mídia social deste trabalho assume, portanto, a concepção dada acima por Page *et al.* (2014) em torno da perspectiva centrada na interação do usuário em torno da troca de informação em perspectiva interpessoal. Essa perspectiva, a nosso ver, se coaduna com as questões referentes à desinformação, que são fundamentais para esta pesquisa. Além disso, ela também impacta um outro aspecto importante para a nossa discussão, que são os algoritmos.

Os algoritmos, nessa conjuntura, passam a ganhar uma grande importância quando realizamos análise linguística dentro do ambiente digital. Araújo (2025a) concebe o algoritmo como um texto, argumentando que se trata de uma ferramenta performativa que molda as interações, impactando as práticas sociais. Além disso, o autor defende a ideia de que o algoritmo não é neutro, pois ele não está lá apenas para dar instruções. Na verdade, trata-se de um elemento capaz de exercer uma influência simbólica e pragmática sobre o mundo.

Com base nessa definição, é importante destacar o papel central que os algoritmos têm nas interações digitais. Por serem mecanismos de recomendação, os algoritmos se caracterizam como efetivos sistemas de retenção de atenção, pois conseguem ir filtrando, mais e mais, os desejos dos usuários, fazendo com que estes permaneçam fazendo uso das plataformas e engajando mais conteúdo que, por sua vez, pode ser (re)produzido para diversas pessoas. Dessa forma, os algoritmos desempenham uma função importante para as empresas, considerando os termos financeiros das *big-techs*.

Dessa forma, os mecanismos algorítmicos são capazes de estruturar a curadoria de conteúdos, amplificando certos discursos e silenciando outros. Tal função nos remete à problematização feita anteriormente em torno da construção ativa da ignorância, haja vista que esses algoritmos são potenciais estruturadores da produção de conhecimento sobre o mundo, o que interfere na maneira como concebemos a atividade social.

Com base nisso tudo, assumiremos a perspectiva da costura teórica tecida por Araújo (2024, 2025a, 2025b) em relação aos algoritmos, concebendo-os como atores discursivos não humanos, com agência performativa, que são capazes de modelar visibilidade, reforçar vieses e organizar a circulação discursiva. Diante da opacidade algorítmica nesses ambientes, torna-se

importante ter a postura crítica de como os algoritmos influenciam a produção discursiva presente nas interações.

Além disso, Araújo (2025b, p. 102) postula o conceito de necroalgoritmização para se referir a questões pertinentes e atuais dos modelos algorítmicos presentes em plataformas. Para o autor, “A necroalgoritmização, portanto, encapsula a ideia de que, na era digital, o poder de decidir sobre a vida e a morte, ou sobre a dignidade e a marginalização, é, muitas vezes, mediado por processos tecnológicos”.

Em concordância com o autor, acreditamos que a mediação tecnológica exerce um papel de relevância considerável nos dias atuais, modificando estruturalmente a maneira pela qual interagimos socialmente e também no modo como representamos os indivíduos. Por ser uma questão de poder, a quem caberia essas decisões sobre os usuários? Como sabemos, os algoritmos não são neutros, logo são mecanismos que partem de uma determinada programação. A citação abaixo complementa essa discussão:

Assim, a necroalgoritmização pode ser compreendida como uma ação que transforma a vida humana e a condição individual em meros dados a serem manipulados. Essa prática não é apenas uma consequência passiva de algoritmos científicos; ela se manifesta como uma decisão consciente de desconsiderar a dignidade e a complexidade, por exemplo, das vidas negras, reduzindo-as a números e estatísticas (Araújo, 2025b, p. 102).

Esse processo de datificação dos usuários se caracteriza como algo que vai além de uma prática quantitativa de agrupamento de dados. Na verdade, passa a expor que a necroalgoritmização se trata de um mecanismo ativo, consciente e de tomada sistemática de decisões, influenciando as práticas sociais dos usuários, o que ocasiona problemas sociais significativos, sobretudo os que se relacionam a informações inverídicas sobre fatos e grupos.

Após termos discutido os conceitos de desinformação, mídia social e algoritmos, poderemos agora seguir o percurso teórico em torno dos objetos digitais, enfatizando as *hashtags*. Na subseção a seguir, retomo essa discussão empreendida até aqui para culminar na concepção dos objetos digitais desinformativos.

2.5 Objetos digitais: o que são *hashtags*?

É indispensável perceber o quanto as pesquisas científicas atuais têm buscado estudar algum aspecto nativo dos ambientes digitais. Basta fazer uma busca simples em qualquer repositório universitário para se dar conta desse fato. Aparentemente, esse parece ser o caminho para onde as ciências estão caminhando, especialmente as de cunho social, considerando que é profundamente difícil falar sobre sociedade nesse primeiro quarto do século XXI sem tocar no assunto das digitalidades, seja por meio da internet ou dos dispositivos que a ela tem acesso.

Assim como a sociedade, as ciências também têm buscado aprofundar, inevitavelmente, as questões relacionadas aos ambientes digitais, às plataformas de mídias sociais, bem como outras temáticas referentes à internet. Para tanto, algumas metodologias em pesquisa na internet têm procurado se adaptar aos diferentes fenômenos que dela emergem. A obra de Fragoso, Recuero e Amaral (2011) é um exemplo de compilado sobre a maneira com a qual se encarava uma pesquisa em ambiente digital, que se baseava em grande medida pela análise das redes sociais, *hyperlinks* e em etnografias.

Com o surgimento de formas mais sofisticadas de *sites* de rede social, o que se convencionou chamar agora de plataformas de mídias sociais, houve também a necessidade de adaptar alguns desses elementos. A citação abaixo ilustra esse pensamento:

Os métodos digitais podem ser situados como algo distinto de outras abordagens contemporâneas dentro da virada computacional nas ciências sociais e nas humanidades digitais [...]. Primeiramente, assim como outras abordagens contemporâneas nos estudos de dados digitais, eles empregam métodos baseados em consulta, tendo como prática de pesquisa o que pode ser chamado de busca como pesquisa. Eles se diferem, no entanto, de outras abordagens no que diz respeito a confiar muito em dados nativamente digitais e em métodos on-line em oposição a dados digitalizados e métodos migrados (Rogers, 2024, p. 6, tradução nossa)²⁰.

Como vemos, a virada computacional (termo usado pelo autor) ganhou mais ímpeto e proporcionou uma adaptação de vários métodos para pesquisa na internet. Um dos grandes diferenciais dos métodos digitais, conforme proposta de Rogers (2024), é a concepção de busca como pesquisa. Em outras palavras, quem faz pesquisa científica utiliza a própria ferramenta que dispõe para, através dela, realizar pesquisa social. Nesse sentido, um motor de busca como o

²⁰ Digital methods may be situated as somewhat distinctive from other contemporary approaches within the computational turn in the social sciences and the digital humanities [...]. First, like other contemporary approaches in the study of digital data, they employ methods based on queries and have as a research practice what may be called search as research. They differ, however, from other approaches in that they rely largely on natively digital data and online methods as opposed to digitized data and migrated methods.

Google, por exemplo, pode servir de base para realizar uma pesquisa científica por meio dos mecanismos oferecidos por ele, que podem ser explorados pelos métodos digitais. Similarmente, uma plataforma de mídia social, como o Instagram, também é passível de busca como pesquisa.

Para realizar essa busca como pesquisa, acreditamos que os objetos digitais sejam instrumentos acessíveis para obter dados sociais interessantes do ponto de vista de uma área científica do campo das humanidades digitais²¹. Em sua obra, Rogers (2024) define os métodos digitais a partir de algumas exemplificações dos objetos digitais. Vejamos, logo abaixo, algumas das menções feitas a essa expressão:

Os métodos digitais são técnicas para o estudo da mudança social e das condições culturais com os dados on-line. Eles fazem uso de objetos digitais disponíveis, tais como hyperlink, hashtag, marcador temporal, curtida, compartilhamento e retweet, buscando aprender como esses objetos são tratados pelos métodos construídos em dispositivos on-line dominantes, tais como o buscador da web do Google (Rogers, 2024, p. 3, tradução nossa)²².

A partir dessa citação, é possível inferir uma sinalização para as características que esses métodos possuem. Segundo o autor, as características (*affordances*) disponíveis em uma dada plataforma de mídia social são o que irão balizar a noção de objeto digital. Nesse sentido, a *hashtag*, por exemplo, é considerada por Rogers (2024) como um desses objetos digitais. A questão que fica é saber exatamente a conceituação da nomenclatura “objeto digital”.

Partindo dessa premissa, este trabalho de tese busca se amparar na noção de objeto digital, proposta por Rogers (2024), tentando ir além dessa proposta por meio de uma contribuição para a conceituação desse termo. Além disso, este trabalho de tese também tem o intuito de especificar essa noção a ser reelaborada, tendo como foco as ocasiões em que esses objetos digitais são usados para desinformar.

Com base na proposição de Rogers (2024), compreendemos os objetos digitais como artefatos nativamente digitais que emergem das *affordances* das plataformas e operam como índices de práticas sociais no ambiente digital. Ao considerar a desinformação como uma prática social orientada à produção de sentidos distorcidos ou falsificados da realidade, propomos, para

²¹ Rogers (2024) utiliza a nomenclatura “humanidades digitais” para demarcar o escopo de atuação amplo no qual os métodos digitais se inserem.

²² Digital methods are techniques for the study of societal change and cultural condition with online data. They make use of available digital objects such as the hyperlink, tag, timestamp, like, share and retweet, and seek to learn from how the objects are treated by the methods built into the dominant devices online, such as Google Web Search.

fins desta pesquisa, o conceito de objeto digital desinformativo como sendo um artefato digital passível de análise discursiva que, ao ser (re)produzido, distribuído e consumido, participa da (re)configuração de narrativas que desafiam ou negam consensos científicos, históricos ou institucionais.

Tal definição ancorada na lógica das práticas sociais permite delimitar, por exemplo, que uma *hashtag* só será considerada desinformativa quando seu uso estiver articulado a processos de engano intencional, distorção informativa ou propagação de ignorância estratégica. Assim, não se trata apenas de um marcador temático, mas de um operador discursivo que mobiliza sentidos, afiliações ideológicas e estratégias de posicionamento sociopolítico.

Tendo formulado essa definição operacional que nos auxiliará a ter uma maior precisão no momento analítico, podemos agora buscar compreender o conceito de *hashtag*. Para tal, adotaremos a concepção de Zappavigna (2015), que compreende a *hashtag* como uma marcação (etiqueta) social²³. A autora aborda a origem desse recurso a partir da seguinte explicação:

As hashtags emergiram por meio dos microblogs – uma prática de publicação de postagens curtas e de poucos caracteres para os usuários ambientes, tendo, desde então, se espalhado para outras formas de mídia social, bem como convergiram com outros contextos mediados, tais como a televisão e a publicidade. Elas são marcadas com o símbolo # e incluem uma palavra, sigla, frase inteira ou reduzida [...] (Zappavigna, 2015, p. 274-275, tradução nossa)²⁴.

A citação acima nos permite compreender o processo histórico do uso desse recurso digital. Em meio a postagens com pouca quantidade de caracteres nos microblogs (exemplo disso era o antigo Twitter), os usuários passaram a adotar o símbolo # (cerquilha) juntamente com uma palavra-chave, em grande parte dos casos, para se referir a um determinado evento ou simplesmente para agrupar a conversação em torno de um tópico. Com o passar do tempo, a *hashtag* passou a desempenhar funções que iriam muito além da mera marcação, pois se tornou uma maneira de aumentar a interação vide os variados exemplos de programas televisivos, eventos esportivos e afins que exibem uma *hashtag* que irá guiar a transmissão feita pela televisão, mas com a participação dos usuários por meio de uma mídia social.

²³ Social tagging.

²⁴ Hashtags emerged via microblogging, the practice of publishing short, character-constrained posts to ambient audiences, and have since spread to other forms of social media as well as converging with other mediated contexts such as television and advertising. These tags are marked with a # symbol and include a word, initialism, concatenated phrase, or an entire clause [...].

É exatamente sobre essas novas características que tentaremos nos debruçar a fim de contribuir com o conceito de *hashtag*. Como visto anteriormente na construção de nosso objeto de pesquisa, acreditamos que determinados usos de *hashtags* possam ser entendidos como objetos digitais desinformativos, considerando nossa definição dada anteriormente.

Por a *hashtag* ser um objeto digital estudado por diversas áreas, acreditamos que ela possa ser abordada do ponto de vista transdisciplinar. A pesquisa de Wikström (2014) é um ótimo exemplo para pensar sobre as funções comunicativas da *hashtag* do ponto de vista de estruturas linguísticas complexas. Nessa conjuntura, é importante se ater ao fato de que a nomenclatura desse recurso pode variar em função das áreas às quais quem realiza pesquisa se vincula. Niederer (2019), por exemplo, argumenta que as plataformas oferecem o que ela chama de *technicity* (tecnicidade). Para a autora:

O termo *tecnicidade* [...] se refere à natureza tecnologicamente composta do conteúdo da web, que dificilmente é separado de seu transmissor (uma plataforma específica da web, por exemplo), e os agentes técnicos como hyperlinks e compartilhamentos não são meras características, mas sim parte do conteúdo estudado (Niederer, 2019, p. 25, tradução nossa)²⁵.

Em suma, o que a autora nos quer dizer é que há a necessidade de estudar as características dos recursos disponibilizados pelas plataformas para realizar qualquer pesquisa em ambiente digital. Essas tecnicidades, dentro de sua concepção de análise de conteúdo, se prestam a estar dentro do escopo analítico, o que nem sempre é levado em consideração por quem realiza pesquisa social nessas plataformas. Em outras palavras, Niederer (2019) nos está chamando a atenção para não desvincularmos os dados a serem coletados de seus veículos (as plataformas). Assim, é possível inferir que o estudo de *hashtags* não deve acontecer de “forma isolada” com uma simples análise desse objeto, mas das motivações de quem a (re)produz, das características do ambiente, das relações traçadas com outros objetos, da influência das dinâmicas algorítmicas etc.

Um outro termo comumente utilizado por quem realiza pesquisa no ambiente digital é o que se convencionou chamar de *affordances*. Basicamente, o termo denota as propriedades, em nosso caso de elementos do ambiente digital, a fim de concebê-los como parte integrante daquilo que se estuda. Se eu estiver interessado em pesquisar sobre o fenômeno da desinformação através

²⁵ The term *technicity*, as described in the introduction, refers to the technologically composed nature of web content — the fact that content can hardly be separated from its carrier (a specific web platform for instance), and that technical agents such as hyperlinks and shares are not mere features, but part of the content under study.

de postagens antivacina no Facebook, por exemplo, aconselha-se que eu perceba quais são as propriedades oferecidas por tal plataforma para que isso conste no movimento analítico, a saber: botão de curtir/compartilhamento, marcação de perfis, limite da quantidade de caracteres em uma postagem, quantidade de *hashtags*, possibilidade de edição, inserção de hyperlinks etc. A definição abaixo ilustra essa discussão:

Affordances são as possibilidades e restrições para a ação que as pessoas seletivamente percebem em uma dada situação. *Affordances percebidas* se tornam o contexto para a ação. Para entender o significado desse termo, é importante ressaltar que sua origem vem de uma abordagem ecológica da percepção (Barton; Lee, 2013, p. 27, grifos dos autores, tradução nossa)²⁶.

Esse termo, portanto, tem uma conotação ecológica desde sua origem, o que nos faz pensar que temos compreendido o ambiente digital a partir de uma perspectiva de ecossistema em que os usuários percebem as propriedades do ambiente e se apropriam disso para tomar uma ação, conforme citação acima. Assim, é importante refletir sobre o que os usuários percebem como *affordances* e como eles utilizam essas funcionalidades para exercer seus desejos, seja o de (re)produzir discursos desinformativos ou consumir conteúdos recomendados por algoritmos.

As *affordances*, ainda segundo os autores, “[...] são socialmente construídas e mudam conforme as pessoas agem no ambiente. [...] são emergentes e novas possibilidades são criadas por meio da criatividade humana” (Barton; Lee, 2013, p. 28, tradução nossa)²⁷. Dessa forma, elas se constroem por meio da atividade social que realizamos e quando a usamos. A *hashtag*, por exemplo, é uma *affordance* que mudou seu escopo de atuação, considerando que passou a ser utilizada para além de uma marcação/categorização e passou a ser usada como objeto de interação em programas televisivos, por exemplo.

Após a discussão conceitual sobre esses termos, é possível entendê-los como sinônimos, pois as tecnicidades, as *affordances* e os objetos digitais, apesar de usarem nomenclaturas diferentes, comungam da mesma ideia: a de que as propriedades do ambiente digital são obrigatoriamente fundamentais no processo de análise social a partir das plataformas. Em detrimento da padronização, adotaremos a nomenclatura “objeto digital” por ela ser

²⁶ Affordances are the possibilities and constraints for action that people selectively perceive in any situation. *Perceived affordances* become the context for action. To understand the significance of this term, it is important to stress that its origins lie in an ecological approach to perception.

²⁷ [...] are socially constructed and change as people act upon their environment. [...] are emergent, and new possibilities are created through human creativity.

primordialmente a utilizada por Rogers (2024), de quem utilizaremos outros conceitos advindos de sua abordagem dos métodos digitais.

Tendo em vista o caráter abstrato que o conceito de *hashtag* pode ter, é necessário também elucidarmos o caráter funcional que esse objeto possui. Em outros termos, o uso dessa ferramenta norteará as análises das pesquisas que a utilizam. Como sabemos, o uso de *hashtags* é corriqueiro dentro das redes, pois elas realizam um agrupamento de tópicos e são compostas por uma ou mais palavras. Em grande parte das vezes, elas são formadas por uma palavra-chave, que diz respeito a um determinado acontecimento em curso (#pandemia), evento esportivo (#Paris2024), recordações de momentos pessoais (#tbt), meio de denúncia de assédio (#metoo), dentre outras.

Dentro desse panorama, esse objeto digital se mostra interessante para a discussão dos problemas sociais, pois sinalizam questões que podem ser frutíferas, haja vista o amplo potencial semiótico que elas possuem em se tratando de diferentes acepções para uma mesma *hashtag*. Além disso, buscamos também salientar os usos das *hashtags* dentro de uma determinada plataforma, bem como os comentários que nela emergem, que também são pontos cruciais para quem deseja realizar pesquisa social. A partir disso, torna-se possível, portanto, vislumbrar maneiras de proceder a uma análise científica desses objetos discursivos.

Diante do exposto acima, a *hashtag*, enquanto objeto digital, pode ser uma excelente fonte de material analítico para a pesquisa social, pois oferece uma grande capacidade de articulação com outros objetos digitais e também por ser ela própria um indicativo de posicionamentos sociais, já que as *hashtags* podem, de acordo com Akrich e Latour (1992), ser parte de um programa ou antiprograma.

De forma geral, Akrich e Latour (1992) argumentam que as palavras-chave, normalmente inculcadas em uma *hashtag*, acabam por demonstrar um posicionamento diante de um determinado evento. Por essa razão, uma abordagem programa é a favor de uma determinada causa, por exemplo a #blacklivesmatter (#vidasnegrasimportam). Por outro lado, uma abordagem antiprograma se caracteriza por ser contra ou tentar invalidar uma determinada causa, isto é, uma resposta a essa causa, como, por exemplo, a #alllivesmatter (#todasasvidasimportam).

Diante dessa maneira de pensar, é interessante perceber essa oposição de caráter marcadamente político, que costuma aparecer em muitas das discussões que ocorrem nas mídias sociais. As *hashtags* podem ser entendidas, nesse sentido, como uma manifestação do

posicionamento político de muitos dos usuários. Além disso, elas servem como uma importante fonte na descoberta das razões pelas quais esse determinado posicionamento ocorre, já que outros objetos digitais em seu entorno tendem a mostrar evidências linguísticas que confirmam uma maneira de pensar específica de um grupo.

Esse caráter restritivo de uma *hashtag*, seja para favorecer ou ser contra uma causa, fomenta a separação e, por conseguinte, o individualismo, noção muito bem discutida por Pariser (2011) por meio do conceito de bolhas, que podem ser entendidas como um agrupamento de determinados usuários, possíveis de serem feitos por meio de uma *hashtag*, em que circulam ideias próprias para a manutenção de uma ideologia. Cercados por usuários que confirmam minha forma de pensar, o desafio de “furar a bolha” torna-se intrigante pela limitação de conteúdos visualizados e as sugestões dadas por algoritmos que sabem muito bem desse fenômeno.

Por essa razão, consideramos que essa noção proposta por Akrich e Latour (1992) possa contribuir com esta investigação, considerando que estudar a prática social de desinformação dentro e por meio da *web* requer um olhar atento às diversas possibilidades de compreensão de como os objetos digitais operam, como é o caso dessa possibilidade que estamos conjecturando em aliar a abordagem programa/antiprograma às *hashtags* desinformativas.

Diante dessas ideias, Rogers (2024) realiza uma leitura que busca acrescentar uma dimensão extra para a análise de *hashtags*. O autor considera que em meio a essa oposição bastante polarizada deva haver tentativas de neutralidade, o que seria uma forma de evitar fazer parte de um desses polos antagônicos, isto é, uma opção de caráter neutro. Tal ideia, portanto, buscaria se afastar de uma necessidade de um posicionamento mais firme, o que é justamente o que ocorre na abordagem programa/antiprograma.

Como sabemos, a escola de estudos discursivos, especialmente a ADC, tem uma concepção que gira em torno a considerar a neutralidade como uma falácia, considerando que a linguagem é um instrumento de posicionamento diante do mundo e que, ao utilizá-la, inevitavelmente estaremos sendo a favor ou contra um determinado argumento. Nesse sentido, a possibilidade de neutralidade inexistente diante das hegemonias, que são um aspecto inerente da linguagem.

Ser neutro, portanto, não faz parte da compreensão de como a linguagem opera dentro da proposta da ADC. Por essa razão, é necessário ter cuidado ao analisar textos para que não caiamos no entendimento de que a neutralidade existe. Na verdade, podemos até perceber a

tentativa de neutralidade, mas isso não se efetiva quando nos aprofundamos na tessitura discursiva, pois essa “neutralidade” acaba por se alinhar a uma ideia hegemônica (ou contrahegemônica) por ser a própria natureza da linguagem uma atividade que visa assumir um ponto de vista.

Já que ser neutro pode ser entendido socialmente por não se vincular a nenhuma das partes, por que há tantas pessoas que seguem essa ideia? É necessário ter em mente que os usuários tendem a refletir muito pouco sobre o que falam, pois costumam mais (re)produzir determinadas ideias já pré-concebidas, que fazem parte de seu cotidiano e que elas buscam defender por alguma afinidade com o posicionamento ideológico.

Ademais, os falantes buscam, em determinadas situações, encontrar um equilíbrio entre as ideias antagônicas, possivelmente como forma de proteção ou, até mesmo, para se julgar “diferente” das demais pessoas. Dessa forma, é possível haver uma tentativa de posicionamento neutro dentro do debate sobre uma questão política, o que busca conferir um afastamento, em especial no debate altamente polarizado, típico da política recente do mundo que se resume a dois espectros (esquerda e direita), por exemplo.

Tudo isso mencionado acima serve para alicerçar a concepção que Rogers (2024) tem mediante a leitura que fez sobre a abordagem programa/antiprograma desenvolvida por Akrich e Latour (1992). Para aquele autor, além de termos um posicionamento programa e um antiprograma, faz-se necessário observar para o que ele chama de “tentativas de neutralidade”²⁸. De forma geral, Rogers (2024) postula que há um esforço para ser neutro em algumas situações em que ter um posicionamento mais firme pode acarretar em prejuízos de ordem pessoal, diplomática etc. É o caso da disputa histórica em torno de ataques à faixa de Gaza, que gera posicionamentos os mais diversos.

Assim como na vida cotidiana das pessoas fora do ambiente digital, dentro dele o debate se torna ainda mais nítido através da participação, por meio de objetos digitais, dos usuários de mídias sociais, que se tornaram basicamente um ponto de discussão sobre o que acontece no mundo. Tal debate se mostra conflitante tão logo partes antagônicas comecem a proferir seus posicionamentos e seus argumentos, que logo em seguida já são rechaçados pelo outro grupo. Tal situação também favorece as tentativas de neutralidade, pois ocorre um grande desgaste, para ambas as partes, de um debate fervoroso e intenso em meio a grandes problemas sociais.

²⁸ *Efforts at neutralization*. A expressão foi traduzida por mim como “tentativas de neutralidade”, considerando que o campo ao qual me vinculo (ADC) compreende a neutralidade como uma impossibilidade discursiva.

Assim, os objetos digitais se mostram como os meios pelos quais esses posicionamentos ocorrem, seja através de uma curtida, um comentário ou o uso de uma *hashtag*. Esses objetos, portanto, podem ser o foco de uma pesquisa em ambiente digital, pois deles derivam aspectos que possibilitam uma análise discursiva e social, já que são por meio deles que se pode captar categorias que embasam uma investigação acadêmica. Assim, partir do uso de *hashtags* é uma maneira coerente para se ter acesso a textos produzidos pelos atores sociais.

Após termos realizado esse debate sobre alguns dos fundamentos teóricos de nossa investigação, bem como termos abordado alguns dos conceitos com os quais trabalharemos, a seção a seguir traz as informações referentes ao processo metodológico conduzido neste trabalho. Primeiramente, abordamos os métodos adotados e, por fim, falamos sobre a abordagem e os procedimentos metodológicos.

3 METODOLOGIA

O fazer metodológico na pesquisa científica é, provavelmente, uma das tarefas mais árduas e minuciosas da investigação, especialmente quando se trata de um trabalho de grande envergadura, como é o caso de uma tese de doutorado. Nesse sentido, as escolhas metodológicas necessitam ser muito bem avaliadas para que os dados possam passar por um exame analítico condizente com a proposta estabelecida, pois, dessa maneira, a pesquisa ganha contornos científicos e verificáveis. Nos parágrafos a seguir, dou início a esse percurso comentando as características da abordagem desta investigação.

3.1 Abordagem

A abordagem de um trabalho científico diz respeito a como o pesquisador irá balizar seu modo de agir analítico. Nesta tese, acreditamos que, ao fazer pesquisa científica, estejamos almejando “[...] investigar o saber acumulado [...]; detectar problemas [...]; descrever um fenômeno da linguagem [...]; descrever comportamentos linguísticos [...]; chamar a atenção para problemas que precisam ser enfrentados [...]” (Paiva, 2019, p. 8). Como sabemos, o aspecto político é bastante demarcado nas pesquisas humanas, em especial naquelas que estabelecem forte vínculo com o social. Portanto, o aparato metodológico deve ser coerente com o nosso fazer científico a partir da investigação, descrição e análise, do ponto de vista linguístico e social, focando em aspectos de ordem discursiva.

Ainda conforme Paiva (2019, p. 11), “[...] fazer pesquisa é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno”. Dessa forma, a discussão acima sobre realizar pesquisa enquanto uma manifestação da construção do conhecimento de um fenômeno irá orientar nossas diretrizes ao longo desta tese. Nesse sentido, este trabalho se caracteriza a partir da abordagem qualitativa, que visa compreender o mundo a partir de uma perspectiva interpretacionista que se fundamenta em princípios teóricos.

Acreditamos que a abordagem qualitativa se justifique nesta pesquisa, considerando que nela “[...] é possível examinar uma grande variedade de aspectos do processo social, como o tecido social da vida diária, o significado das experiências [...]” (Magalhães; Martins; Resende,

2017, p. 30). Dessa forma, o foco de investigação recai sobre as questões sociais e as questões discursivas, enfatizando “[...] a forma como se articulam os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem” (Magalhães; Martins; Resende, 2017, p. 30).

Tais menções acima nos querem mostrar que os processos sociais, via de regra, costumam ser analisados pelo prisma da abordagem qualitativa. Afirmar isso é importante, mas sem deixar transparecer a ideia de que todas as pesquisas sociais são qualitativas. Este trabalho, que se pretende de cunho social, segue o paradigma qualitativo por considerá-lo uma contribuição para a maneira de perceber, coletar e analisar os dados desta pesquisa, pois investiga questões discursivas e sociais em torno da manifestação da desinformação em plataformas digitais.

Além disso, Flick (2007) possui uma exemplar definição do que significa o aspecto qualitativo em uma investigação. O autor comenta que a pesquisa qualitativa tem a pretensão de abordar o mundo “lá fora”, tentando explicar o “de dentro” a partir da compreensão, descrição e explicação de fenômenos sociais. Desse modo:

[...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (ao invés de números), parte da noção da construção social das realidades sob investigação e está interessada na perspectiva dos participantes, nas práticas e no conhecimento cotidianos que se referem à problemática estudada (Flick, 2007, p. 2, tradução nossa)²⁹.

Tal separação, importante esclarecer, não tem o propósito de estabelecer uma oposição, já que “lá fora” pode passar a ideia de distanciamento. Acreditamos que há uma forte conexão entre o “lá” e o “aqui”, de tal forma que essa distinção serviria apenas para melhor situar as ideias sobre as quais o autor discorre. Além disso, a percepção sobre a construção social das realidades nos é bastante cara, tendo em vista os pressupostos teóricos deste trabalho. Por fim, cabe destacar que a abordagem qualitativa é importante para investigar as práticas sociais dos indivíduos dentro de um contexto de desinformação, pois aprofunda a relação entre todos esses elementos.

A seguir, continuaremos o percurso metodológico através da discussão dos métodos. Propomos uma interface metodológica entre a Análise de Discurso Textualmente Orientada

²⁹ [...] qualitative research uses text as empirical material (instead of numbers), starts from the notion of the social construction of realities under study, is interested in the perspectives of participants, in everyday practices and everyday knowledge referring to the issue under study.

(ADTO) e os Métodos Digitais. Tal combinação visa estreitar ainda mais a relação entre os aspectos discursivos e os aspectos digitais.

3.2 Métodos de investigação

Assim como a abordagem, a escolha do método é essencial para a construção de uma pesquisa científica. A organização metodológica em torno de um passo a passo reflete uma potencial qualidade para o desenvolvimento das ideias que foram postas em prática. Usando a metáfora das “lentes”, a forma como nos guiamos em meio aos dados se dá através do olhar metodológico que adotamos diante dessas informações. A seguir, comentaremos sobre o método de pesquisa de base discursiva.

3.2.1 A Análise de Discurso Textualmente Orientada

Esta tese utiliza a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) enquanto método da Análise de Discurso Crítica, mais especificamente da abordagem dialético-relacional, de Fairclough (2001, 2003). Essa escolha se justifica na medida em que é possível afirmar que a ADTO “[...] fornece subsídios para a realização de pesquisas qualitativas cujo principal material empírico são textos [...] passíveis de serem materiais de pesquisas em ADC (Ramalho; Resende, 2011, p. 73).

Dessa forma, como estamos realizando pesquisa qualitativa e estamos muito interessados em perceber características dos textos que circulam em ambiente digital, acreditamos que tal proposta se alinhe aos nossos objetivos. Dessa forma, os textos se tornam uma excelente fonte de material de pesquisa em ADC, acreditamos, porque eles oferecem uma grande variedade de caminhos pelos quais se pode percorrer a fim de analisar diversas categorias e, se possível, fomentar novas.

Além disso, a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) é aqui entendida como “[...] uma proposta de compreensão das práticas sociais na concepção dialética do discurso, envolvendo gêneros discursivos e a construção de sentidos nos textos: ações (gêneros), representações (discursos), identificações (estilos)” (Magalhães, 2004, p. 113). Por essa razão, ela

se mostra promissora para a análise discursiva, pois concebe a natureza dialética entre o discurso e o social.

Esse método, portanto, visa dar enfoque às características discursivas dos textos que serão apresentados no capítulo analítico. A linguagem, como sabemos, possui um papel relevante na análise de fenômenos sociais, como é o caso da desinformação. Assim, ter um método de base linguística fundamenta a nossa proposta de análise em descrever e analisar os efeitos de sentido que emergem das interações nesses textos.

A seguir, abordaremos outro método que será utilizado nesta investigação por meio das contribuições do que se tem chamado de métodos digitais. Através de uma exposição sobre o conceito desse método, vou aprofundando a discussão até chegar o momento de comentar sobre a construção dos dados.

3.2.2 Os Métodos Digitais

Para além da ADTO, também lançaremos mão dos Métodos Digitais, abordagem criada a partir do grupo de pesquisa *Digital Methods Initiative* (DMI)³⁰ (Iniciativa dos Métodos Digitais), liderado pelo professor Richard Rogers³¹, que é o autor das principais obras sobre esse método de pesquisa, que é utilizado por muitos cientistas sociais que estudam os fenômenos do universo digital, em particular aqueles relacionados aos problemas sociais.

Rogers (2015, p. 1, tradução nossa), em artigo, define os métodos digitais da seguinte forma:

Métodos digitais é um termo que busca capturar um desenvolvimento recente em pesquisas relacionadas à Internet, resumidos em abordar a web como conjunto de dados. Juntando-se a uma grande virada computacional nas ciências sociais e nas humanidades digitais, questiona-se sobre a qualidade dos dados da web, a produtividade da coleta on-

³⁰ O grupo busca criar métodos e ferramentas para a reutilização de dispositivos on-line e plataformas (tais como Twitter, Facebook e Google) para a pesquisa de problemas sociais e políticos. Conta com a participação de diversos pesquisadores renomados, dentre eles Sabine Niederer, Liliana Bounegru e Jonathan Gray. Para maiores informações, Cf. <https://wiki.digitalmethods.net/Dmi/DmiAbout>.

³¹ Richard Rogers é professor de Novas Mídias e Cultura Digital na Universidade de Amsterdã. É diretor do Digital Methods Initiative. Publicou, dentre outros trabalhos, *Digital Methods* (MIT Press, 2013) e *Doing Digital Methods* (Sage, 2019, 1st edition), que já conta com sua segunda edição (Sage, 2024). Para maiores informações, Cf. <https://www.digitalmethods.net/Dmi/DmiPeople>.

line e os métodos analíticos, e por fim as possibilidades de a web servir como um espaço de descoberta do conhecimento³².

Como se vê, o intuito da abordagem é o de desenvolver uma maneira inovadora sobre como se pesquisa na *web*, percebendo-a como um conjunto de dados dos quais se pode fazer uso. Em meio a grande virada computacional, que não atinge somente as ciências de cunho mais social, mas também as ciências humanas e de outras naturezas, a abordagem dá ênfase ao aspecto digital, que atualmente é bastante utilizado em muitas pesquisas de vários programas de pós-graduação.

Omena (2019, p. 6, grifos da autora) argumenta que:

Métodos digitais *não* correspondem ao desenvolvimento e uso fortuito de software de extração ou análise de dados digitais. Pelo contrário, os métodos digitais nos convidam a observar, considerar e redirecionar os mecanismos inerentes às plataformas web e os seus objetos *nativos* digitais para investigação social.

A definição acima sobre os métodos digitais parte exatamente do que eles não são: uma forma simplista de uso de *softwares* para captar dados em plataformas ou a mera análise desses dados. Em outras palavras, a autora busca enfatizar a necessidade de compreender o movimento de conduta de coleta de dados dentro do ambiente digital, que requer certas particularidades. Portanto, trata-se de uma abordagem que busca incitar um novo olhar em torno das características nativas das próprias plataformas, com o intuito de usá-las para o exercício da pesquisa social, tendo como ponto de partida a noção de que os objetos digitais se prestam a estabelecer uma forte relação com a sociedade.

Rogers (2015, p. 4, tradução nossa) acrescenta que:

Os métodos digitais podem ser situados como algo distinto de outras abordagens contemporâneas dentro da virada computacional nas ciências sociais e nas humanidades digitais [...]. Primeiramente, eles compartilham das abordagens no estudo de dados digitais com métodos que se baseiam em buscas, e têm como prática de pesquisa o que pode ser chamado de busca como pesquisa³³.

³² Digital methods is a term that seeks to capture a recent development in Internet-related research, summarized as approaches to the web as data set. Joining a larger computational turn in the social sciences and the digital humanities, it asks a series of questions about the quality of web data, the productivity of online collection and analytical methods, and ultimately the prospects of having the web serve as a site for grounding findings.

³³ Digital methods may be situated as somewhat distinctive to other contemporary approaches within the computational turn in the social sciences and the digital humanities [...]. First, it shares with other contemporary approaches in the study of digital data with methods based on queries, and has as a research practice what may be called search as research.

Diante da discussão acima empreendida, é importante destacar alguns aspectos: os métodos digitais se baseiam, em grande medida, na técnica de realização de buscas on-line, isto é, uma busca feita por um motor de buscas, como o Google, por exemplo, bem como uma busca em plataformas, como YouTube, X ou Instagram. Além disso, a prática de “busca como pesquisa” é essencial para o entendimento desse método, pois transforma uma atividade que é tipicamente rotineira em uma técnica de investigação científica.

Dessa forma, esse procedimento de realização de busca como pesquisa está no cerne da concepção metodológica dos métodos digitais. A fim de evitar confusões terminológicas, esta tese usará o termo “busca” sempre que se referir a essa atividade de incursão on-line em que se faz uso de palavras-chave para obter determinados resultados, tais como uma busca no Google, e o termo “pesquisa” sempre que estiver se referindo ao sentido estrito de uma investigação científica.

Um outro ponto importante ao qual Rogers (2015, p. 8, tradução nossa) chama a atenção é a diferenciação entre métodos virtuais e métodos digitais. Para o autor, “Enquanto os métodos digitais buscam fazer uso de métodos de uma mídia, os métodos virtuais migram os instrumentos on-line das ciências sociais, tais como uma *survey* on-line”³⁴. Isso posto, a compreensão a ser transmitida na citação é a de que os métodos digitais tentam se afastar de uma virtualização dos métodos, ou seja, eles não são uma “migração” do off-line para o on-line. Na verdade, se caracterizaram pelo aspecto nativo do ambiente digital, o que implica uma maior aproximação entre o objeto de pesquisa e o ambiente.

Além disso, Rogers (2015, p. 9, tradução nossa) destaca as principais premissas sobre como realizar pesquisa utilizando os métodos digitais:

Os métodos digitais têm uma estratégia geral de pesquisa, ou conjunto de passos, que têm certas afinidades com um projeto de software on-line. Primeiramente, um inventário é retirado dos objetos digitais disponíveis, tais como hyperlinks, tags, retweets, URLs encurtadas, edições na Wikipédia, endereços de IP de usuários anônimos, marcas temporais, curtidas, compartilhamentos, comentários etc. Em seguida, pergunta-se: como os dispositivos on-line lidam com esses objetos? De que forma podemos aprender de um método on-line? Neste ponto, a imaginação sociológica ou o esquema de pesquisa social entra no escopo de interesse. Como reutilizar os métodos on-line e os dispositivos para

³⁴ While digital methods seek to make use of the methods of the medium, virtual methods migrate the social science instrumentarium online, such as online surveys.

estudar não só a cultura on-line ou a sociedade virtual, mas também as condições culturais e a mudança social?³⁵

Os objetos digitais, ponto importante dessa citação, caracterizam-se por oferecer distintas possibilidades de análise, pois congregam diferentes manifestações dos usuários por meio do que as plataformas possibilitam, tais como os usos de *hyperlinks*, *retweets*, *hashtags*, comentários etc. Para além disso, esses objetos nativamente digitais suscitam uma série de questões que devem ser usadas para a reflexão de quem realiza pesquisa em ambiente digital. Perguntar-se sobre como os dispositivos lidam com esses objetos é importante, mas também é fundamental saber como os usuários lidam com esses objetos e o que fazem efetivamente por meio de seus usos.

As condições culturais mencionadas pelo autor nos levam a conjecturar que esse elemento seja relevante para a realização de pesquisas acadêmicas. Afinal de contas, a sociedade oferece objetos de pesquisa por meio de como a cultura opera. Se em uma sociedade o uso de mentiras é propagado sistematicamente e através de diversas mídias, esse ato de mentir nos informa algum aspecto que é, em alguma medida, importante para a caracterização dos usos da linguagem. Essas condições estão, portanto, intrinsecamente ligadas à mudança social, o que nos faz pensar em como Fairclough (2001) entende a relação entre linguagem e sociedade.

Omena (2019, p. 7, grifos da autora) faz a seguinte provocação para pensarmos em como ter um ponto de partida para a realização de uma pesquisa social por meio dos métodos digitais:

[...] lidar com o digital é também sinônimo de tentar compreender o transitório, passageiro, efêmero. Esta dinâmica ativa e nunca entediante de seguir a lógica do meio (*medium*) é inerente à abordagem dos métodos digitais que, por essa razão, reúne um conjunto particular de questionamentos. *Por onde começar? Como fazer? É possível? E se?*

Como se vê, algumas indagações são necessárias para poder ter um rumo mais nítido por onde se navegar. Como sabemos, o ambiente digital é extremamente transitório por apresentar características demasiadamente fluidas, ou seja, o que está disponível hoje poderá não estar mais

³⁵ Digital methods have a general research strategy, or set of moves, that have certain affinities with an online software project. First, stock is taken of the available digital objects, such as hyperlinks, tags, retweets, shortened URLs, Wikipedia edits, anonymous user IP addresses, timestamps, likes, shares, comments and others. Subsequently it is asked, how do the devices online handle these objects? How may we learn from online method? Here the sociological imagination or social research outlook enters the purview. How to repurpose the online methods and the devices so as to study not online culture or the virtual society, but cultural condition and societal change?

disponível amanhã. Dada essa efemeridade em relação aos dados, é necessário adotar uma postura ativa no sentido de captar os dados tão logo se possa, bem como arquivá-los de maneira sistemática.

Além disso, a autora nos faz refletir por meio de alguns questionamentos basilares como ponto de partida para a investigação social. Antes de tudo é necessário saber por onde começar exatamente: ter o que Rogers (2024) chama de um *query design* (design interrogativo³⁶), isto é, uma etapa pré-pesquisa, por assim dizer, em que o pesquisador realiza a criação de listas de palavras-chave ou *hashtags*, por exemplo, para poder ter um ponto em que se firmar. Além disso, os outros questionamentos também vão se transformando em passos de pesquisas, tais como pensar se é possível analisar determinados objetos digitais isoladamente ou de maneira a verificar sua coocorrência.

Para além dessas perguntas iniciais, Omena (2019, p. 7) também pretende incitar a reflexão por meio de outras indagações, porém com um direcionamento mais específico em torno de aspectos de ordem mais ligada à investigação em ambiente digital:

Neste entendimento, é natural que nos questionemos sobre como conduzir estudos através e sobre a Internet e as plataformas de media sociais sob a perspectiva dos métodos digitais. Como formular as perguntas de investigação? De que forma devemos pensar os objetos nativos digitais e as gramáticas dos media sociais (i.e. hashtags, URLs, likes, recomendação algorítmica, classificação de informação)? Que tipos de estudos podem ser realizados através destes métodos? Quais são as *affordances* e limitações dos métodos digitais?

Assim, essa citação dialoga com o que foi dito anteriormente por Rogers (2024) a respeito de fazer pesquisa com os métodos digitais usando os objetos digitais. Uma das perguntas que surgem ao lermos essas explicações iniciais dizem respeito a como realizar uma pesquisa na internet. Muito embora possa parecer que o processo seja simples, considerando toda a tecnologia que está disponível hoje em dia para acessar *sites*, plataformas de mídia social ou outros lugares, o que não parece tão simples é como perceber esse ambiente como um *locus* de investigação científica de tal forma que isso contribua para o entendimento das questões sociais.

A questão, portanto, seria: como realizar pesquisa na/sobre a internet? Disso decorrem alguns elementos interessantes. O fator “plataforma de mídias sociais”, acreditamos, é uma das maneiras que melhor explicam a sociedade atual em que vivemos. Dessa forma, estudá-las apresenta-se como condição *sine qua non* para efetivamente perceber o que elas oferecem em

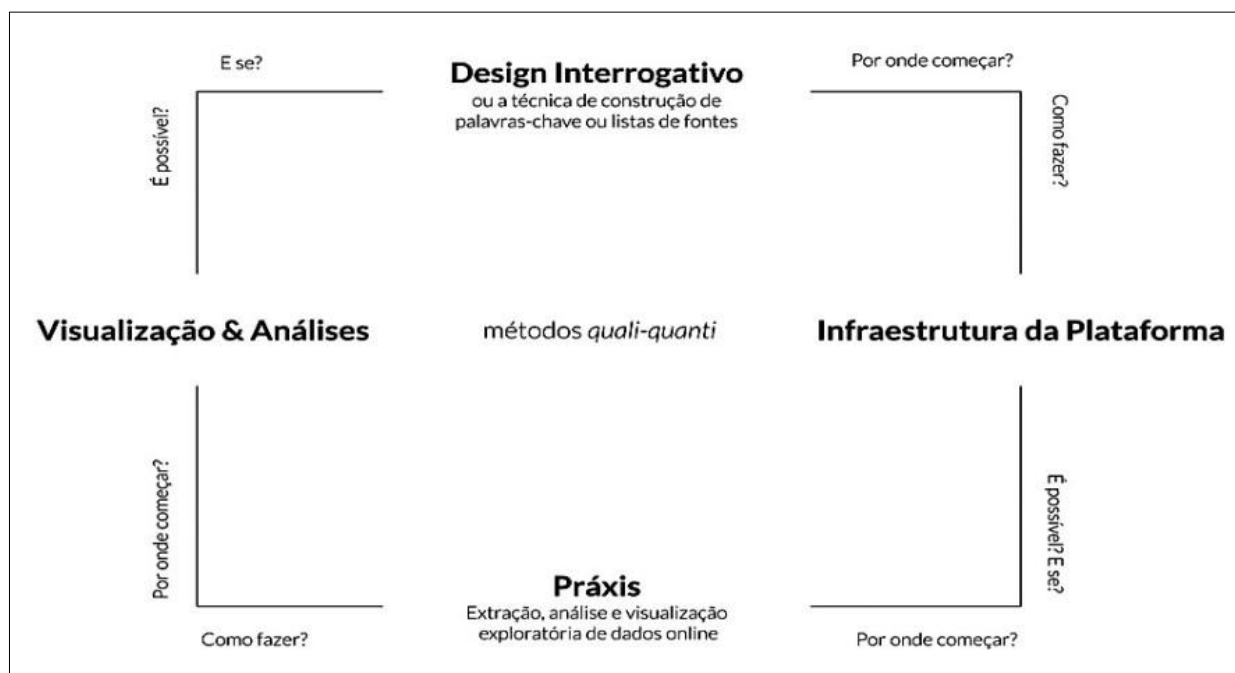
³⁶ Tradução de Omena (2019).

termos de explicação desses fenômenos que, atualmente, provocam uma série de questionamentos não só em torno das questões sociais, mas as da democracia, dos direitos humanos, segurança/privacidade etc.

Ainda na citação acima, o autor se questiona sobre como deveríamos pensar os objetos digitais. A nosso ver, tal proposta é absolutamente eficaz para podermos colocar em prática nossa capacidade de observar os objetos para além do que eles parecem ser: meros coadjuvantes. Na verdade, esses objetos digitais possuem um forte protagonismo no ambiente digital, pois eles são genuínos guias de comportamento social, pois proporcionam aquilo que as plataformas mais querem: a interação e o engajamento entre os usuários.

Nesse sentido, a pesquisa que utiliza os métodos digitais passa por uma série de voltas cíclicas que assumem uma postura que consideramos reflexiva e que dialoga com o que preconiza um dos princípios epistemológicos do campo da ADC. A figura abaixo tenta visualmente mapear o que pode ser entendido como o percurso de uma investigação em termos metodológicos:

Figura 4 – A lógica funcional dos métodos digitais



Fonte: Omena (2019).

Apesar de estarem entrelaçados e de não haver uma ordem obrigatória, o primeiro passo tende a ser o design interrogativo, pois é a partir dele que se começa a esboçar o rumo da

investigação. Para compreender tal processo, é fundamental se ater ao que Rogers (2024, p. 21, tradução nossa) comenta sobre a relação que essa construção tem com as particularidades das plataformas:

De que forma se pode construir listas de palavras-chave e para quais fins? Um método de design interrogativo que discuto em alguma medida é a abordagem programa/antiprograma, em que se formam listas de palavras-chave que competem entre si. Em seguida, discuto a construção de listas-fonte, especialmente uma técnica que se refere a uma bola de neve investigativa associativa. Neste caso, o Google ou outro motor de busca é interrogado iterativamente para construir listas de URLs, páginas do Facebook, hashtags do TikTok, Instagram ou X/Twitter, bem como outros objetos digitais preponderantes (essas iterações podem ser reforçadas com buscas em plataformas)³⁷.

Diante de tudo o que foi até aqui exposto, torna-se um fator relevante considerar o que o estudo sobre esses objetos digitais gera em termos de compreensão das relações entre as condições culturais e a mudança social, este último indispensável para quem realiza pesquisa em ADC. Dessa forma, propomos uma interface metodológica entre a ADC e os Métodos Digitais, tendo como fundamento a necessidade de um olhar crítico diante desses objetos digitais, das práticas sociais e de quem faz parte desses meios. Assumimos, portanto, uma postura analista crítica que permite “[...] problematizar efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, podem ter sobre relações sociais, ações e interações, pessoas, mundo material” (Ramalho; Resende, 2011, p. 95).

Após havermos comentado sobre os métodos digitais, discutiremos a seguir as características específicas em torno da coleta dos dados e dos procedimentos de pesquisa.

3.3 Procedimentos metodológicos

Diante da interface proposta na subseção anterior, busquei me centrar em técnicas de coleta de dados e em procedimentos metodológicos que fomentassem essa relação entre o discursivo e o digital. Iniciamos o percurso abordando as escolhas e as buscas dos objetos digitais,

³⁷ How does one go about making lists of keywords and to what ends? One method of query design that I discuss at some length is the programme/anti-programme approach, where one builds competing lists of keywords. Subsequently, I discuss source list building, especially a technique referred to as associative query snowballing. Here Google or another search engine is queried iteratively in order to make lists of URLs; Facebook pages; X/Twitter, Instagram and TikTok hashtags; or other substantive digital objects. (These engine queries may be supplemented with platform searches).

bem como de programas/extensões para a coleta de dados. Após isso, tentamos dar conta da operacionalização desses dados coletados em meio digital.

Para realizar tal coleta de dados, utilizamos os métodos digitais, dentro da proposta de Rogers (2024). Tal abordagem possibilitou a coleta de objetos digitais por meio de programas e extensões desenvolvidos por integrantes do grupo de pesquisa “*Digital Methods Initiative*”, que é referência na forma de realizar pesquisa social dentro do ambiente digital. Além disso, o grupo conta com diversos pesquisadores de distintas áreas, o que confere maior transdisciplinaridade às propostas.

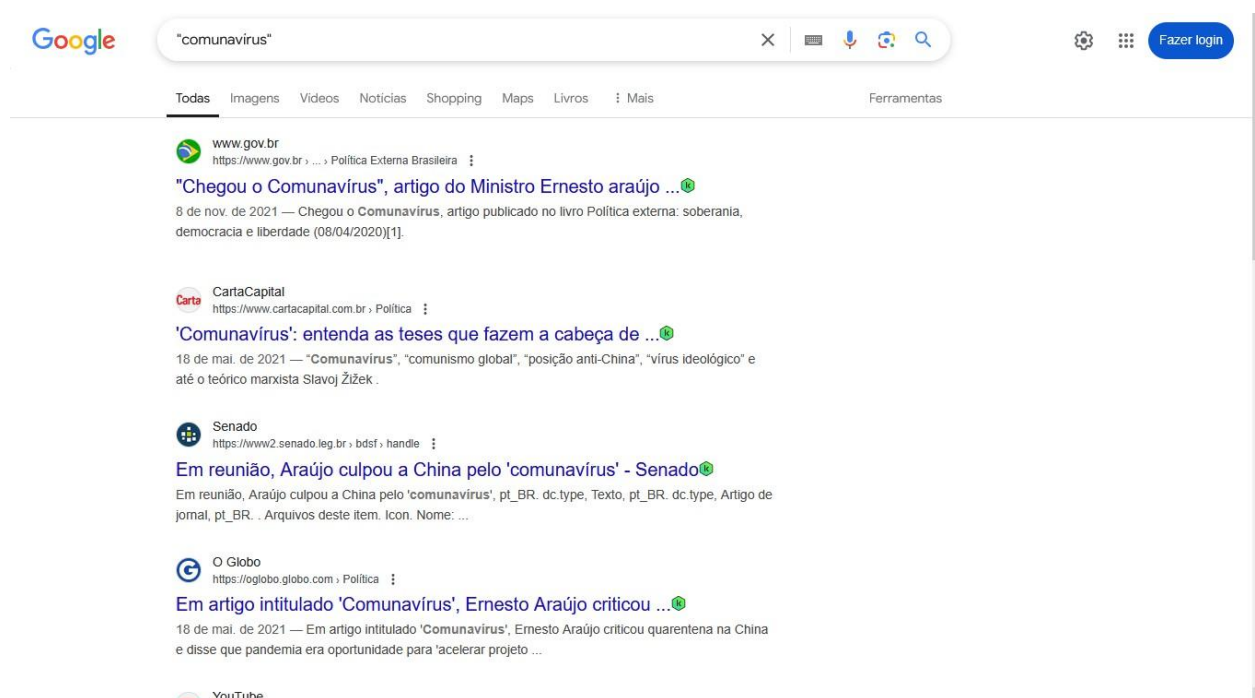
As palavras-chave em buscadores, como o Google, tornaram-se uma excelente maneira de construir um design interrogativo, conforme o que Rogers (2024) apregoa. Nesse sentido, iniciamos nossas buscas através do Google por meio do uso de algumas palavras-chave, tais como “vacinação”, “pandemia”, “covid-19” e afins. Esses primeiros passos serviram tão somente para termos uma ideia bastante ampla sobre a situação contextual que vivenciamos. Aliás, cabe aqui a observação pertinente de que tanto mais próximos do momento em que o evento estiver acontecendo, melhores são as probabilidades de captar com mais eficiência os objetos digitais a ele relacionados.

Nesse sentido, as buscas sobre a pandemia de covid-19 tendem a retornar resultados menos expressivos em comparação à época em que ela tinha *status* emergencial. Muitas postagens conspiratórias e desinformativas, por exemplo, já foram excluídas das plataformas, o que impossibilita a coleta desses dados que já não existem mais. Não obstante, ainda é possível coletar uma série de objetos e vê-los, agora, sob uma ótica que talvez seja ainda mais precisa, considerando que ao nos afastar um pouco da situação pandêmica podemos vê-la com maior diligência. Destaco ainda o fato de que essas postagens fraudulentas que foram coletadas, mesmo após estarem publicamente no ar por já quase 5 anos, continuam disponíveis para serem reproduzidas.

Por meio das buscas em algumas notícias, artigos científicos ou outros tipos de texto, alguns termos associativos surgiram e, em muitos deles, pudemos encontrar valiosas dicas sobre quais objetos pesquisar. Em nosso caso, deparamo-nos com notícias que abordavam sobre teor conspiratório/desinformativo de personalidades, muitas vezes políticas, em torno de associações entre a pandemia e outros elementos. Uma dessas matérias informava sobre a fala proferida pelo então chanceler brasileiro em que ele usava o termo “comunavírus” para se referir à pandemia.

De imediato, o termo nos chamou a atenção por incitar uma associação que pode ser entendida como de cunho desinformativo/conspiratório ao unir os termos “comuna” (que vem de comunismo) e vírus, trazendo uma alegoria ao coronavírus. Assim, a busca pela palavra-chave retornou algumas matérias de jornais digitais conhecidos, bem como de páginas governamentais, conforme se vê na figura abaixo:

Figura 5 – Resultados da busca da palavra-chave “comunavírus”³⁸



Fonte: google.com.br.

Após ter encontrado uma grande relevância de informações nos *links* acima, decidimos que seria importante pesquisar se a #comunavirus retornaria resultados expressivos. Dessa forma, essa *hashtag* foi nosso ponto de partida para a captação de algumas outras sobre as quais decorreremos mais adiante. Para podermos fazer a busca dessa e de outras *hashtags*, utilizamos a ferramenta de captura de dados chamada Zeeschuimer³⁹. A imagem a seguir mostra a interface da extensão após ela ser inicializada:

³⁸ As primeiras buscas para esta investigação foram realizadas por volta do fim de 2024.

³⁹ O Zeeschuimer é uma extensão de navegador utilizada para captura de dados de plataformas de mídias sociais. Para maiores informações, cf. <https://github.com/digitalmethodsinitiative/zeeschuimer>.

Figura 6 – Interface da tela inicial da extensão Zeeschuimer



Fonte: arquivo pessoal.

Para início da coleta de dados, torna-se relevante efetuar dois passos: a configuração de um navegador, preferencialmente o *Mozilla Firefox*⁴⁰, bem como o entendimento de como a extensão Zeeschuimer opera. Para o primeiro passo, é importante ter em mente que devemos configurar adequadamente o navegador para termos acesso às plataformas de mídia social. Esse

⁴⁰ Conforme Rogers (2024), recomenda-se configurar um navegador para uso específico da coleta de dados. O navegador Firefox é o mais indicado por oferecer maior compatibilidade com as extensões utilizadas para coleta de dados, dentre elas o *Zeeschuimer*.

acesso deve ser realizado de forma que busque reduzir, o tanto quanto for possível, vieses de qualquer natureza.

Como sabemos, não há busca neutra. Portanto, é importante configurar apropriadamente o navegador como uma forma de mitigação do viés algorítmico. Isso ocorreu por meio da desativação de armazenamento de *cookies* e sem o histórico de navegação das preferências do usuário. Tal procedimento visa única e simplesmente reduzir a interferência de personalizações automatizadas na apresentação dos resultados e assegurar maior isenção na coleta dos dados, buscando atribuir maior organização, sistematicidade e seriedade à pesquisa científica.

Em relação ao uso efetivo da extensão, tão logo realizemos seu *download* já é possível utilizá-la. Atenção deve ser dada ao perfil que se usa para obter os dados da pesquisa, pois a conta poderá ser bloqueada devido a possíveis restrições que as plataformas usam para se precaver em termos de coletas de dados (especialmente depois do caso da *Cambridge Analytica*⁴¹). Assim, recomenda-se uma conta secundária e exclusiva para a realização das buscas. Uma vez que a configuração da conta e do navegador tenham sido feitas, basta ativar a extensão (botão *on/off*).

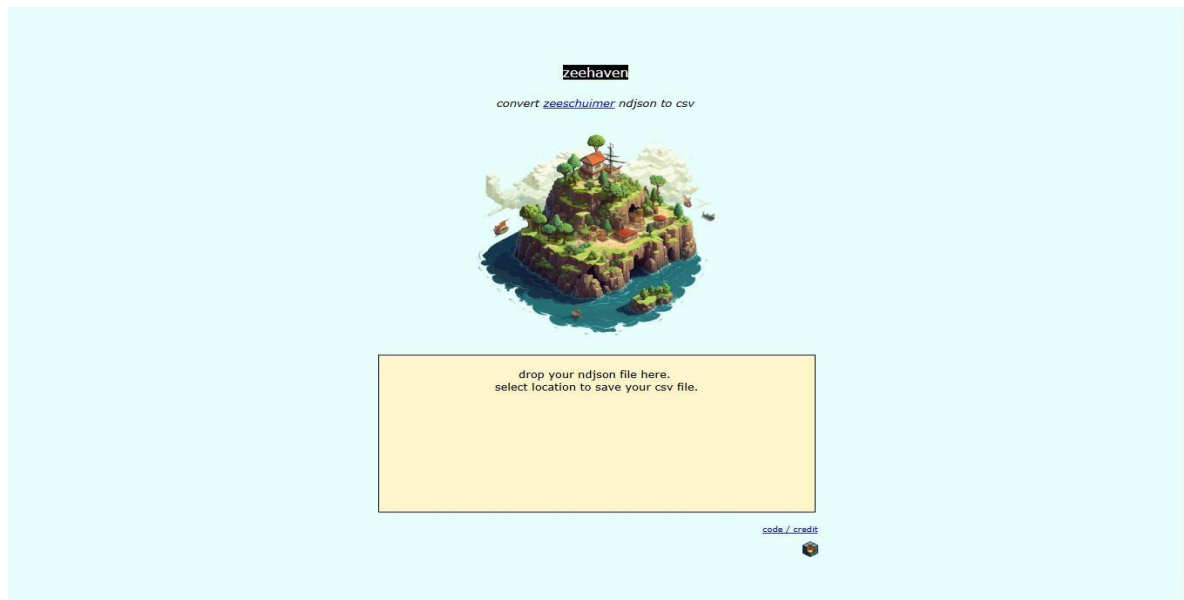
Ao acessar a plataforma que esteja ativa de acordo com a escolha do pesquisador, os metadados começam a ser automaticamente captados pela extensão. Ao rolar pela plataforma escolhida, a extensão vai captando as postagens, que acumulam indefinidamente mediante rolagem. Uma vez que o pesquisador esteja satisfeito com a quantidade de postagens ou se todas elas já houverem sido exibidas, basta clicar em *.ndjson*, formato de saída da coleta dos dados.

Com o arquivo em formato *.ndjson*, é necessário convertê-lo para um formato que seja mais simples de visualizar e de realizar o tratamento dos dados. Para tanto, fazemos uso do ‘Zeehaven’⁴², que é um site para conversão de arquivos *.ndjson* para *.csv*. Basicamente, basta arrastar o arquivo para dentro do retângulo de forma a selecionar a pasta para onde o arquivo já sairá com novo formato. A interface do site aparece na figura abaixo:

⁴¹ O caso Cambridge Analytica ocorreu no período das eleições estadunidenses de 2016 na plataforma do Facebook. Um grande escândalo envolveu o uso inapropriado de dados de milhões de usuários por parte dessa empresa russa, o que provocou uma maior atenção para as plataformas protegerem seus dados. Infelizmente, cientistas sociais foram prejudicados por terem suas fontes de dados de pesquisa cortadas sem aviso prévio.

⁴² O Zeehaven é um site de conversão de formato de arquivos específico para a conversão de *.ndjson* para *.csv*. Tendo em vista que muitos pesquisadores gostam de trabalhar com planilhas com melhor visualização, recomenda-se a adoção dessa ferramenta.

Figura 7 – Interface do Zeehaven



Fonte: <https://publicdatalab.github.io/zeehaven/>.

Com o arquivo .csv em mãos, podemos abri-lo com um programa de leitura de planilhas, tal como o Excel. O resultado é similar ao que se vê a seguir:

Figura 8 – Exemplo de planilha após o processo de conversão de formato

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
	id	thread_id	parent_id	body	author	timestamp	author_fullname	author_avatar	type	url	image_url	media_url	hashtags	num_likes	num_comments
1	B97LH2BJmD	B97LH2BJmD	B97LH2BJmD	A máfia portu	luismacielrod	#####	Maciel Rodrigo	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#VirusChinês	87	-1
2	CHX4DE4Jk1s	CHX4DE4Jk1s	CHX4DE4Jk1s	#comunavirus	conservadorisn	#####	Conservadorisn	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	20	-1
3	B9IKkt8hVWVx	B9IKkt8hVWVx	B9IKkt8hVWVx	#ComunaVirus	rafaelmedeiros	#####	Rafael Medeiros	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	48	-1
4	B9-5TLJb2	B9-5TLJb2	B9-5TLJb2	Deus na caus	patriotagauch	#####	PatriotaGauch	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#Bolsonaromel	490	-1
5	B-yEilBp_o6	B-yEilBp_o6	B-yEilBp_o6	#Repost @lu	o_direita_brasil1C	#####	Direita	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#Repost.#chini	333	-1
6	B-u4AkwOxi	B-u4AkwOxi	B-u4AkwOxi	Reposted from	movdireitajf	#####	Direita JF	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#chinavirus.#re	313	-1
7	CC9PbKXpN	CC9PbKXpN	CC9PbKXpN	Pq o enfermeir	lu_brasil27	#####	se L U B R	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ditaDória.#coi	94	-1
8	B-Cn5uYJDwE	B-Cn5uYJDwE	B-Cn5uYJDwE	B0lsonaro tem	tahiravivan	#####	Vivian Eh Tahir	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#VirusChinês	15	-1
9	B-AFxiEPsAK	B-AFxiEPsAK	B-AFxiEPsAK	#comunavirus	itupi1979	#####	A. B.	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	287	-1
10	CPBw-Olr0Lm	CPBw-Olr0Lm	CPBw-Olr0Lm	ZIZEK NA CPI	boitempo	#####	Boitempo	https://scontent	mixed	https://www.instagram.com/p/CPBw-Olr0Lm			#PandemiaCaç	4180	-1
11	B-TD7hSHED	B-TD7hSHED	B-TD7hSHED	Comunavirus	operamundi	#####	Opera Mundi	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#EuApoioOper	946	-1
12	CPBy-minkse	CPBy-minkse	CPBy-minkse	ZIZEK NA CPI	ivanajinkings	#####	Ivana Jinkings	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#Repost.#Pand	310	-1
13	B9pGKUbfqYl	B9pGKUbfqYl	B9pGKUbfqYl	O procurador-c	maisois	#####	Mais Goiás	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	3164	-1
14	B-A3GzTpuhk	B-A3GzTpuhk	B-A3GzTpuhk	#comunavirus	luismacielrod	#####	Maciel Rodrigo	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	144	-1
15	B9IKkSPcBSNg	B9IKkSPcBSNg	B9IKkSPcBSNg	#ComunaVirus	rafaelmedeiros	#####	Rafael Medeiros	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	22	-1
16	B-u79VLpo5W	B-u79VLpo5W	B-u79VLpo5W	Não olhem TV	patriotagauch	#####	PatriotaGauch	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#gripezinha.#g	136	-1
17	CCVVI3spFDg	CCVVI3spFDg	CCVVI3spFDg	Chatão, ontem	movdireitajf	#####	Direita JF	https://scontent	mixed	https://www.instagram.com/p/CCVVI3spFDg			#MovimentoDir	167	-1
18	B-C7nwXp8C3	B-C7nwXp8C3	B-C7nwXp8C3	O vírus é da	Cl armindamaci	#####	Arminda Macie	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	33	-1
19	B-plU-UJBGOV	B-plU-UJBGOV	B-plU-UJBGOV	#comunavirus	sergipinidade2	#####	Sergipinidade	https://scontent	unknown	https://www.in	https://scontent	https://scontent	#ComunaVirus	6	-1

Fonte: arquivo pessoal.

Como se vê, a planilha possui diversos metadados, a saber: id, body (corpo da mensagem), nome do perfil, horário da publicação, autoria da conta, link da publicação, *hashtags* usadas na postagem, número de curtidas, dentre outros. Essas colunas podem receber filtros mediante o foco do pesquisador. Assim, uma análise pode ser conduzida com os dados coletados em função do número de curtidas (do maior para menor), de uma determinada *hashtag* que aparece ou não nesse conjunto de dados, de um determinado período de tempo, de uma determinada autoria, a partir de grupos de *hashtags* etc. Dessa forma, o arquivo que obtemos após a coleta de dados nos proporciona muitas possibilidades analíticas interessantes. Em relação especificamente à coleta, obtivemos o seguinte material de análise:

Tabela 1 – Hashtags pesquisadas em função da plataforma de mídia social

	Plataformas de mídia social					
Hashtags	Instagram		X		TikTok	
#comunavirus	[307]	✓	[161]	✓	[268]	✓
#covid19	[800]	✓	[132]	✓	[282]	✓
#fraudemia2020	[245]	✓				
#pandemia	[473]	✓	[139]	✓	[291]	✓
#vachina	[422]	✓	[106]	✓		
#vacinacao	[466]	✓	[162]	✓	[300]	✓
#plandemia			[139]	✓		

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da tabela acima, podemos constatar que o número de resultados em cada uma das *hashtags* ultrapassa as centenas de postagens. No intuito de criar um *corpus* de pesquisa operacionalizável, decidimos restringir esse material de análise para contemplar somente uma dessas plataformas, o Instagram, e três *hashtags* nela vistas, a saber: #comunavirus, #fraudemia2020 e #vachina. Essa escolha ocorreu a partir da visualização de múltiplas postagens de todas essas *hashtags* pesquisadas. Por fim, definimos uma única postagem de cada *hashtag*, baseando-nos na riqueza discursiva que elas ofereciam.

Dessa forma, nosso *corpus* foi composto por três postagens. Esses três filtros foram fundamentais para determiná-lo, considerando que cada uma das postagens dessas três *hashtags* possibilita um grande aprofundamento discursivo, motivo pelo qual foram escolhidas. A seguir daremos início ao exercício analítico, que está composto por quatro subseções. Em três delas,

efetuo uma análise separada das três *hashtags* coletadas, sendo que, na última, adiciono uma quarta *hashtag* (#FiqueEmCasa) não prevista e que veio à tona somente em momento posterior ao da coleta. Isso ocorreu por conta do próprio exercício analítico e fomentou a construção de uma contribuição teórica em forma de quadro. Após esse exercício, concluo a seção analítica com uma subseção reflexiva.

4 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção analítica congrega os elementos teórico-metodológicos empreendidos até aqui. A análise se deu a partir da visão crítica sobre o uso de *hashtags* entendidas como objetos digitais desinformativos em torno da pandemia de covid-19. Para tanto, lançamos mão da análise dos objetos digitais por meio da coleta realizada a partir das buscas feitas na plataforma de mídia social Instagram, conforme procedimentos descritos no capítulo metodológico.

A análise a seguir se organiza em torno de três eixos: (1) a reconfiguração funcional da *hashtag* como vetor (anti)programa, (2) os processos interdiscursivos ativados por palavras-chave identitárias e (3) a promoção da ignorância sociodigital na adesão acrítica à desinformação. Adiante, inicio o percurso com a primeira *hashtag* coletada e realizo o mesmo processo com as outras duas previstas, somadas a uma *hashtag* extra. Concluo a seção por meio de um exercício de reflexividade com o intuito de discutir algumas questões pós-analíticas.

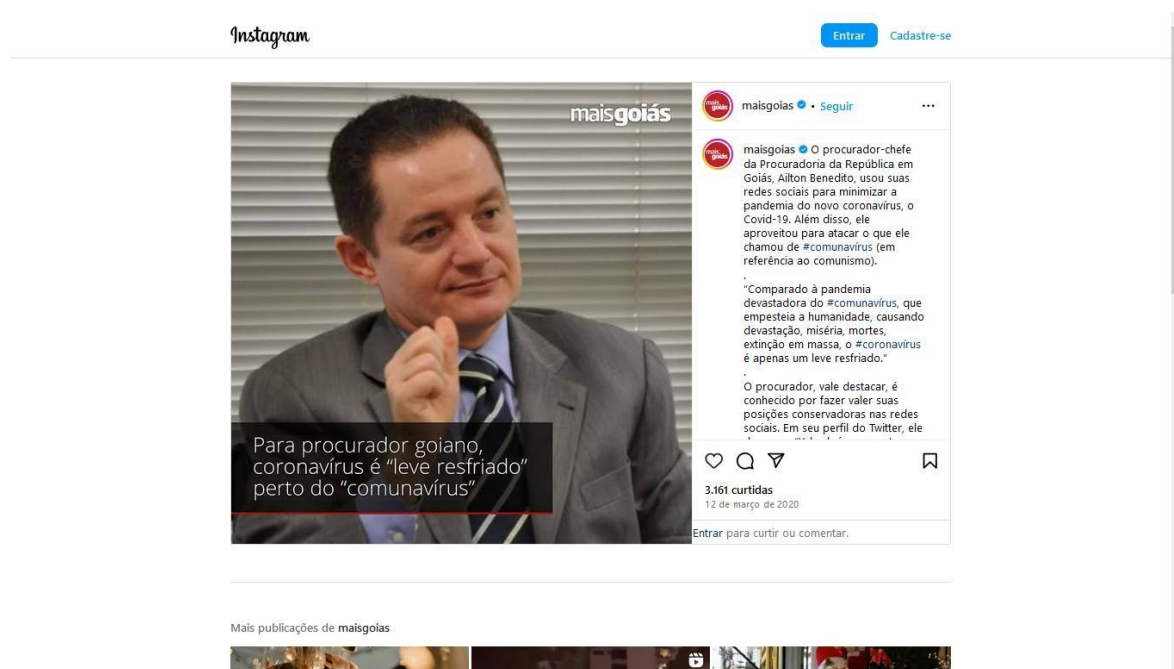
4.1 “Comparado à pandemia devastadora do #comunavírus, o #coronavírus é apenas um leve resfriado”

O primeiro objeto digital desinformativo a ser analisado faz parte de uma publicação feita pelo perfil intitulado “maisgoias”, que se trata de um veículo de notícias do estado de Goiás e que aborda notícias, denúncias e informações sobre diversos assuntos regionais e nacionais. Na ocasião, a postagem noticia uma fala proferida pelo procurador-chefe da Procuradoria da República do referido estado, Ailton Benedito, sobre a situação vivenciada naquele momento, isto é, a pandemia de covid-19.

O procurador realizou uma comparação entre o que ele entende ser dois vírus distintos: o coronavírus e o comunavírus, sendo este último o mais perigoso. Abaixo, encontra-se o *print* da postagem referida ao evento. Além disso, disponibilizamos a transcrição⁴³ do texto-base (que conta com uma breve análise da própria página de notícias) em seguida. Após a exibição desses dados, procedemos ao momento de análise.

⁴³ As transcrições foram feitas palavra por palavra (*ipsis litteris*) e em fonte com tamanho reduzido (tamanho 10). O intuito de exibi-las em forma de texto escrito, ao invés de imagem, visa facilitar a leitura e evitar *prints* em excesso. Pode-se, alternativamente, recorrer ao link da postagem e efetuar a leitura diretamente na página.

Figura 9 – Postagem sobre a comparação entre o coronavírus e o comunavírus



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9pGKUbfQYD/>

O procurador-chefe da Procuradoria da República em Goiás, Ailton Benedito, usou suas redes sociais para minimizar a pandemia do novo coronavírus, o Covid-19. Além disso, ele aproveitou para atacar o que ele chamou de #comunavírus (em referência ao comunismo).

“Comparado à pandemia devastadora do #comunavírus, que empesteia a humanidade, causando devastação, miséria, mortes, extinção em massa, o #coronavírus é apenas um leve resfriado.”

O procurador, vale destacar, é conhecido por fazer valer suas posições conservadoras nas redes sociais. Em seu perfil do Twitter, ele descreve: “Yahveh é meu pastor, nada me falta. Brasil. Ordem. Justiça. Liberdade. Conservadorismo. Procurador da República.” Na rede desde julho de 2011, o membro do Ministério Público Federal (MPF) tem cerca de 136 mil seguidores.

Análise

Apesar de minimizar, esta não foi a única postagem sobre o tema. Após aquela publicação, ele fez uma análise sobre a recuperação da China. “Exatamente quando a OMS declara pandemia do coronavírus vírus originário na China, o mundo entra em crise econômica. Então, aquele país informa que já superou o pico de contágio. Está pronto para se recuperar antes de todos os outros e se tornar mais poderoso geopoliticamente.”

E a análise continua: “Há algum tempo, ‘especialistas’ em China previam que o país mudaria seu foco de crescimento econômico de exportador para atendimento da própria população. O achatamento geral dos preços mundiais de commodities demandadas pelos chineses causado por pandemias gera negócios da China.”

Já em outra postagem, mais recente, há aproximadamente uma hora, ele criticou a atuação da imprensa. “Casos de #coronavírus no Brasil começam a se multiplicar, passadas duas semanas do carnaval, quando ninguém no jornalismo de retroescavadeira se preocupou com aglomerações humanas.”

Por @francisco_costa85hq – Francisco Costa | (Foto: reprodução/internet)

Analisar qualquer objeto digital, ainda mais os que têm grande potencial de cunho desinformativo, se configura como uma tarefa que requer um trabalho analítico minucioso. A princípio, precisamos ter em mente uma característica que é preponderante nos objetos digitais desinformativos: a sua interrelação com os outros objetos digitais e com o próprio ambiente. Dessa maneira, toda análise pressupõe a presença de diversas associações para além do que se lê de imediato dentro daquela materialidade. Por esse motivo, as redes de relações para o entendimento de um objeto digital se fazem fundamentais. A análise a seguir busca se aprofundar nas questões de ordem digital ao mesmo tempo em que se baseia em uma perspectiva crítica de análise discursiva. Para tanto, pretendemos conduzir a análise contemplando essa interface.

A postagem, feita em 12 de março de 2020, se trata de uma notícia sobre um pronunciamento do procurador-chefe do estado de Goiás, Ailton Bedito, em referência ao momento que estava sendo vivenciado naquele instante, que era o início da pandemia de covid-19. Diante de muitas incertezas, o cenário propiciava opiniões as mais diversas: palpites sobre quanto tempo aquele cenário iria durar, as inúmeras conspirações sobre como esse novo vírus surgiu, dentre uma série de invenções mirabolantes profetizadas por vários atores sociais.

Nesse sentido, o enorme caos propiciado pela dimensão emocional em meio a tantas notícias (muitas delas falsas) vieram dificultar ainda mais em como saber lidar com aquele cenário. Some-se a isso, uma grande instabilidade política em torno da polarização esquerda/direita pairou ao longo de toda a pandemia. Aliás, tal divergência se mostrou completamente presente nas discussões levadas a cabo durante o período.

De fato, percebemos que a presença do teor marcadamente político-partidário foi extremamente forte, seja nas declarações que guiaram o comportamento das pessoas ou nos próprios comentários delas. O que se viu, afinal de contas, foi uma pandemia que se “diferiu” de

acordo com os posicionamentos que um indivíduo tem não só da doença em si, mas, mais importante ainda, de uma ideia que propiciasse uma sensação de certeza em meio a incertezas.

Na postagem, vemos uma mescla de distintas vozes, que se misturam a ponto de dessensibilizar nossa capacidade de julgamento em relação a saber bem se um determinado ator social é contra ou a favor de uma situação, isto é, qual abordagem (programa, antiprograma ou neutra) este utiliza. No início da postagem, podemos ver o seguinte trecho⁴⁴: *“O procurador-chefe da Procuradoria da República em Goiás, Ailton Benedito, usou suas redes sociais para minimizar a pandemia do novo coronavírus, o Covid-19. Além disso, ele aproveitou para atacar o que ele chamou de #comunavírus (em referência ao comunismo)”*.

Como se vê, este trecho traz o fato ocorrido: o comentário proferido pelo procurador acerca da pandemia. A forma de trazer esse comentário de outrem se deu a partir da marcação do uso da #comunavírus, que, segundo a autoria da página, é um ataque ao comunismo. A criação do termo, na verdade, não é de autoria do procurador, mas sim de uma outra personalidade (para saber desse fato faz-se necessário realizar buscas⁴⁵). Esse reuso é uma característica típica dos usuários para topicalizarem suas postagens, trazendo, de antemão, outros objetos digitais (por exemplo, essa *hashtag* específica). Ao enunciar esse termo-chave, a página adianta o posicionamento antiprograma do procurador.

O comunismo é um termo importante nas discussões sobre a *hashtag* em questão. A instabilidade com que ele é abordado propicia uma grande diversidade de opiniões mediante a compreensão de que se tem dele. Ao se referir à pandemia de coronavírus usando a #comunavírus, busca-se não só fazer uma “brincadeira” com as palavras, atacando indiretamente quem apoia o comunismo (obviamente, dentro de uma visão que o considere como algo negativo), mas também, e principalmente, a demarcação de uma visão de mundo que explica a natureza desse vírus.

Mais adiante, a postagem traz as aspas que denotam a fala do procurador: *“Comparado à pandemia devastadora do #comunavírus, que empesteia a humanidade, causando devastação, miséria, mortes, extinção em massa, o #coronavírus é apenas um leve resfriado”*. Como vemos, o intuito dessa comparação é o de mostrar que, segundo ele, estamos lidando com dois exemplares

⁴⁴ Os trechos referentes às postagens aparecerão sempre entre aspas e em itálico.

⁴⁵ O termo foi cunhado pelo então ministro das relações internacionais, Ernesto Araújo, em artigo escrito na obra *Política externa: soberania, democracia e liberdade*. Para maiores informações, cf. <https://funag.gov.br/biblioteca/download/politica-externa-soberania-democracia-e-liberdade.pdf>.

de vírus: o coronavírus e o comunavírus. Além disso, a comparação busca enaltecer o caráter destrutivo de um e o simplista do outro.

Ao considerar o comunavírus como causador de todos esses atributos negativos, há uma tentativa de atribuir aquilo que seria mais típico de um vírus pandêmico a esse vírus ideológico, que seria muito mais danoso. Em contraposição, o vírus pandêmico se trata somente de um leve resfriado. Alguns dias depois, mais precisamente em 20/03/2020, o então presidente da república viria a afirmar que esse mesmo vírus se trata de uma “gripezinha”⁴⁶. Pelo fato de a presidência assumir um posicionamento negacionista, a maneira com que a nossa sociedade lidou com o coronavírus sofreu muitas interferências negativas em relação a como se cuidar e a se proteger devidamente.

A partir da leitura efetuada em torno das ideias do procurador, em primeiro lugar, como já bem notamos no início da análise desse primeiro objeto, a impressão que fica é a de que a pandemia de coronavírus seria, na verdade, uma invenção de “comunistas”. Quando aceita, a pandemia se trata de uma doença minimamente perigosa, que se assemelharia a uma simples gripe, que, apesar de também ocasionar óbitos, no fim das contas é uma gripe apenas.

Do ponto de vista mais estritamente linguístico, vemos o uso da figura de linguagem da comparação que se fundamenta em duas comparações: a primeira gira em torno das semelhanças que o comunavírus tem com outras doenças, como a peste (presença do radical na forma verbal “empesteia”); a segunda provoca um distanciamento por meio de avaliação negativa que ocorre a partir do uso da nominalização negativa por meio dos termos “devastação, miséria, mortes, extinção” que se contrapõe a uma carga semântica menor com o uso de “leve resfriado”.

Em seguida, a postagem traz uma informação sobre as postagens do procurador, caracterizando-as como de caráter conservador. A bio de seu perfil no Twitter é transcrita: “*Yahveh é meu pastor, nada me falta. Brasil. Ordem. Justiça. Liberdade. Conservadorismo. Procurador da República.*” Uma bio pode ser entendida como um breve resumo disponibilizado pelo próprio usuário sobre algumas de suas características mais marcantes. É nela onde colocamos nossos principais interesses e onde mostramos um pouco de nossa própria identidade.

No exemplar de seu perfil no X, o procurador recorre a uma passagem bíblica conhecida, tentando mostrar diversos aspectos, tais como a proteção divina, a obediência, o caráter de confiança (fê) nessa divindade a ponto de considerar que isso é suficiente, pois nada mais lhe

⁴⁶ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>.

faltaria. Dessa forma, o recurso intertextual com alusão religiosa é presente na concepção identitária de alguns desses indivíduos.

Dentre as palavras-chave destacadas pelo procurador, podemos traçar múltiplas associações. No entanto, os termos “liberdade” e “conservadorismo” nos remetem a uma infinidade de outros textos. A liberdade é um valor importante para o convívio social e para o crescimento pessoal enquanto cidadão. No entanto, o termo tem sido usado, por grupos mais alinhados ao espectro da direita, como uma maneira de poder abertamente falar o que se pensa sem nenhum tipo de regra social pré-estabelecida.

No momento em que escrevo esses parágrafos, vejo a notícia⁴⁷ de que Mark Zuckerberg, presidente-executivo da Meta, fez um pronunciamento sobre o abandono do uso de checagem independente de fatos no Instagram e no Facebook. Em outras palavras, a partir de agora, essas duas plataformas não irão mais recorrer ao trabalho feito por agências de checagem. O argumento utilizado para tal remoção, segundo Zuckerberg, é o de que as plataformas têm censurado seus usuários, alegando uma motivação de retorno às raízes em termos do que ele chama de liberdade de expressão.

Dessa forma, os conteúdos serão julgados pelos próprios usuários. Isso implica considerar que se um usuário acredita ser de seu direito como cidadão espalhar todo tipo de informação conspiratória em torno de um processo eleitoral ou de que uma determinada vacina causa uma série de problemas que culminam na morte de quem a recebeu, isso agora passa não mais a ser checado por agências independentes, mas sim pelos próprios usuários da plataforma.

Longe de ser surpreendente, tendo em vista que quem faz pesquisa com mídias sociais tem a impressão de que as plataformas estão, cada vez menos, se responsabilizando pelos conteúdos que nelas aparecem, a notícia parece um nítido movimento pró-Trump, atual presidente estadunidense. Lembremo-nos que o líder republicano foi recentemente reeleito para o seu segundo mandato e que uma das figuras proeminentes de sua campanha foi Elon Musk, proprietário do X (antigo Twitter).

Dessa forma, a aliança entre as ideias da extrema-direita estadunidense, encapsuladas na figura de Donald Trump, e as motivações das grandes empresas de mídias sociais, especialmente as de Musk e Zuckerberg, em torno da desregulação dos conteúdos parece um “casamento perfeito” diante das declarações dadas por essas três figuras que, juntas, possuem o potencial de criar um

⁴⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gzn410knvo>

império político-cibernético. Essa discussão sobre as mudanças do âmbito da checagem nas plataformas de mídia social contribui ainda mais para a possibilidade de difusão de informação devido à ausência de checagem especializada.

Ainda sobre a notícia, vemos que o referido abandono da checagem por agências e adoção da checagem por usuários trata-se de uma forma de cancelar o discurso de ódio, a desinformação e tantas outras particularidades negativas dessas plataformas, que não querem ser responsáveis pelos conteúdos que nelas circulam. Portanto, a liberdade de expressão é um conceito importante na análise da hashtag #comunavírus, pois esta adotará múltiplas referências a se expressar livremente sem sofrer nenhum tipo de coerção ou censura.

Já o termo conservadorismo, que também nos chama a atenção, serve para ilustrar uma forma específica de concepção de mundo que tem como base os preceitos tradicionais das instituições, em especial os de cunho religioso (cristão), para a preservação cultural das ideias, opondo-se, por definição, às revoluções e ao progressismo. O termo poderia ser resumido em três: ordem, justiça e liberdade. Coincidentemente, três das palavras-chave que aparecem na descrição da bio do procurador.

O conservadorismo no Brasil parece ter adotado uma postura marcadamente político-religiosa que se assenta, como o próprio nome já indica, na política (através do conservadorismo de espectro de direita, que privilegia as elites e a manutenção da ordem natural) e na religião (através, em especial, de evangélicos). Tal combinação fomenta uma forte associação entre essas duas esferas, favorecendo uma interrelação entre as ideias políticas e religiosas, de forma que grande parte dos conservadores possuem inclinação ao tradicionalismo religioso.

Essa discussão sobre esses termos que aparecem na bio da figura do procurador, que merece destaque para uma compreensão mais refinada desse objeto digital desinformativo, se configura como um exercício analítico importante do ponto de vista teórico adotado neste trabalho. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 5, tradução nossa) comentam sobre como a hegemonia opera discursivamente:

[...] atingir a hegemonia para este discurso significa atingir uma percepção equivocada sobre sua arbitrariedade (nesse sentido) de modo que ele venha a ser visto como um reflexo transparente das realidades econômicas ao invés de construí-las de uma forma particular. [...]. A língua não é só relevante na construção discursiva das práticas que se modificam na modernidade posterior, pois as mudanças nessas práticas são, em parte,

fruto da língua. [...]. Há poderosos interesses econômicos em jogo ao fazer com que trabalhadores mudem sua prática languageira⁴⁸.

Por não haver ameaças explícitas, a hegemonia, portanto, diz mais respeito ao consenso do que à coerção, pois visa atingir uma percepção equivocada, nos termos dos autores, culminando no entendimento errôneo por parte do público de que o que se vê é um reflexo autêntico da realidade, quando, na verdade, os discursos são formas abstratas de significação do mundo e que irão variar em função de posicionamentos, crenças, desejos etc. É nesse sentido que a linguagem possui um papel relevante, pois ao mesmo tempo em que ela serve para captar o mundo, serviria também para transformá-lo.

Diante dessa discussão, cabe a pergunta: os objetos digitais desinformativos possuem um caráter hegemônico? Podemos dizer que sim, pois eles se tratam de exemplares que constroem uma forma peculiar de ver o mundo, que se baseia no uso parcial/total da mentira e com associações que, muitas vezes, sequer existem. O fato de esses objetos estarem inseridos em plataformas (empresas que visam ao lucro) auxilia na caracterização do aspecto hegemônico da manutenção de poder, que ocorre por meio da construção discursiva em torno da pandemia de covid-19 como uma fraude advinda do comunismo chinês.

As *hashtags*, assim, são vetores hegemônicos no sentido de alicerçarem seu conteúdo em associações mentirosas, por vezes conspiratórias, de uma realidade camuflada pelos interesses político-econômicos dos produtores de conteúdo dessas plataformas digitais. O trabalho do analista crítico é, então, mostrar essas associações e tentar lançar luz sobre as motivações para esse uso específico da linguagem, bem como as implicações que isso acarreta.

É bastante evidente perceber a relação acima nos objetos digitais, pois, costumeiramente, existe uma menção muito explícita quanto ao posicionamento, seja político, religioso ou de outra ordem, em torno do próprio nome da hashtag, tal como ocorre com a *#comunavírus*, que é explicitamente anticomunista e conservadora no que diz respeito à associação do comunismo a um vírus (no contexto da pandemia de covid-19). É salutar observar que pelo fato de a *hashtag* trazer, nos termos de Rogers (2024), uma abordagem antiprograma, as discussões em

⁴⁸ “[...] achieving hegemony for this discourse means achieving a misperception of its arbitrariness (in that sense) so that it comes to be seen as transparently reflecting economic realities rather than constructing them in a particular way. [...] Language is relevant not only in the discursive construction of the changing practice of late modernity – what is changing in these practices is in part also language. [...] There are powerful economic interests at stake in getting workers to change their language practice [...]”

torno dessa *hashtag* não necessariamente irão ser exclusivamente antiprograma, ou seja, necessariamente anticomunistas.

É possível que haja, por exemplo, o uso dessa mesma *hashtag* para a defesa do comunismo, aproveitando-se da notoriedade que ela pode estar causando nos índices de *hashtags* mais comentadas ou simplesmente como uma forma de rebater alguma acusação. Isso posto, também é importante “adentrar” essa *hashtag* e verificar os objetos digitais que dela emergem, tais como diversas postagens em que aparecem discussões acusativas e defensoras da temática sobre a qual a *hashtag* alude, seja a partir do texto-base (manchetes jornalísticas, memes etc.) ou dos comentários (que irão acrescentar/negar informações veiculadas a partir de links externos ou opinião própria).

Dessa forma, estamos concebendo a *hashtag* não como um mero marcador ou um agrupamento de discussões, mas sim como um objeto digital que encapsula uma série de outros tantos objetos digitais, o que se traduz como uma extensa rede de variedade de possibilidades analíticas. Em outras palavras, a *hashtag* assume uma (re)configuração de sua função, que passa a se tornar vetor da distribuição de desinformação, bem como a de incitar engajamento entre usuários com ideias antagônicas.

Um outro ponto importante que a postagem traz é uma seção analítica. A própria página traz ora informação, ora análise, ora opinião, o que pode vir a dificultar a compreensão da diferença entre os três. Ainda assim, é interessante ver o que a página informativa traz como análise. Nela, podemos ver a alusão a uma outra postagem que havia sido feita dias depois para ilustrar o posicionamento do procurador, que diz que a China está se beneficiando da situação pandêmica por já haver se recuperado economicamente enquanto o mundo segue em crise financeira. Tudo isso teria a ver com as motivações geopolíticas.

Nessa passagem, a opinião do procurador associa a China ao nome da *hashtag*, traçando uma comparação entre esse país, o comunismo e o vírus. Como sabemos, no ideário popular há uma forte associação entre China e comunismo, o que é explorado para assumir um posicionamento sinofóbico (sentimento contra a China). Além disso, a sinofobia tem sido mais atribuída aos representantes do espectro da direita brasileira, que, por sua vez, associam as questões chinesas à esquerda brasileira.

Dessa forma, temos uma divisão polarizante que se estabelece entre toda essa discussão empreendida até aqui: ser de direita, conservador, defensor da liberdade significa fazer parte de um

todo coerente que, em alguma medida, é contra a esquerda, o comunismo, a China e, por extensão, o coronavírus. Obviamente, há um esforço em tentar associar cada vez mais esses elementos com o intuito de tratá-los como causadores dos problemas pelos quais a sociedade está passando. Essas tentativas ocorrem mediante uma série de objetos digitais que são postados exaustivamente e compartilhados múltiplas vezes com os usuários de mídias sociais, que, em muitos casos, desprovidos de letramento midiático, tendem a aceitá-las naturalmente sem muito questionamento e criticidade.

Diante disso, torna-se oportuno observar a ignorância sociodigital nesses objetos digitais desinformativos como uma categoria analítica, buscando compreendê-la como um vetor discursivo. Considerando a ausência de letramento crítico, percebemos um forte engajamento acrítico em torno da desinformação, replicando-a e fazendo-a se expandir. Isso se mostra muito presente na seção dos comentários, pois é a partir dela que podemos ter uma noção mais precisa sobre como os usuários consomem esses objetos digitais desinformativos.

Após haver realizado a análise da parte mais proeminente da #comunavirus, partiremos agora para a seção dos comentários. As falas dos usuários são um material significativo para a análise da recepção dos textos, pois esses comentários costumam ocorrer em tom de reação, o que favorece a precisão dos efeitos sentidos que os usuários tiveram mediante leitura. O foco desta parte da investigação se dá na natureza dos comentários, isto é, em torno do teor utilizado na recepção do texto-base. Após observar múltiplos comentários da postagem, acreditamos que seja possível sistematizar o tipo de conteúdo desses comentários, mostrando o que isso pode indicar em termos discursivos. Para tanto, criamos uma tabela que engloba esses tipos aos quais estamos nos referindo:

Figura 10 – Teor do conteúdo dos comentários nas hashtags

Teor do conteúdo dos comentários nas hashtags		
Teor de aceitação	→	Cumplicidade
Teor de indignação	→	Contrariedade
Teor de baixo calão	→	Uso ofensivo de linguagem
Teor de humor	→	Perda da seriedade/ <i>Off-topic</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

A tipologia apresentada na figura 10 representa um esforço inicial importante de sistematização dos tipos de comentário encontrados na #comunavírus. Esses teores não devem ser entendidos como meras reações emocionais, mas como posicionamentos enunciativos que são marcados por modos de dizer (Fairclough, 2003).

Os comentários de aceitação podem ser identificados pelo uso de emojis positivos, expressões de concordância direta e retextualizações do texto-base com valor de endosso. Já os de indignação frequentemente trazem pronomes inclusivos (nós, nossos), marcadores de denúncia e uma modalidade assertiva. O humor e o baixo calão, por sua vez, operam como formas de contrariedade não argumentativa, que devem ser lidas como indícios de uma cultura de resposta digital influenciada pelas próprias *affordances* das plataformas.

De modo simplificado, a tabela aponta a existência de quatro tipos de teores, que podem ser assim classificados de acordo com o que veremos adiante na seção de comentários. O primeiro diz respeito à aceitação. Tal teor busca o aspecto de cumplicidade a partir da maneira com a qual os usuários se apropriam das ideias e se incluem como porta-vozes. O teor de indignação ocorre a partir da contrariedade, buscando argumentar por meio de razoabilidade. O teor de baixo calão se dá pelo uso ofensivo de linguagem, geralmente contra o que está sendo veiculado. Por fim, o teor humorístico ocorre por meio da perda da seriedade do assunto polêmico, buscando causar riso através de comparações *off-topic*⁴⁹. A seguir poderemos constatar esses teores por meio da análise dos comentários:

⁴⁹ Elemento que não se relaciona diretamente ao assunto.

Figura 11 – Comentários de aceitação do conteúdo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9pGKUbfqYD/>.

Os comentários acima de aceitação do conteúdo no texto-base possuem o teor de cumplicidade. Isso ocorre a partir da plena concordância com as ideias estabelecidas. Um efeito discursivo dessa concisão é a contribuição continuada (Santiago, 2021) constantemente reproduzida por esses usuários. Dentro da lógica de viralização, todo comentário se traduz em um sólido alicerce que vai edificando o objeto digital desinformativo, o que fomenta uma determinada identificação ideológica a ser repassada. Considerando toda a subjetivação da verdade empregada por quem está ali empregando a linguagem, percebemos uma forte tentativa de estabelecimento de ideias endogrupais.

Pelo que se pode observar a partir desses comentários coletados dentro da *hashtag* #comunavírus, os usuários se mostram em nada preocupados com a questão pandêmica, que começava a assolar o país. Na verdade, a maior preocupação se dá em estar de acordo com as ideias advindas do espectro político da direita. Além disso, a maneira com que essa concordância é

produzida, pelo que se nota, costuma ser proferida por meio de comentários muito breves/emojis, que buscam reforçar o posicionamento anticomunista do procurador. Aliás, alguns comentários denotam esse viés que busca enaltecer o então governo a partir da rejeição do “*Lularapio, que apoia o genocida Maduro incondicionalmente*” e do “*oportunismo do vírus chinês*”.

Esses dois elementos se sobressaem nos comentários por serem aqueles que guiam a forma de pensar dos que concordam com a ideia de que o grupo mental formado pela combinação dos conceitos de esquerda/China/comunismo é muito pior do que o de uma doença de alcance global. Assim, pouco importa se o procurador é ou não conhecido do público, desde que a visão de mundo colocada em cena se adeque a de quem está fazendo o comentário.

O aspecto conspiratório também emerge em um dos comentários em relação ao “vírus chinês”. Como sabemos, no início da pandemia surgiu a narrativa conspiratória de que a própria China teria criado o vírus que causou a pandemia de covid-19. Isso teria acontecido por motivações geopolíticas chinesas com vistas a seu próprio crescimento econômico. Dessa forma, a associação feita entre o “vírus chinês” e a esquerda brasileira tornou-se muito frutífera, tendo em vista que retextualiza o “fantasma do comunismo” em sua versão *à la* Brasil.

Diante desses comentários, podemos afirmar que a hashtag #comunavírus possibilita, dentre outros fatores, a discussão sobre a situação pandêmica dentro de uma perspectiva negacionista, pois aborda a temática a partir de elementos de natureza externa (comunismo, China, esquerda etc.), relacionando-os ao vírus Sars-Cov-2. Por meio do reforço linguístico instituído por alguns usuários, essa *hashtag* chancela uma manifestação alternativa ao que a ciência propõe. Por outro lado, logo abaixo, vemos o uso de comentários com um aspecto marcadamente humorístico e com uso de palavras de baixo calão:

Figura 12 – Comentários de rejeição ao conteúdo a partir de humor/uso ofensivo de linguagem



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9pGKUbfqYD/>.

Diferentemente dos comentários que concordam com o conteúdo do texto-base, os que discordam tendem a utilizar estruturas relativamente mais complexas e se dividem em dois grupos: a contrariedade por meio de humor/uso ofensivo de linguagem e a contrariedade por meio do uso de argumentos racionais. Iniciemos pelo primeiro aspecto, conforme a imagem apresentada logo acima.

Como vemos, no caso de comentários que não buscam argumentar, o caráter de contrariedade às ideias veiculadas no texto-base se dão por meio do uso de dois principais elementos: o humor e a linguagem chula. Tal dado nos leva a refletir sobre as maneiras pelas quais

os usuários contestam ideias no ambiente digital, pois, cada vez mais, parece-nos que os comentários são uma forma pela qual se pode inferir sobre as motivações desses usuários.

Se os comentários oferecem esses exemplos de humor/ofensa, podemos partir do princípio de que as discussões possuem um baixo índice de seriedade, compromisso e educação, especialmente para determinados assuntos que dizem respeito a eventos de grande magnitude e importância, caso da pandemia de covid-19. Dessa forma, o ambiente digital consegue influenciar negativamente a discussão que é produzida nesses comentários a partir de alguns fatores. O primeiro deles é a imposição da quantidade de texto por comentário que cada usuário pode ter. Como sabemos, esses comentários têm em sua gênese a característica de fluidez e tamanho reduzido, o que costuma implicar falta de argumentação e profundidade, já que pode ser preciso fazer uso de múltiplos comentários para desenvolver uma única ideia.

Do ponto de vista das mídias, tal imposição se mostra bastante vantajosa: os usuários tendem a querer opinar, muitas vezes sem conhecimento do assunto, pois não é necessário dizer muita coisa. O que importa, em muitos casos, é aparecer e defender seu ponto de vista, especialmente em discussões de cunho mais político. Além disso, essa ausência de maior espaço para a construção de argumentos mais sensatos fomenta nossa incapacidade de diálogo, pois nos faz crer que comentar, dentro do ambiente de uma mídia social, significa ser superficial a ponto de adotarmos uma postura que faça uso de linguagem obscena.

A figura 12, portanto, evidencia um conjunto de comentários que, embora discordem da postagem original, o fazem por meio de estratégias discursivas marcadas pelo deboche, escárnio, ironia e, em alguns casos, insultos diretos. Frases como “*kkkkkkkkkkkkkkkkkk porra em*” ou “*falou pouco mas falou muita bosta*” revelam um uso performático da linguagem digital, em que a agressividade simbólica se confunde com formas de humor crítico. Essa mistura de humor e deslegitimação é típica de interações digitais em ambientes polarizados, onde a economia do texto curto e o uso de emojis ou onomatopeias (como os “kks”) condensam posicionamentos ideológicos sem a necessidade de exposição argumentativa.

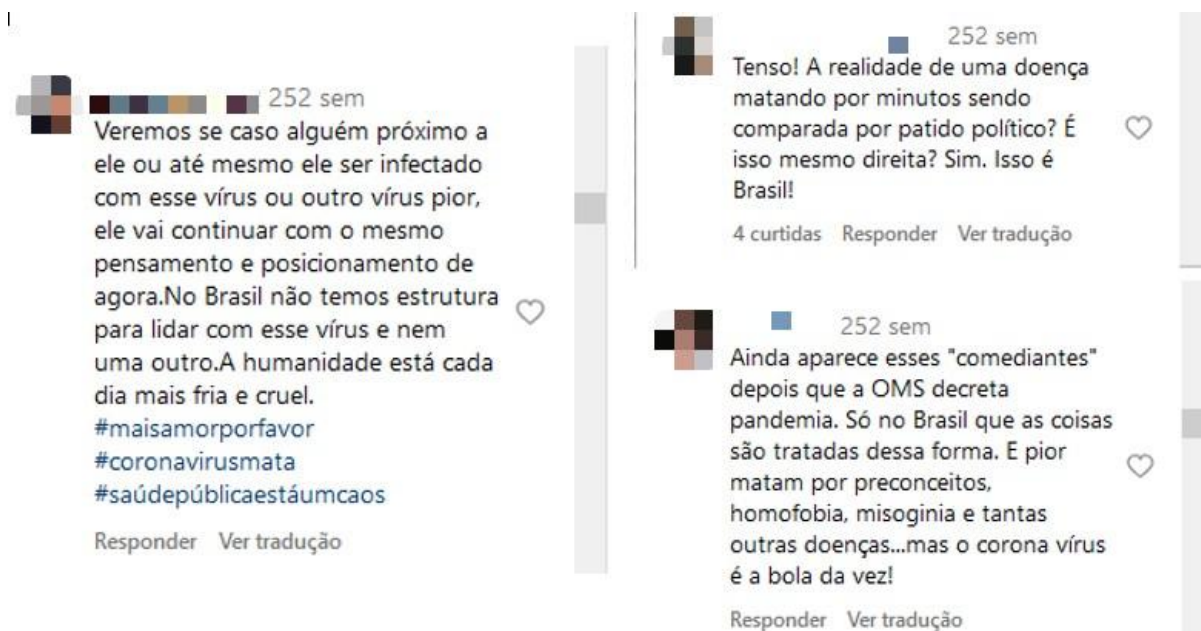
Notamos também que há traços de uma ironia amarga e de humor indignado, como no comentário “*todos os nossos representantes têm a idade mental de, no MÁXIMO, 5 anos*”, que revela uma crítica política generalizada à representação institucional. A força desses comentários não está apenas no conteúdo, mas na maneira como ativam interdiscursos já conhecidos, sobre corrupção, infantilização da política e anti-intelectualismo, por meio de fórmulas breves e virais.

Importa destacar que esse tipo de comentário, embora expressivo, não rompe necessariamente com a lógica da desinformação, pois contribui para o ruído informacional e reforça bolhas ideológicas. O ambiente algorítmico recompensa esse tipo de engajamento emocional, o que nos obriga a pensar na *hashtag* também como um espaço de circulação de ressentimentos e de modulações afetivas, nem sempre articuladas com criticidade ou profundidade.

Para além disso, os comentários são uma das *affordances* que mais contribuem para a difusão de um conteúdo, assim como os compartilhamentos. Quando uma *hashtag* ganha muitos comentários, ela passa a ficar em um ranking das *hashtags* mais usadas (assim como os termos mais usados), como no *trending topics* (nomenclatura usada no X). Dessa forma, um tópico pode ganhar muito destaque à medida que nele se produza uma importância elevada. Geralmente, esses tópicos são passageiros e duram poucas horas, pois se associam a fenômenos que ocorrem em tempo real, como um evento esportivo, a morte de alguém famoso ou algo banal em torno de uma personalidade conhecida.

Inclusive, essa importância pode, muitas vezes, sequer ser correspondente ao tópico, pois há a possibilidade de “forjar” uma importância que, em muitos casos, não necessariamente exista, o que poderia ocorrer por meio de impulsionamentos, comentários feitos por programas automatizados etc. Assim, as *affordances* das mídias sociais propulsionam os espaços reservados para discussões sobre a postagem, o que evidencia os intuitos dessas plataformas, que parecem não estar preocupadas com o que pode vir a ser produzido nesses comentários. A seguir, exibimos o segundo grupo de comentários dentro do aspecto de rejeição do teor conspiratório:

Figura 13 – Comentários contrários via argumentação



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9pGKUbfQYD/>.

Os comentários apresentados na figura acima diferem significativamente dos demais por expressarem uma postura mais reflexiva e crítica diante do conteúdo da postagem. Ainda que sejam breves, esses enunciados revelam preocupações que extrapolam a simples rejeição ideológica. Utilizam verbos de avaliação, marcadores de julgamento e referências à situação estrutural do país, evidenciando um esforço de compreensão mais ampla da crise pandêmica.

Nesses comentários, observa-se um gesto discursivo de reposicionamento: em vez de aderirem ao jogo da polarização, tentam interrogar a realidade, apontar falhas nas políticas públicas e denunciar desigualdades históricas. Esse tipo de intervenção não apenas contesta o conteúdo desinformativo, mas também propõe novos sentidos, baseados em um apelo à responsabilidade coletiva e à valorização do conhecimento.

O uso de expressões como “*não temos estrutura*” ou “*isso é Brasil*” funciona como marca de um olhar crítico, que não se contenta em ridicularizar o oponente, mas procura deslocar o debate para outras camadas sociais, econômicas, políticas. Esses comentários não anulam a *hashtag* #comunavírus, mas tensionam seu sentido, ao reinscrevê-la em um campo discursivo de crítica social e de disputa simbólica. Em vez de reafirmarem o conflito binário, esses enunciados provocam desestabilizações, abrindo fissuras no discurso dominante.

Além disso, esses comentários apresentados na figura acima diferem dos demais por promoverem um *ethos* crítico-reflexivo, baseado na denúncia e na problematização da realidade social, exibindo traços linguísticos que apontam para uma modalidade epistêmica mais elaborada, o que revela uma consciência das condições materiais e simbólicas da crise pandêmica. Esses enunciadores não apenas rejeitam a desinformação, mas propõem uma reescrita discursiva da realidade, ancorada na busca por responsabilização. A presença de termos como “estrutura”, “saúde pública” e referências implícitas à desigualdade indicam uma tentativa de deslocamento do debate do plano ideológico-partidário para o plano social-estrutural. Trata-se, portanto, de uma ressignificação discursiva e funcional dessa *hashtag*.

Portanto, um aspecto analítico interessante desses grupos de comentários sobre os quais falamos é a variedade de “programas” que eles oferecem. Como vimos, a classificação de Akrich e Latour (1992) propõe categorizar as *hashtags* em programa e antiprograma. No entanto, vemos que uma *hashtag* não necessariamente oferecerá somente um único teor dentro de sua discussão, isto é, a partir de seus comentários. Dessa forma, ela pode trazer uma ressignificação funcional de seu propósito original por meio de uma subversão realizada pelos próprios usuários.

A seguir, iniciamos a discussão sobre a segunda *hashtag* coletada.

4.2 “Você percebeu isso? É mais uma forma de reduzir sua liberdade”

A pandemia de covid-19 possibilitou uma série de tentativas de narrativas conspiratórias. A *#fraudemia2020* é mais um exemplo frutífero para observarmos a construção discursiva que gira em torno das associações feitas pelos mais variados atores sociais entre a pandemia e o suposto caráter fraudulento desse evento. A figura abaixo traz o *print* de um objeto digital desinformativo em que podemos constatar essa relação:

Figura 14 – Postagem sobre a #fraudemia2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CXe25NhDuIR/>

O objeto digital desinformativo acima é mais um dos notórios exemplos que podem ser encontrados na plataforma Instagram. Uma observação rápida sobre as características desse texto nos faz pensar sobre a dimensão da multimodalidade das práticas sociais desses ambientes. De certo modo, há até uma certa confusão na delimitação do caráter multimodal dada a “poluição linguística” imbuída nesse e em outros textos. Sabemos que há vários modos semióticos, mas não conseguimos precisar com certa segurança qual(is) texto(s) se encaixa em cada definição.

Para melhor entendermos esse pensamento, tomemos a imagem acima como referência. É possível estipular que nele há conjuntos diferentes de textos, a saber: o uso de emoji, o uso de vídeo, um texto-base, os comentários etc. Cada um desses textos, se podemos assim chamar, possuem inúmeras possibilidades de efeitos de sentidos que, por sua vez, irão criar uma complexidade multimodal intensa que se pauta em um caráter diversificado das distintas semioses, bem como das *affordances* dessas plataformas.

Muito embora também seja possível postular que exista um único texto que congregue todas essas características reunidas, posicionamento ao qual não nos vinculamos, consideramos que seja mais plausível chamar esse conjunto de um objeto digital, conforme Rogers (2024). Essa preferência ocorre pelas seguintes razões: primeiramente, precisamos ter em vista as dinâmicas que

ocorrem para a produção, distribuição e consumo desses textos. No ambiente digital não há uma linearidade tão bem definida quanto os textos não digitais costumam ter. Por conta disso, nota-se um maior desconforto em termos de uma progressão bem delineada. Isso tudo implica considerar que os objetos digitais são de natureza “caótica” por estarem nessas plataformas governadas por algoritmos.

Um segundo elemento importante é que ao caracterizar esses elementos individualmente como diferentes textos poderíamos estar assumindo uma separação improdutiva do ponto de vista analítico. Muito embora possamos analisá-los individualmente, isso acontece mais por uma questão didática para o segmento analítico. Portanto, preferiremos conceber esse conjunto composto de texto-base, comentários e outras *affordances* como um objeto digital, baseando-nos na concepção de Rogers (2024).

É fundamental termos em vista que esse objeto digital desinformativo, tal como o estamos concebendo, foi captado por meio do uso de uma *hashtag*. Nesse caso, a #fraudemia2020. Do ponto de vista da nomeação da *hashtag*, já se torna possível antever seu caráter conspiratório por meio da elaboração da palavra-chave “fraudemia” (junção da palavra ‘fraude’ + ‘pandemia’). A concepção de que a pandemia de covid-19 foi uma fraude tornou-se uma ideia muito difundida no âmbito digital, especialmente por meio de uma (re)contextualização que se caracterizava pela negação da existência da emergência global diante desse vírus no início da pandemia.

Como sabemos, uma grande quantidade de postagens, muitas delas já não mais disponíveis no momento de escrita deste trabalho, foram produzidas e circuladas em momentos muito críticos nessa fase de conhecimento dos reais perigos dessa doença. Provavelmente você que lê este trabalho tenha se deparado com algum objeto digital desinformativo que construía essa imagem de denúncia de uma fraude global.

Como afirmam Akrich e Latour (1992), o caráter antiprograma busca veicular uma posição contrária ao que já está estabelecido. Nesse cenário, há um fato que é a existência de uma discussão sobre a existência da pandemia (comprovada pela ciência e rejeitada por negacionistas). Assim, a elaboração da *hashtag* visa transformar algo que é um fato (a pandemia) em uma possibilidade de fraude. Dessa forma, a #fraudemia2020 se ampara nessa busca de tentativa de (re)contextualização do fato, como se tentasse dar uma alternativa ao que acontece. Abaixo, segue a transcrição desse objeto digital desinformativo destacando, separadamente, o texto-base, o texto da imagem e o texto das legendas do vídeo.

Transcrição do texto-base:

Esse vídeo é ÓTIMO, sensacional, o cara falou absolutamente TUDO o que eu penso. PRESTEM ATENÇÃO!!

Eu não sei quem é ele, quem souber deixa nós comentários pra eu marcar, e quem não souber, deixa o comentário falando o que achou. 🗨️

Alguém mais além de mim observou que as pessoas que morreram de co-ro-na o ano passado no ápice da pandemia foram aquelas pessoas que tinham mais medo? Aquelas pessoas que se trancavam mais que todas, tomavam banho de álcool gel, não saiam pra nada e não tiveram contato nenhum com nada? As que tinham mais medo e mais cautela foram as que eu vi morrer.

As pessoas pobres que continuaram trabalhando, pegando ônibus, andando na rua, ou os moradores de rua, os presidiários, jovens baladeiros, funkeiros, noias, bebados, pessoas que estavam sempre se vendo clandestinamente, os moleques que continuaram brincando na rua, soltando pipa, motoboy, essas pessoas que permaneceram na rua, eu não vi morrer NENHUM!!

Alguém mais observou isso?

Deixe seu Like 🍷

Compartilha com o seu pessoal 📢

.
.
.
.
.

#direitaconservadora #direitabrasil #direitaminas #direitabrasileira #direitaseguedireita #direitadobrasil
#direitazonanortelj #direitaopressora #direitasaopaulo #direitaceara #direitadaopressao #direitabahia #direitasergipana
#direitasp #direitaliberal #direitabh #direitarj #direitasampa #direitadanacao #direitacaxia #bolsonaro
#conservadorismo #direitaconservadora #globolixo #jairbolsonaro #bolsonaropresidente #fechadocombolsonaro
#fraudemia2020

Transcrição do texto na imagem:

Sensacional 🖐🖐🖐 Tá bem desenhado! Só não entende quem não quer!

@LudmilaBariso

Transcrição das legendas no vídeo:

É apenas mais uma forma de reduzir sua liberdade e lembrar você que eles podem foder com você a hora que quiserem, enquanto você aguenta, enquanto você aguenta. O que significa, é claro, quando eles quiserem, porque é o que os americanos fazem agora. Eles estão sempre dispostos a negociar um pouco de sua liberdade em troca do sentimento, da ilusão de segurança. O que temos agora é uma população completamente neurótica e obcecada com segurança e proteção e crime e drogas e limpeza e higiene e germes. Há outra coisa, germes, de onde esse medo repentino de germes vêm neste país? Você percebeu isso? A mídia constantemente veiculando histórias sobre as últimas infecções, Salmonella, E. Coli, Hantavírus, gripe aviária... E os americanos entram em pânico facilmente. Então agora todo mundo está correndo, esfregando isso e pulverizando aquilo e cozinhando demais sua comida e lavando repetidamente suas mãos, tentando evitar todo o contato com germes. É ridículo. E esse ridículo vai ao extremo. Além disso, para que você acha que possui um sistema imune? É para matar germes! Mas precisa de prática. Precisa de germes para praticar. Então ouça. Então ouça, se você matar todos os germes ao seu redor e viver uma vida completamente estéril, então quando os germes aparecerem, você não vai estar preparado, e esqueça os germes comuns. O que você vai fazer quando algum supervírus aparecer e transformar seus órgãos vitais em merda líquida? Eu vou te dizer o que você vai fazer. Você vai ficar doente, você vai morrer e você vai merecer porque você é fraco pra caralho e você tem uma porra de um sistema imune fraco.

t.me/vejaocentro

@vejaocentro

Os textos acima, além dos comentários que veremos mais adiante, formam o objeto digital desinformativo que analisaremos a partir de agora. Começamos, então, pelo texto-base. Como se pode notar, há uma voz que faz uso de diversas estruturas autocentradas, como em “*o cara falou absolutamente TUDO o que eu penso*”, “*eu não sei quem ele é*”, “*alguém mais além de mim observou...?*”, “*eu não vi morrer nenhum*”. Esse uso autocentrado, argumentamos, indica uma atribuição de grau de importância elevada para esse *ethos* que enuncia sempre em sua função, caracterizando uma voz de autoridade.

Além disso, também é possível ancorar esse uso na percepção do senso comum, pois a autoria não se preocupa em contemplar outras fontes. Mais do que se basear no achismo, esses relatos geralmente giram em torno de uma forma de pensamento egoísta, pois o que importa é que os efeitos de sentidos gerados pelos enunciados condigam com a minha perspectiva enquanto indivíduo que tenta alertar sobre os perigos de uma situação socialmente camuflada. Além disso,

esse aspecto autocentrado também vai ao encontro dos postulados por Pariser (2011) em sua proposta acerca das “bolhas invisíveis”, que se trata de um filtro de usuários:

[...] os filtros de personalização servem como uma espécie de autopropaganda invisível, doutrinando-nos com as nossas próprias ideias, amplificando nosso desejo por coisas conhecidas e nos deixando alheios aos perigos ocultos no obscuro território do desconhecido (Pariser, 2011, p. 19).

Por estarmos imersos em uma bolha, o universo alheio a esse ambiente se torna hostil e passível da criação de inúmeras conspirações, considerando que esse universo do outro possui ideias diametralmente opostas às que eu possuo. Dessa forma, o outro deixa de ser uma possibilidade diferente e se torna um inimigo a ser denunciado e combatido, o que fomenta cada vez mais o autocentrismo de uma bolha e de si próprio, pois o que vale no ambiente digital é a opinião de si próprio.

O que Pariser (2011) tenta explicar em sua proposta é que os usuários, muitas vezes, não se dão conta das dinâmicas das plataformas das quais fazem parte. Essas plataformas são modelos de negócio e possuem diretrizes que se baseiam na captação e permanência dos usuários em suas redes, o que culmina em uma perspectiva de manutenção da atenção desses usuários. Assim, a governança algorítmica faz todo esse trabalho, separando os usuários em grupos (bolhas) cada vez mais seletos, por um lado, para melhor alcance da publicidade direcionada às pessoas e, por outro, para o embate com outros grupos antagônicos, como em um processo de eleição política.

Tal explicação também nos faz pensar sobre a proposta de van Dijk (2005) em torno da discussão do caráter ideológico na polarização “nós vs. eles”, que se baseia na citação abaixo.

A investigação na ACD está frequentemente interessada no estado dos discursos ideologicamente enviesados e nos modos como estes polarizam as representações de nós (endogrupos) e eles (exogrupos). Tanto ao nível da análise do significado global como local, assistimos assim a uma estratégia de auto-apresentação positiva e de apresentação negativa do outro, em que as nossas coisas boas e as coisas más deles são realçadas, e as nossas coisas más e as coisas boas deles são secundarizadas (van Dijk, 2005, p. 43).

Como se nota, o aspecto autocentrado na proposta dos dois autores supracitados reverbera na compreensão acerca de uma separação em torno de grupos, isto é, um que se enuncia por um “nós”, centrado em si e em seus ideais, e um outro grupo ao qual nos referimos como “eles”, que se centra em ideias distintas, geralmente em oposição. Essa representação ocorre mediante uma

valoração dos aspectos de positividade e negatividade, que são usados para realçar o que há de bom nesse “nós” e o que há de ruim nesse “eles”.

Em se tratando do texto-base, esse caráter polarizador é explorado no texto por meio da elaboração da representação discursiva de um grupo que sente medo da pandemia e de um outro que não. O primeiro grupo é representado pelas pessoas que “*se trancam mais que todas, tomam banho de álcool em gel, não saem pra nada e não têm contato com nada*”. A construção negativa sobre esse grupo parte da premissa de que as pessoas que estão tomando medidas preventivas estariam em um comportamento extremo, que é caracterizado pelos pronomes indefinidos “todas, nada”, bem como o uso da figura de linguagem da hipérbole.

Essa caracterização construída de forma exacerbada visa conferir um caráter negativo a esse grupo, pois ele é formado por indivíduos que mantêm uma rotina de cuidados profiláticos para evitar a disseminação do vírus. Aqui reside um fator interessante: a autoria do texto (perfil *rip_democracia*⁵⁰) ao mesmo tempo que expõe o caráter paranoico e sem cabimento do comportamento dessas pessoas também alerta que são justamente essas as que estão perecendo diante das mazelas pandêmicas.

Dessa forma, a autoria textual reivindica uma maneira positiva de ação sem necessitar de tamanha cautela, pois quem não sente medo nenhum, isto é, quem “*continua trabalhando, pegando ônibus, andando na rua*” está sobrevivendo normalmente dia após dia. Ao argumentar dessa forma, a autoria busca se defender de objeções dos usuários que seguem as medidas sanitárias, criando a percepção de que esses cuidados demasiadamente rigorosos estão, na verdade, levando justamente essas pessoas a óbito.

Proctor (2008) argumenta que a produção da ignorância é uma das estratégias mais eficazes para a manipulação do público. Como o próprio autor alerta, essa ignorância não diz respeito necessariamente à ausência de conhecimento, mas sim a uma produção ativa que busca exercer no leitor a ideia de uma informação nova, pouco sabida pela maioria e que, se aceita, pode mudar os rumos de uma dada situação. Dessa forma, percebemos que a construção da ignorância nesse texto-base se dá por meio do uso autocentrado no relato pessoal (acompanhado do senso comum e sem critério metodológico) da autoria do texto, que busca convencer o leitor a desconsiderar as medidas preventivas que seriam as causadoras das mortes.

⁵⁰ A sigla rip se refere ao acrônimo em inglês *Rest in Peace* (descanse em paz). Trata-se, portanto, de uma alusão ao fim da democracia.

Para além dessa discussão focada nos enunciados desse texto-base, também é possível estabelecer vínculos interdiscursivos entre o discurso presente nesse texto, que se ampara na tentativa de convencimento sobre como o medo e a cautela são desnecessários, e em outros textos coadjuvantes que circularam durante o período de pandemia, como a #FiqueEmCasa, a #VaiDarCerto e outras manifestações na mídia digital e também na tradicional, seja para atacar ou defender as medidas sanitárias.

Essa relação interdiscursiva pode ser explorada a partir das ligações explícitas (ou até mesmo implícitas) que os textos carregam em relação a outros textos, conforme Fairclough (2001). O texto presente nas legendas do vídeo traz alguns aspectos interdiscursivos sobre os quais pretendemos lançar luz, pois além de se relacionar com o texto-base, também alude a outros textos externos a esse objeto digital desinformativo.

O texto das legendas inicia com um enunciado que reverbera desde antes a pandemia e que se mantém muito forte nos dias atuais: *“É apenas mais uma forma de reduzir sua liberdade”*. Como sabemos, a discussão acerca da liberdade de expressão, como visto na análise da #comunavirus, é uma das mais antagônicas e engajadoras das plataformas, considerando que ela mostra ao menos duas concepções que se opõem: uma que se ampara na ideia de que a liberdade deve ser ampla em todos os níveis e uma que se baseia na concepção de que nem tudo deve ser dito, havendo sempre um limite.

A primeira ideia dialoga com uma visão mais tradicional de liberdade pautada na compreensão da livre manifestação das ideias sem nenhum tipo de censura. Uma das grandes críticas que os adeptos a essa ideia recebem é que, apesar de a ausência de censura ser uma característica democrática importante, é prejudicial ultrapassar determinados limites, que podem vir a se tornar grandes problemas, como o discurso de ódio, racismo, misoginia etc., que se caracterizam como crimes segundo a legislação brasileira.

Há uma certa confusão entre a ideia de ser livre para se expressar e livre para dizer tudo o que se pensa. Algumas pessoas tendem a preferir uma abordagem mais extremista, desconsiderando a própria natureza da liberdade, que pode ser entendida como um conceito que aprisiona as pessoas, haja vista que ela pode auxiliar na construção de uma sociedade totalitária. A citação abaixo visa contribuir para essa discussão:

A liberdade é tão libertadora quanto escravizante, revigorante e traumática, capacitadora e destrutiva. Numa sociedade fragmentada e heterogênea, os espaços de liberdade

certamente aumentam. Mas esse não é um fenômeno uniformemente positivo, porque instala naquele espaço a ambiguidade da liberdade. Como resultado, surge a possibilidade de tentativas mais radicais de renunciar à liberdade do que aquelas que conhecemos do passado. Se a liberdade e o deslocamento caminham juntos, é no terreno de uma liberdade generalizada que experiências como as do totalitarismo contemporâneo tornam-se possíveis (Laclau, 2011, p. 46).

Laclau (2011) alerta para a possibilidade do conceito de liberdade ser visto como algo ambíguo, passível de ser visto como positivo ou negativo. O autor argumenta que o desejo pela liberdade pode se tornar radical a ponto de deslocar certas estruturas em uma sociedade marcada pela pluralidade e heterogeneidade, levando as pessoas a adotarem posturas mais extremas (e possivelmente violentas) em contextos onde a disputa pelo ideal de liberdade seja fortemente antagônico.

Trazendo essa ideia acima discutida para a compreensão em torno do conceito de liberdade de expressão, podemos dizer que, nos dados coletados, muitos usuários do Instagram adotam uma postura de defesa em torno dessa liberdade. A questão é que a falta de regulação das plataformas escancara um problema estrutural que interfere nessa discussão sobre os limites desses espaços de interação social em que “[...] as arquiteturas informacionais e parâmetros adotados no funcionamento das plataformas potencializam conteúdos extremos e que buscam engajamento e reações dos usuários [...]” (Barbosa; Martins; Valente, 2021, p. 9).

Nesse sentido, é preciso ter a consciência crítica de que, do ponto de vista das plataformas, essa discussão fervorosa em torno da liberdade por meio de comentários em postagens feitas nelas favorece e muito o alcance de seus objetivos enquanto instituições financeiras projetadas para o acúmulo de capital, fazendo com que, no fim das contas, a discussão sobre liberdade de expressão se restrinja somente ao nível de comentários sem fundamentos, repletos de senso comum, deixando de lado o que seria mais importante, que é a caracterização do conceito e como ele poderia favorecer a sociedade.

Portanto, quando a autoria da postagem compartilha um vídeo em que há esse tipo de enunciado (que a liberdade está sendo cerceada), ocorre aí um fenômeno interdiscursivo que integra outros discursos que também buscam privar as pessoas da liberdade, como se recusar a tomar vacinas. A construção discursiva desse e de textos semelhantes é caracterizada por tentar induzir um posicionamento no leitor em torno da contribuição que pode ser feita para passar a ideia adiante. A citação abaixo pode ilustrar essa linha de raciocínio:

O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’. Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de conhecimento e crença (Fairclough, 2001, p. 91).

O discurso é capaz de induzir seus falantes a adotarem determinados comportamentos, a assumirem certas identidades e a reproduzirem posicionamentos específicos. Essa identidade social a que Fairclough (2001) se refere pode ser pensada na discussão aqui empreendida como uma bandeira de um grupo, isto é, um ideal a ser defendido por meio da construção simbólica que se faz a respeito da liberdade, que entra nas questões morais e éticas, e que pode ser contemplada em um objeto digital desinformativo, como a *hashtag* em questão.

Além disso, o discurso também ajuda a construir relações entre os usuários das plataformas, pois a interação nesses meios permite uma rápida e eficiente troca de informações, o que possibilita a difusão e posterior adesão de conteúdos que podem ser desinformativos, mas que nem sempre são vistos como tal, o que tem ocasionado grandes problemas sociais. Dessa forma, estabelece-se uma maneira criativa de espalhar esses objetos digitais desinformativos a partir dos elementos nativos das plataformas que são usados para a construção de crenças as mais diversas, como é o caso da *#fraudemia2020*.

Voltando ao texto das legendas, notamos, assim como no texto-base, o uso da polarização “nós vs. eles”, em trechos⁵¹ como “*eles podem foder com você a hora que quiserem*”, “*quando eles quiserem*” e “*Eles estão sempre dispostos a negociar um pouco de sua liberdade*”. Nessas passagens, a polarização se dá mediante o realce negativo em torno de um “eles” construído discursivamente através do domínio que esse grupo poderia exercer contra o “nós”, que é implicitamente construído.

Van Dijk (2005) nos alerta sobre o viés ideológico que pode ser empregado nos textos. Nos exemplos mencionados, a autoria textual costuma abordar os temas de uma forma individualizada e carregada de certos valores que não se coadunam com a realidade. Externar a responsabilidade para o outro grupo denota uma estratégia de terceirização dos malefícios da sociedade. É por causa desse “eles” que “nós”, enquanto sociedade, não conseguiremos avançar. Mas quem faz parte desse “eles”?

⁵¹ As ocorrências de palavras chulas em diversos trechos dos textos coletados e dos comentários foram mantidas e expostas aqui para captar as nuances relacionadas a esse uso.

Textualmente, o emprego de “eles” geralmente serve para retomar um antecedente, pois se trata de um pronome pessoal. No entanto, o uso que se faz desse vocábulo está mais relacionado com outros efeitos de sentido do que simplesmente substituir um nome. Ao empregar o pronome “eles”, a autoria do texto já antecipa uma entidade sobre a qual irá se debruçar, salientando a negatividade presente nesse outro lado. Dessa forma, percebemos que o foco da polarização carrega maior peso nos aspectos negativos do outro do que nos próprios aspectos positivos de si.

Esse “eles”, portanto, diz respeito a uma criação discursiva que se refere a diferentes entidades que se manifestam a favor das medidas sanitárias e que entendem que o processo de isolamento social é fundamental para evitar a disseminação do vírus. A mídia é uma das poucas entidades que é explicitamente nomeada no texto em questão (“*A mídia constantemente veiculando histórias sobre as últimas infecções [...]*”). Sem dúvida, há um grande movimento contra a mídia tradicional (ver o uso da #GloboLixo, por exemplo) porque, dentre muitas razões, ela é ainda um meio importante e imponente de difusão de visões de mundo específicas.

Fairclough (1989) empreende uma discussão sobre o poder da mídia a partir de uma perspectiva crítica sobre a linguagem utilizada nesses veículos de imprensa. A mídia televisiva, em especial, recebe grande destaque por ser ela a maneira pela qual as pessoas se informam e adotam posicionamentos, o que significa dizer que a mídia exerce uma influência muito grande nas práticas sociais dos indivíduos, pois estes se guiam por meio dos discursos usados nesses espaços hegemônicos.

Eventualmente, essa mesma mídia poderá alternar seus posicionamentos em termos políticos, a fim de conquistar seus próprios objetivos, pois a manutenção hegemônica vem em primeiro plano. Tal situação acarreta uma desestabilização na visão dos telespectadores, haja vista que os interesses de uma emissora se sobrepõem a qualquer forma de polarização. Dessa forma, poderíamos dizer que, a partir da perspectiva de quem assiste à TV, o veículo emissor de informação é bom somente quando ele é favorável ao “nós”.

Se nos propuséssemos a comparar a mídia tradicional e a mídia digital (em torno das plataformas), provavelmente empreenderíamos uma discussão sobre as semelhanças que elas têm, considerando que nas plataformas os usuários buscam ativamente (re)produzir objetos digitais, sejam desinformativos ou não, que defendam um determinado ponto de vista, influenciando os

outros a também adotarem tal postura para pertencer a um grupo. Isso pode ocorrer por meio de ataques coordenados ou pelos compartilhamentos feitos nessas plataformas.

Um outro aspecto sobre o qual podemos comentar a respeito do texto das legendas são as maneiras pelas quais o grupo formado por “eles” são descritas. A autoria apela para uma representação negativa por meio da generalização das ações durante a pandemia: “[...] *uma população completamente neurótica e obcecada com segurança e proteção [...]*”, “[...] *agora todo mundo está correndo, esfregando isso e pulverizando aquilo e cozinhando demais sua comida e lavando repetidamente suas mãos, tentando evitar todo o contato com germes*”, “*É ridículo. E esse ridículo vai ao extremo*”, “[...] *viver uma vida completamente estéril*”.

Como se vê, uma característica muito marcante dos objetos digitais desinformativos são a maneira peculiar com a qual a autoria textual se reporta a respeito de um inimigo discursivamente criado. Esse discurso pouco modalizado visa conferir um caráter marcadamente extremista nas ações realizadas pelas pessoas e, através de algumas marcas textuais, tais como “*completamente neurótica, obcecada, ridículo*”, também é possível determinar que essa construção mistura aspectos verdadeiros e falsos, pois, em alguma medida, parte de uma realidade em que, de fato, há enorme preocupação por parte de algumas pessoas em lidar com a situação pandêmica, mas não necessariamente tal como descrita.

Dessa forma, é necessário realizar uma leitura crítica dos objetos digitais desinformativos para que não caiamos em pseudoargumentos. Essa leitura, a nosso ver, deveria se basear em alguns princípios estratégicos que reforcem o nosso compromisso com a informação checada, a verdade e a ética em espaços sociais. No entanto, sabemos o quão difícil é ler criticamente, haja vista que os espaços digitais por onde navegamos estão cheios de informações dúbias, o que dificulta a adoção dessas estratégias.

Um último aspecto sobre o qual gostaríamos de empreender uma discussão em relação ao texto das legendas é o uso de linguagem chula (palavrões). É possível perceber, nas plataformas digitais, um aumento dos limites entre o que é obsceno/grosseiro e o que não é, isto é, há uma relativização bem maior sobre o grau de informalidade dessa linguagem em comparação a outras mídias, como a tradicional. Se pensarmos no YouTube, por exemplo, fica mais do que evidente que há uma grande quantidade de canais, os mais diversos, que passaram a fazer maior uso desse tipo de linguagem. Canais de vídeos humorísticos com variados esquetes são um exemplo perfeito, bem como transmissões esportivas que elevam consideravelmente a informalidade com que o

“jornalismo” esportivo é feito, sem contar com outros tipos de conteúdo que também reforçam tais usos.

No Instagram, percebe-se também uma liberdade muito mais irrestrita em torno desse uso, especialmente por meio dos comentários. Em um ambiente cercado de preconceitos, discurso de ódio e desinformação, a linguagem chula é a menor das preocupações das plataformas, que parecem não estar tão preocupadas com a disseminação desses outros conteúdos problemáticos. Sem regulação do tipo de linguagem a ser empregada, os usuários podem simplesmente considerar que esses ambientes são lugares de expressão de “opinião” sem regras.

No texto das legendas, passagens como “[...] *eles podem foder com você [...]*”, “[...] *transformar seus órgãos vitais em merda líquida [...]*” e “[...] *você é fraco pra caralho e você tem uma porra de um sistema imune fraco*” salientam alguns dos aspectos anteriormente mencionados, pois fazem uso de uma linguagem desrespeitosa que se pauta na acusação e na valoração subjetivas. Esse uso de linguagem chula é caracterizado pela presença de uma construção feita pela autoria do texto em torno da terceirização da responsabilidade, que se destaca pelo uso do pronome pessoal “você”.

Esse uso direto, como que apontando para o leitor, busca acusá-lo e enquadrá-lo em uma situação de embaraço, considerando que as mazelas às quais a autoria se refere são fruto de uma postura passiva e permissiva das imposições feitas por outros atores sociais que não são explicitamente marcados no texto. Dessa forma, a leitura que se pode ter é a de que há dois grupos distintos: um que é passivo/fraco/seguidor das normas e outro que é ativo/forte/transgressor das normas.

Na psicologia social, esse embate “nós vs. eles” também é muito explorado. Aronson (2023, p. 54, grifos do autor) afirma que “A evolução moldou nossa mente para ser *tribal*, peculiarmente sintonizada na categorização de outros indivíduos como parte do *nós* ou parte do *eles*”. Nessa perspectiva evolutiva, os caçadores-coletores necessitaram de uma estratégia de sobrevivência para garantir a continuidade do grupo contra investidas inimigas.

Por essa razão, é histórica e biologicamente importante separar as pessoas em grupos. Como o autor reforça, “Esse *viés endogrupal* confere sentimentos de orgulho e estima: distorcemos nossas percepções do mundo para que nosso grupo pareça melhor do que outros, e nos sentimos melhor porque fazemos parte dele” (Aronson, 2023, p. 55, grifos do autor). Assim, os atores sociais

tendem a desqualificar os “oponentes” sempre que isso for importante para o fortalecimento da unidade do “nós”, mantendo uma coerência entre os membros do grupo.

Tendo discutido essa seção do objeto digital desinformativo, passemos, a seguir, à análise da seção de comentários. Este segmento também contém grande relevância, pois as interações feitas entre os usuários nos mostram aspectos fundamentais sobre a dimensão discursiva desses eventos sociais sobre os quais esses interactantes comentam e quais são as características desses trechos ricos em material analítico para a compreensão do ecossistema desinformativo. Segue abaixo o primeiro grupo de comentários:

Figura 15 – Comentários da postagem sobre a #fraudemia2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CXe25NhDuIR/>

O conjunto de comentários apresentado acima por meio da captura de tela pode ser entendido como uma discussão em torno da pandemia de covid-19, tendo em vista que há uma série de palavras que remetem a essa situação específica, tais como *lockdown* e *corona vírus*, bem como o uso de expressões/palavras típicas desse campo semântico, como *peessoas confinadas*,

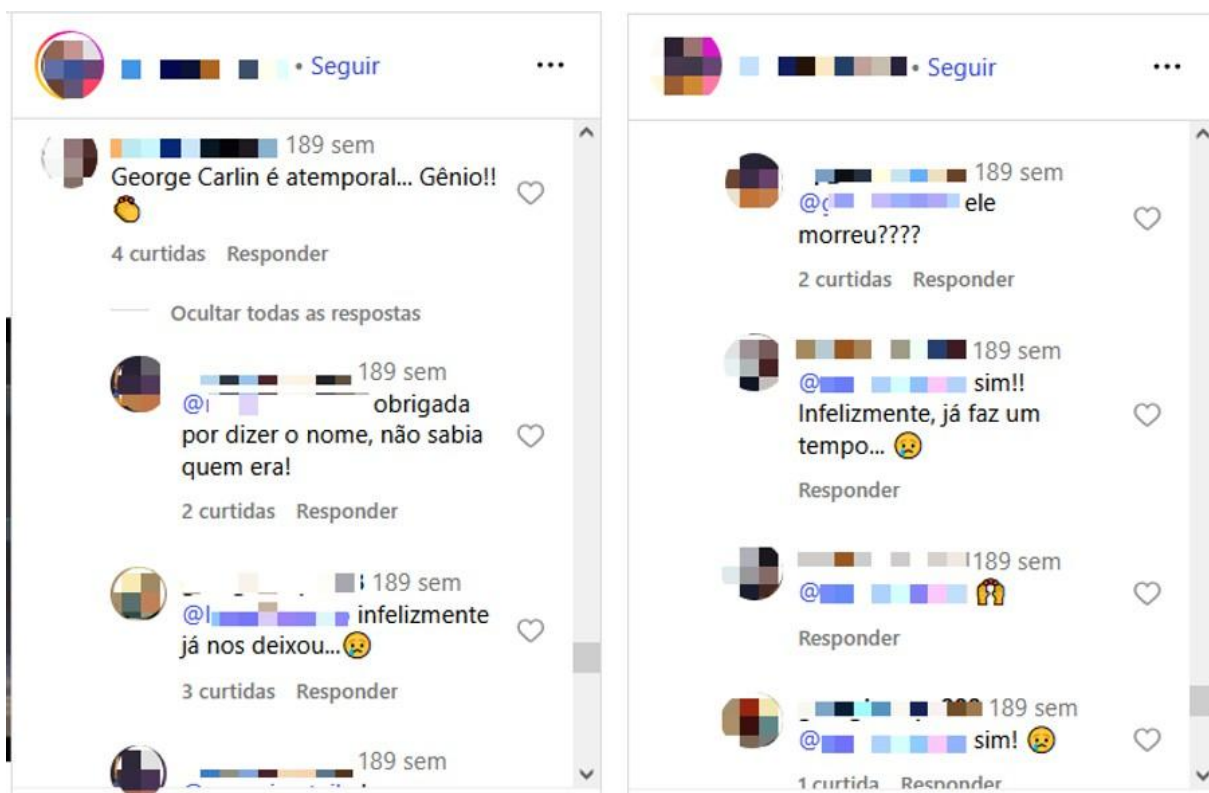
alcool em gel e vacinas. Dessa forma, toda a discussão se centra bem mais nos aspectos negativos e nas dificuldades de lidar com a doença.

As passagens “[...] *não tomo nenhum desses venenos*” e “[...] *tenho medo das vacinas mortais*” são poderosos processos interdiscursivos, como os estamos concebendo, pois trazem de forma muito evidente uma visão particular de mundo que, nesse caso, nega as evidências científicas em torno da vacinação. Ter medo das vacinas, portanto, segue sendo uma herança de várias associações feitas ao longo das últimas décadas, tais como a relação com o autismo, conforme Proctor (2008). A vacina contra a covid-19 é somente mais um artefato sobre o qual determinados atores sociais infiltram significados, esvaziando o sentido original dessa palavra.

Algo que chama a atenção é que esses comentários parecem estar necessariamente respondendo ao texto com legendas (vídeo), considerando que algumas das passagens desses comentários dialogam (às vezes com o uso das mesmas palavras) com o texto das legendas, a saber: *“lavando as mãos freneticamente, usando álcool em gel e só não vê quem não quer”*. Assim, os comentários dessa captura de tela estão sendo guiados por essa parte específica do objeto digital desinformativo, e não outras, tais como o texto-base.

Isso implica considerar que, nesse exemplar, há um grau de importância maior no texto com legendas (vídeo) do que nos demais. Uma explicação plausível para tal é o uso da combinação de som e vídeo, que são chamativos para os usuários dessa plataforma, captando maior atenção do que a leitura do texto-base (texto por escrito), por exemplo, haja vista que essa plataforma padroniza as postagens feitas com o uso de recursos multimodais. Para compreendermos mais sobre as motivações dos comentários, iniciamos um percurso investigativo a partir do comentário de um dos usuários que sabia o nome do comediante, como visto abaixo:

Figura 16 – Comentários da postagem sobre a #fraudemia2020 [2]



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CXe25NhDuIR/>

Um dos comentários acima trouxe uma importante contribuição para a compreensão desse objeto digital. O nome do comediante que estava falando ao microfone é George Carlin. Pesquisando por sua biografia, podemos constatar que ele é conhecido por ser um famoso comediante estadunidense e por seu humor “negro” carregado de muitas críticas. Falecido em 2008, o comediante realizou inúmeras exibições de comédia em pé (*stand-up comedy*).

Após saber um pouco mais sobre a vida dele, a primeira pergunta que me veio à mente foi como seria possível alguém que morreu em 2008 falar sobre a pandemia de covid-19. A verdade é que não seria possível. Originalmente, o vídeo⁵² nada tem a ver com a pandemia, pois foi produzido em algum momento antes de 2008. O vídeo é um show de comédia que trata de inúmeras questões pertinentes àquele entorno. Como se nota, o conteúdo recortado da apresentação se encaixa perfeitamente ao momento pandêmico vivenciado a partir de 2019.

⁵² <https://www.youtube.com/watch?v=MSoQ0q0oW1U>. É possível ter acesso a uma parte desse show de comédia (cerca de 6 minutos). O vídeo colocado na postagem do Instagram é o mesmo, porém com alguns recortes e tempo de duração de cerca de 2 minutos.

Portanto, reside aí uma característica muito peculiar dos objetos digitais desinformativos que é a apropriação do propósito original de um outro texto para adequar-se às vontades de quem o manipula em um outro momento posterior, atribuindo-lhe novos efeitos de sentido por meio de uma recontextualização pautada em algum grau de semelhança discursiva entre dois eventos distintos em períodos diferentes.

Por estarem em diálogo com o vídeo, podemos afirmar então que esses atores sociais nos comentários, incluindo a autoria, sequer estão cientes de que o vídeo em questão em nada tem a ver com a pandemia de covid-19. Dessa forma, percebemos que os objetos digitais desinformativos exploram a ausência de letramento crítico desses usuários (produtores e consumidores) ao fomentar uma associação que nunca existiu, isto é, a de que o comediante estava se referindo à pandemia.

A dissonância cognitiva talvez possa ser um aspecto que lance luz a esses fenômenos particulares das plataformas. As pessoas tendem a buscar alguma forma de autojustificativa para que se convençam de que estão fazendo a coisa certa, a fim de criar uma consonância. Por essa razão, tentam ao máximo reduzir qualquer tipo de dissonância, pois isso abalaria seus posicionamentos (por exemplo, um antivacina precisa ser contra um governo que apoia os imunizantes).

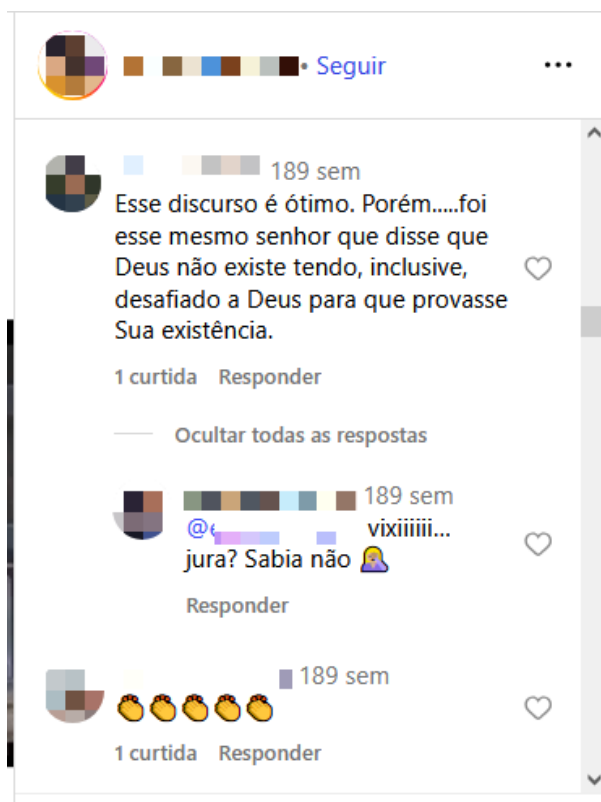
A partir de algumas leituras e observando esses (e outros) dados, é possível argumentar que nesses objetos digitais desinformativos há um tipo particular de ignorância, que não diz necessariamente respeito à ausência de informação ou até mesmo de conhecimento. Essa ignorância sociodigital, como estamos concebendo, é difícil de ser notada e, por conseguinte, mais difícil ainda de ser superada, pois ela se baseia em associações inexistentes tidas como verdades.

Ela é da ordem do digital, mas envolve os aspectos discursivos e sociais, o que a torna uma importante manifestação que gira em torno da linguagem. Esse conceito se prestaria a determinar as condições em que ocorre essa manifestação de uma tentativa de adulterar os significados de base científica, transformando-os em significados de base negacionista. O termo ignorância, portanto, evidencia a produção, a distribuição e consumo dessas informações, pois essa ignorância pode ocorrer simultaneamente nos três níveis.

Um outro aspecto importante para ser debatido em torno da divisão entre endogrupo e exogrupo é que não há uma rigidez na composição desses grupos, podendo surgir novas subdivisões a partir de determinados traços dos integrantes de um grupo. Para ilustrar esse

raciocínio, pudemos captar essa mudança por meio de um dos comentários desse objeto digital desinformativo:

Figura 17 – Comentários da postagem sobre a #fraudemia2020 [3]



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CXe25NhDuIR/>

Nessa interação, podemos ver que há uma ruptura na percepção de um dos usuários em torno dos integrantes do endogrupo. A seu ver, o que foi falado é bom, mas não contempla um aspecto muito relevante que é a crença na existência de Deus. Por esse motivo, o usuário implicitamente afasta o comediante desse pertencimento, rejeitando-o por meio da forma como se refere a ele: “*esse mesmo senhor*”.

Portanto, vemos evidências de uma tentativa de rejeição de dissonância nesse comentário, pois, para ser consonante ao endogrupo em questão é preciso acreditar na existência de Deus e ser contrário às medidas sanitárias da pandemia, por exemplo. Em outros termos, é necessário manter a coerência das escolhas nesse embate polarizador para evitar ser mal visto pelo grupo, como ocorreu no comentário em resposta ao comentário que criticava o comediante.

Tendo concluído essa análise sobre a #fraudemia2020, passemos agora para o exame analítico da terceira *hashtag* coletada: a #vachina. Na subseção seguinte, realizamos um similar percurso trilhado até aqui, expondo os textos que fazem parte desse objeto digital desinformativo, bem como a seção de comentários.

4.3 “Viu turminha do lockdown? Continua apoiando”

Na tentativa de realizar análises em torno das *hashtags* desinformativas, esta tese também almeja fomentar uma aproximação entre os estudos sobre a ignorância, especialmente através do que se tem convencionado chamar de Agnotologia, e os estudos sobre desinformação. Essa interface busca utilizar o caráter marcadamente ativo da promoção da ignorância e da desinformação, partindo de uma concepção que se baseia na construção social desses fenômenos que, acreditamos, estão fortemente interligados.

Nesse sentido, queremos adotar uma concepção de desinformação que se baseia na construção social da ignorância, partindo de exemplos retirados de plataformas de mídia social cujos espaços são permissivos e propensos para a criação do que estamos chamando de objetos digitais desinformativos. Tais objetos materializam, por assim dizer, uma ignorância pautada na acepção de impedir os usuários a adotarem um viés científico, fomentando, portanto, o anticientificismo, que aparece por meio da desinformação.

Portanto, a produção social da ignorância é um tópico muito relevante, considerando as práticas sociais de que os indivíduos fazem uso nos dias atuais. O ambiente digital torna-se, então, um lugar propício para a caracterização desses problemas sociais, pois é justamente nele que os usuários se apoiam para a produção, a distribuição e o consumo de discursos que se fundamentam em associações falsas, mentiras e todo tipo de conspiração.

Seguem, adiante, as informações pertinentes para a análise da #vachina: o *print* da postagem, a transcrição do texto-base, a transcrição do texto no vídeo, bem como a captura de alguns dos comentários:

Figura 18 – Postagem da #vachina



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNzx5G9iw6q/>

Transcrição do texto do vídeo:

E aí? Vocês gostam de um tomate, moçada? então tá bom, né? Tomate é bom. Cês tão vendo aí a colheita de tomate que linda. Olha que maravilha. Essa aqui é a colheita do Dória. Essa aqui é a colheita do Seu João Dória, de todos os governadores, prefeito, que tão adorando aí fazer o lockdown, brincar de ditador, querendo acabar com a vida do povo. É isso aí, ó. Viu turminha do lockdown? Continua apoiando. Continua apoiando aí. Daqui uns dias cês vão tá comendo terra porque aqui ninguém vai mais plantar tomate não. Olha aí. 160 caixas de tomate jogado fora. Aí vai vir os mimizento falando aí: por que que não doou? Porque senão a gente faz aglomeração, né? Aí você quer saber, aí tomate tudo podre. Aqui o tomate podre, ó. Vê se tem tomate podre aqui. Beleza?

Transcrição do texto-base:

Fique em casa e a economia nós vemos depois...

#vachina #foradoria #viruschines #livremercado #freemarket #conservador #conservadorismo
#socialismonaofunciona #direitaconservadora #patriota #patriotismo #olavodecarvalho #olavotemraza
#bolsonaro2022 #antifeminismo #antifeminista #clubedetiro #armadefogo #armas

Lockdown mata. Essa é a mensagem central exibida em letras garrafais no vídeo em questão e que apela para uma construção simplista de correspondência que supostamente existiria, ou seja, a de que ficar em casa em reclusão para evitar aglomerações é o que, na verdade, faz as pessoas morrerem. Dessa forma, é muito nítida que a concepção do significado do termo *lockdown* para a autoria desse texto é extremamente negativa e condiz com o posicionamento anticientífico que considera o ato de ficar em casa um recurso inadequado para a condução na pandemia.

Para tentar justificar essa tese central, a autoria parte de dois recursos estratégicos: o primeiro diz respeito a um enunciado irônico que preconiza a permanência em casa e posterior preocupação com os aspectos econômicos somados a uma sequência de *hashtags* que buscam afirmar o posicionamento político-partidário da autoria desse texto; já o segundo se centra em um vídeo em que um homem faz uma gravação usando o recurso de *selfie* no que aparentemente é um plantio de tomates.

Em primeiro lugar, é fundamental compreender a relação entre medidas sanitárias e economia, que foi amplamente discutida não só no âmbito digital, mas também dentro das conversas cotidianas entre familiares ou através dos posicionamentos manifestados por meio da mídia tradicional. O debate, muitas vezes acalorado, fomentou uma oposição entre salvar vidas ou salvar a economia, considerando, assim, uma visão dual sobre a pandemia de covid-19 baseada na dicotomia de ter de ficar em casa como medida contingente de disseminação e a ideia de um país que não pode parar em detrimento de suas perdas econômicas.

Para além dos múltiplos argumentos que poderiam ser elencados para serem usados como forma de sustentação de ideias, o que se pôde notar é que, no ambiente digital, essa disputa esteve muito mais ligada ao discurso político do que propriamente ao discurso da saúde, como constatado também nas outras *hashtags* analisadas. Apesar de o foco central ser a questão de saúde, haja vista que estamos lidando com um vírus causador de uma pandemia global, a dimensão examinada em torno dessa situação foi mais explorada politicamente.

Quando olhamos para esses dados, seja nesse objeto digital ou em outros analisados até aqui, nota-se uma politização da pandemia de covid-19, pois elas reforçam associações discursivas entre a doença e as escolhas políticas, como é o caso do enunciado “*Lockdown mata*”, que engloba um discurso anticientífico com muitas referências a assuntos políticos. Nesse sentido, a dinâmica das plataformas contribui significativamente para a prática social da desinformação,

tendo em vista que naquelas não há ainda uma regulação propriamente capaz de inibir o uso sistemático da mentira e de tantos outros problemas.

Com relação ao texto no vídeo, é possível tecermos muitas críticas ao seu conteúdo. Uma primeira observação se centra na relação entre os tomates e a figura política do então governador do Estado de São Paulo (Dória). De acordo com a pessoa que está apresentando o vídeo, Dória é o responsável direto pelo problema que está acontecendo com a colheita dos tomates, pois algumas restrições em torno de aglomerações impossibilitaram a saída dessas frutas, ocasionando um desperdício de 160 caixas de tomate.

Muito embora seja possível sentir dificuldades para compreender o que, de fato, está acontecendo na situação descrita por quem grava o vídeo, considerando que se gera uma certa confusão para compreender as possíveis associações entre o desperdício dos tomates e as restrições sanitárias, não é difícil postular que o ator social que grava esse vídeo possui um posicionamento contrário às medidas de segurança na pandemia, haja vista a linguagem empregada durante sua fala.

Isso ocorre, primeiramente, pelo ataque pessoal destinado a Dória. Ao se referir ao então governador como um sujeito que “*brinca de ditador*” e que quer “*acabar com a vida do povo*”, o autor do vídeo expõe marcas discursivas que deixam evidente o posicionamento antilockdown. A palavra ditador, por exemplo, busca elucidar a visão politicamente mais alinhada à extrema direita, que acusa prefeitos e governadores de estarem ditando as regras de condução na pandemia, culpabilizando-os pelos infortúnios econômicos.

O ditador, nesse universo, seria alguém que inviabiliza a liberdade de expressão. O “*seu João Dória*” contempla as características de um tirano que tem sua própria vacina (a vacina do Dória) e que faz uso de *lockdown*, contrariando o posicionamento presidencial da época. Essa figura pintada com vários tons torna-se um algoz nos objetos digitais desinformativos, pois caracteriza o retrato de um político capaz de realizar uma série de intervenções que vão de encontro à maneira de pensar de uma parcela significativa da população.

Além de criar uma representação para determinados políticos, o autor do vídeo também busca caracterizar negativamente os que estão de acordo com as regras sanitárias: A “*turminha do lockdown*” e os “*mimizentos*” são duas formas para se referir a esse exogrupo. Em um tom que busca desqualificar o outro por meio de uma caracterização infantil, pelo sufixos -inha e -ento, o autor incentiva o grupo a continuar apoiando as medidas, utilizando a ironia como forma de

argumento para convencer os demais, algo que tem sido recorrente nas análises empreendidas até aqui.

Em relação às *hashtags* utilizadas no texto-base, vemos a presença marcante de um recurso antiprograma, conforme Akrich e Latour (1992), baseado na negação, como em #socialismonaofunciona, #antifeminismo etc., baseado na deturpação de uma situação e/ou fomento à conspiração, como em #vachina e #viruschines. Essas marcações retroalimentam o sentimento identitário de pertencimento ao campo tradicional, pois são exibições de demarcação de posicionamento.

Além disso, também é possível perceber a presença do viés político atuando na construção das *hashtags*, como em #foradoria, #olavodecarvalho, #olavotemrazao e #bolsonaro2022, todas elas ancoradas em nomes de personalidades famosas ligadas à política ou mesmo membros atuantes. Dessa forma, os usos dessas marcações visam conferir aproximação político-ideológica para a defesa de certos nomes e para o ataque de outros.

Outras *hashtags*, tais como #livremercado, #conservadorismo, #patriotismo, #armadefogo etc. vêm reforçar esse espectro de uma direita conservadora que é patriota, a favor do uso de armas e de mudanças no impacto que o Estado exerce. Assim, elas não necessariamente assumem um posicionamento demarcado, porém sinalizam um alinhamento a determinadas ideias que costumam coocorrer, tais como a do livre mercado e o uso de armas de fogo.

Cada uma dessas *hashtags* é em si mesma um potencial objeto digital desinformativo, que se associa a outros potenciais objetos digitais desinformativos por meio da característica nativa desse recurso, que é a de criar agrupamentos simbólicos no ambiente digital em que se espera ocorrer, em particular, manifestações favoráveis ao que se defende nos discursos que formam essas *hashtags*, apesar de sempre haver a possibilidade de uma reconfiguração do propósito original dela, subvertendo-a. Por essa razão, nem toda *hashtag* é um objeto digital desinformativo, mas pode vir a sê-lo.

Zappavigna (2015, p. 277, tradução nossa) comenta que as “Hashtags são uma forma inovadora de metadados porque ao invés de simplesmente operarem no âmbito do gerenciamento de informação, elas também operam no âmbito das relações sociais interpessoais”⁵³. Sem dúvida, elas trazem um aspecto contundente para as interações no ambiente digital, pois se caracterizam

⁵³ Hashtags are a novel form of metadata because, rather than simply operating in the service of information management, they also operate in the service of interpersonal social relations.

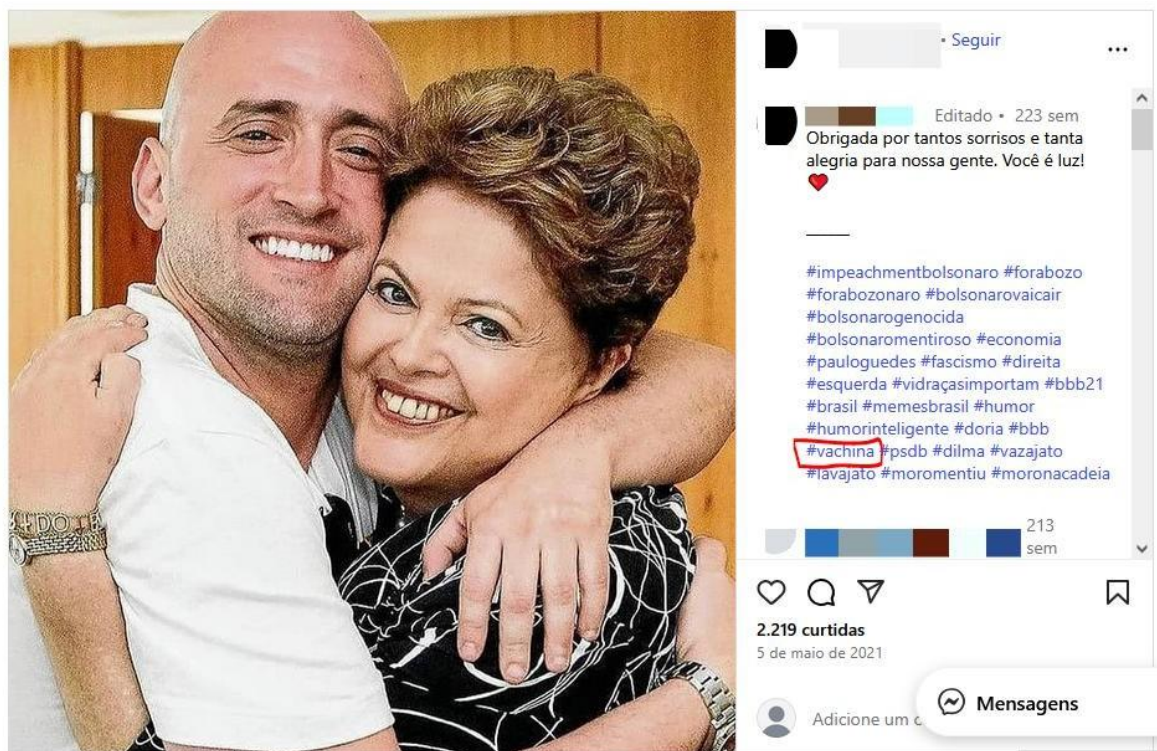
como um recurso discursivo que promove uma mediação entre os usuários, conforme a análise feita até aqui.

Ao utilizar as *hashtags*, os usuários estão implicitamente formando “comunidades”, para usar o termo típico das redes, que reúnem usuários com particularidades em comum ainda que essas particularidades possam ser conflitantes. Assim, elas funcionam como agrupadoras de certas ideias que vão sendo (re)produzidas nessas plataformas. Além disso, elas tendem a coocorrer com outras *hashtags*, como se vê notadamente no exemplo dado acima, o que parece salientar uma característica de interdiscursividade, pois traz marcadamente, embora de maneira muito breve, uma palavra-chave ou frase que denota certas preferências.

Por essas razões, o fenômeno interdiscursivo, no âmbito das *hashtags*, também ocorre por meio da nomeação desse artefato digital a partir de palavras-chave específicas, caracterizando-as como pertencentes a um grupo formado por usuários que pensam/operam de maneira similar e que buscam interagir em torno dessa ideia, seja defendendo um ponto de vista ou atacando pontos de vista contrários.

Os usos feitos em torno das *hashtags* nem sempre estão ligados ao posicionamento prototípico instaurado na nomeação delas. É possível, por exemplo, subverter o aspecto negativo colocado nelas a partir de um uso acompanhado das vantagens em se vacinar, ou seja, pode haver uma apropriação sobre o uso que se faz delas, provocando certa instabilidade no propósito para o qual elas originalmente foram criadas (o de atacar as vacinas, por exemplo). Para ilustrar esse aspecto do qual estamos falando, vejamos a figura abaixo:

Figura 19 – Subversão de hashtags



Fonte: <https://www.instagram.com/p/COe7b8Xrw1O>

Nesse exemplo de uso da #vachina, realizado em uma outra postagem, percebe-se que a conotação utilizada não é a de atacar a vacina, conforme visto na discussão desta subseção em torno da postagem anteriormente exibida, mas sim a de subverter esse caráter originalmente proposto, que é o de desmerecimento da adoção da vacinação para mitigar os danos da covid-19. Dessa forma, existe uma apropriação específica realizada em torno desse uso com vistas a aproveitar o alcance que essa *hashtag* tem nos grupos com posicionamentos contrários. Nas palavras de Paveau (2021), esse fenômeno pode ser entendido como uma deslinearização, pois essa tecnopalavra (a *hashtag*) é um compósito formado da seguinte maneira:

[...] o segmento é tanto linguageiro (trata-se de siglas, palavras, expressões ou mesmo frases inteiras) quanto igualmente clicável, uma vez que é um link que permite a criação de um fio. O lugar da hashtag é livre no tuite: começo, meio ou fim. Seu modo de integração é variado: ele pode preceder ou seguir o texto do tweet (e então ele é externo), mas pode igualmente ser integrado à sintaxe do enunciado, frequentemente como substantivo ou adjetivo (hashtag interna) (Paveau, 2021, p. 226).

A autora faz uma divisão em torno da posição sintática em que a *hashtag* se encontra, sendo interna quando se integra ao enunciado e externa quando precede/segue o texto. Vemos que no Instagram o uso de *hashtags* costuma ser bem mais externo, pois elas costumam aparecer no final da postagem, conforme pode ser visto nos exemplos dados até aqui. No entanto, conforme Baronas e Lourenço (2022, p. 3), “[...] ocorre, de forma cada vez mais frequente, encontrarmos *hashtags* fora da rede, numa camiseta antes de uma palavra, por exemplo, ou em contextos nos quais ela não é clicável, [...], onde elas são integradas linguisticamente nos enunciados, sem sua funcionalidade hipertextual”. Portanto, a deslinearização diz respeito à amplitude de usos que esse objeto oferece. Para ilustrar, vejamos a imagem abaixo também contida na primeira postagem original desta subseção:

Figura 20 – #FiqueEmCasa idiota



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNzx5G9iw6q/>

No exemplo acima, a #FiqueEmCasa faz parte da estampa de uma camiseta que é comercializada pela página que compartilhou o vídeo em que aparece o plantio de tomates. Essa *hashtag*, amplamente utilizada no âmbito digital por quem defende o isolamento social, teve o

intuito original de incentivar as pessoas a não saírem de suas casas durante o período pandêmico. Nesse sentido, ela é uma campanha a favor das medidas sanitárias.

No entanto, como se vê, o uso feito em torno desse enunciado sofre o acréscimo da palavra “idiota”, caracterizando-a, agora, enquanto uma manifestação daqueles que são contra as medidas de isolamento social, subvertendo esse caráter de cuidados e levando a discussão para o âmbito dos danos dessa prática, que podem ser inferidos por meio da imagem de um esqueleto com uma máscara respiratória sentado em uma cadeira dentro de um ambiente escuro.

Dessa forma, o #FiqueEmCasa idiota, tal como está sendo usado, reconfigura toda a nuance original a favor das medidas profiláticas, passando a adotar um significado negativo quanto ao ato de ficar em casa, pois somente “idiotas” fariam isso, considerando toda a narrativa de que o “lockdown mata” adotada por quem é contra elas. De acordo com esses dados, portanto, as funções que uma *hashtag* pode exercer nem sempre são fixas. Em outras palavras, elas podem ser contraintuitivas, pois dizem mais respeito ao viés ideológico de quem enuncia do que ao significado mais prototípico do que está escrito junto à *hashtag*.

Portanto, o ambiente digital concede grande importância às ações de seus usuários. Quando navegamos por esses objetos digitais, observando dezenas de postagens e centenas de comentários, nota-se uma aparente falta de compreensão, por parte dos usuários, da importância que cada um deles tem dentro do processo de interação nesses ambientes, ou seja, eles possuem pouco discernimento sobre o que de fato está ocorrendo dentro daquela dinâmica social, levando-os a uma tendência de reprodução ideológica e pouca contestação.

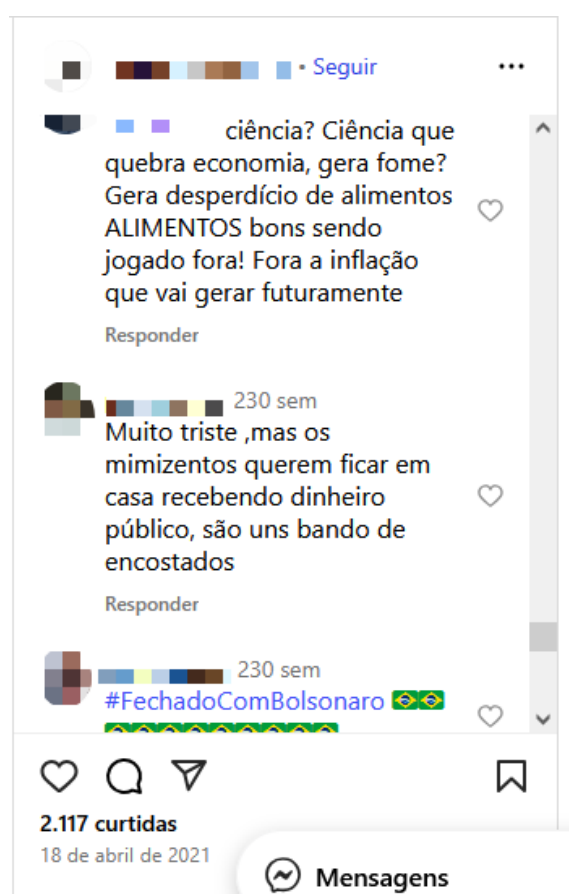
Por se verem, em muitos casos, de uma forma um tanto passiva, os atores sociais costumam apenas “seguir” perfis, como quem faz parte de um bando, ou a de aceitar as ideias ali expostas, como se fossem as únicas possíveis, tratando-a como a verdade absoluta, ocasionando uma vertiginosa falta de criticidade, que se trata de um problema urgente nas plataformas de mídia social. Essas plataformas, portanto, possuem um grau de convivência muito elevado, considerando que elas possuem sistemas de recomendação algorítmica que ficam no topo das recomendações de postagens, vídeos etc., guiando o usuário para as possibilidades de (re)produção de práticas sociais danosas para a sociedade.

Dessa forma, há um “encaixe perfeito” para quem quer desinformar: ao mesmo tempo em que eu posso fazer uso da minha própria opinião e criar uma narrativa baseada em aspectos desinformativos, monetizando, muitas vezes, esses conteúdos, eu também posso receber uma ajuda

(in)direta da própria dinâmica da plataforma para que meu conteúdo seja exponencialmente consumido e, além disso, disseminado por esses usuários-consumidores.

Dentro da seção de comentários, podemos perceber com maior nitidez alguns desses aspectos sobre os quais estivemos comentando nos parágrafos anteriores. A seguir, realizamos a análise em torno de alguns comentários da primeira postagem que foram selecionados para ilustrar essas questões.

Figura 21 – Grupo de comentários sobre a #vachina



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNzx5G9iw6q/>

Na imagem acima, podemos constatar a presença da ignorância sociodigital por meio de um comentário que responde sobre a ciência enquanto uma entidade que “*quebra a economia*”, “*gera fome*”, “*gera desperdício de alimentos*” e que propicia “*ALIMENTOS bons sendo jogado fora*”. A concepção que o usuário tem sobre ciência é que ela é responsável direta pelo problema discutido no vídeo em questão. Para defender seu ponto de vista, o usuário contrapõe ciência e

economia em uma tentativa de trazer a discussão para o plano anticientífico, tendo como base o discurso de que a economia é o que deveria ser priorizado nessa situação.

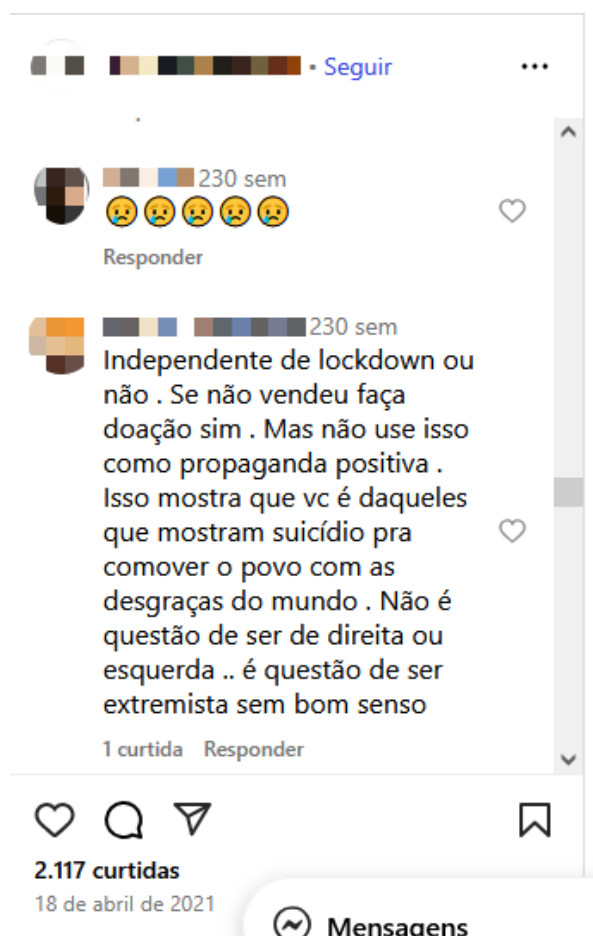
Além disso, o usuário reifica esse valor de ciência atribuindo a ela o agenciamento por meio de verbos como “quebrar” e “gerar”. Assim, a autoria do comentário constrói esse agente que tem impacto sobre o mundo e que, por ser oposto à economia, faria parte do grupo “eles”. Portanto, ocorre uma divisão implícita entre os que são a favor da economia e os que são a favor da ciência, o que gera o antagonismo político entre esquerda e direita contido nos diversos enunciados desse objeto digital desinformativo.

Em contraposição aos defensores da economia, restariam os “*mimizentos*”, que são aqueles seres pertencentes a um outro grupo, aqueles que defendem a ciência, os que reproduzem as práticas de contingenciamento etc. Essa nomeação faz um apelo onomatopeico para caracterizar negativamente esses outros usuários que estariam, em sentido figurado, sempre chorando a respeito dos problemas do mundo. Além disso, a autoria complementa a caracterização descrevendo-os como pessoas que “*querem ficar em casa recebendo dinheiro público*” e “*são um bando de encostados*”.

Como se nota, a carga semântica desses enunciados é evidentemente negativa, pois realiza um movimento de acusação em torno desse grupo, implicitamente concebendo-o como um grupo formado por preguiçosos. Assim, o “ficar em casa” ganha novos contornos, pois a argumentação feita pela autoria a entende não como uma maneira de cumprir com as medidas sanitárias, mas sim a de prejudicar a economia do governo em questão. Assim, é provável que muitos atores sociais contrários às medidas entendam esse gesto recluso, na verdade, como um ataque pessoal à figura presidencial e aos seus coadjuvantes.

Uma outra captura de tela, exibida logo adiante, mostra um outro aspecto importante para a compreensão dos objetos digitais desinformativos. Como temos visto até aqui, muito embora as *hashtags* possam ser entendidas como parte de um programa ou antiprograma, conforme Akrich e Latour (1992), as interações não ocorrem necessariamente em função desse posicionamento, pois há a constante presença de comentários que se contrapõem à ideia original veiculada. Assim, não há uma rigidez no que diz respeito aos posicionamentos dos interactantes.

Figura 22 – Grupo de comentários sobre a #vachina [2]



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNzx5G9iw6q/>

No caso acima, há um contraponto em relação ao que está sendo originalmente veiculado, isto é, a concepção conspiratória sobre a vacina por meio do uso da #vachina. A autoria desse comentário alega inicialmente que “*independente de lockdown ou não . Se não vendeu faça doação sim*”, o que indica um movimento contrário reforçado por alternativas que poderiam ter sido feitas, como doar os tomates, caracterizando uma percepção de busca de soluções sem culpabilização direta.

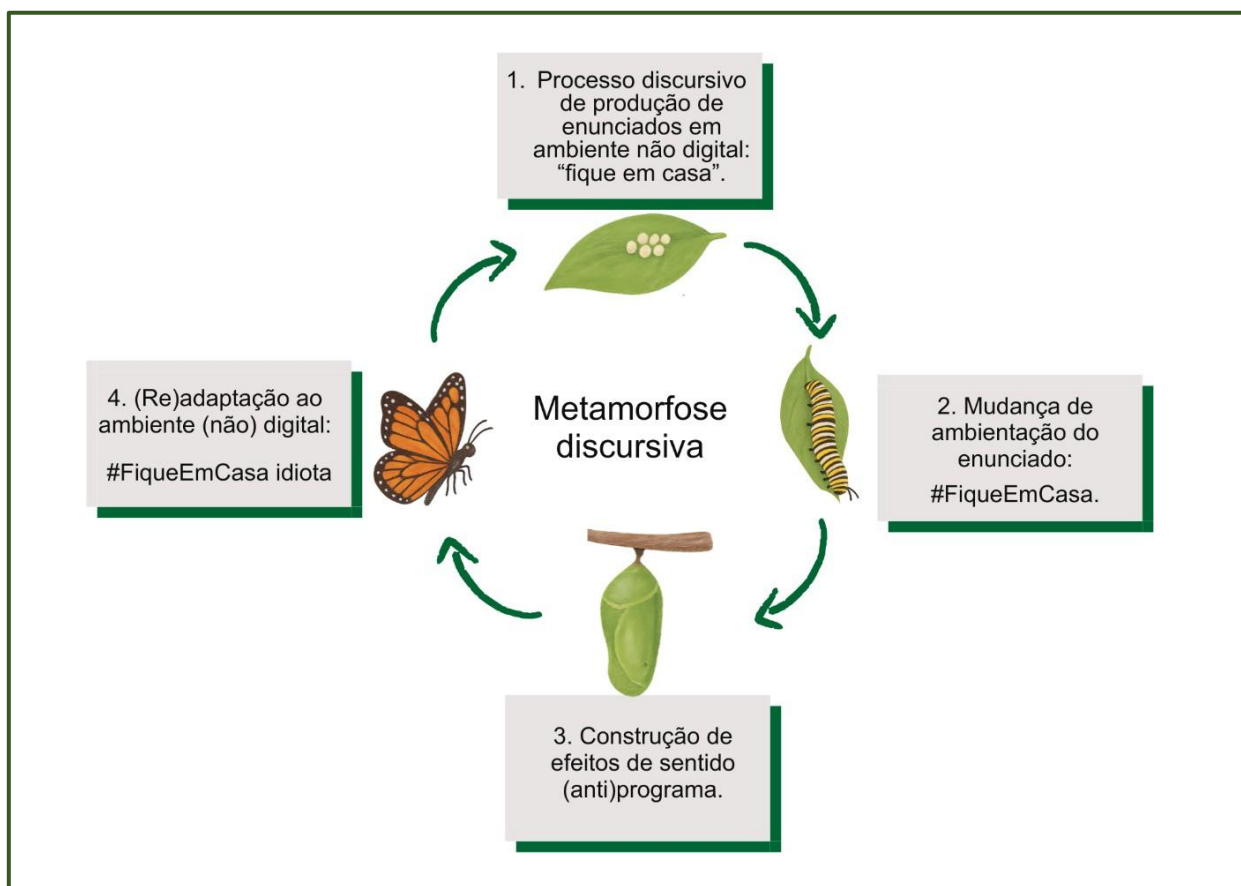
Ademais, a autoria do comentário também provoca a autoria do vídeo ao dizer: “*não use isso como propaganda positiva . Isso mostra que vc é daqueles que mostram suicídio pra comover o povo com as desgraças do mundo*”. A partir desse enunciado, é possível perceber a ocorrência de dois movimentos comparativos: em primeiro lugar, há o pedido de precaução com propaganda. Assim, percebe-se um teor mais crítico em torno desse comentário, pois busca alertar

para o perigo do uso da propaganda (política) da forma como foi realizada; em segundo lugar, há uma comparação entre a autoria do vídeo e um tipo de usuário que busca convencer por meio do *pathos* discursivo, isto é, por meio da emoção/comoção do público.

Essas comparações visaram estabelecer, do ponto de vista da autoria do comentário, uma caracterização negativa do autor do vídeo, criando uma certa voz de autoridade que analisa os fatos com uma maior razão, pois no fim de seu comentário conclui dizendo: “*Não é questão de ser de direita ou esquerda .. é questão de ser extremista sem bom senso*”. Esse último enunciado também fomenta uma comparação implícita entre as duas autorias: ao mesmo tempo em que o adversário é extremista e sem bom senso, pode-se inferir que eu sou razoável e com bom senso.

Já que uma das palavras-chave para a compreensão de como o discurso opera, segundo Fairclough (2001), é mudança, pensamos em criar um quadro que contemplasse o movimento de transformação discursiva que acontece em torno dessas *hashtags*. Para tanto, recorremos a um conceito da Biologia que recebe o nome de metamorfose. Costumeiramente usado para retratar as mudanças do ciclo de vida de um animal, tal como uma borboleta, acreditamos que a alusão a esse fenômeno biológico possa lançar luz sobre as transformações que ocorrem com esses objetos digitais. O quadro abaixo pretende ilustrar esse percurso, bem como a explicação adiante:

Figura 23 – Metamorfose discursiva



Fonte: elaborado pelo autor.

O percurso ilustrado no quadro acima visa, através de uma alusão ao processo de metamorfose, contemplar diferentes fases desde a criação de enunciados que formam a *hashtag* até os usos que se fazem dela. Inicialmente, há a fase embrionária (ovo) que diz respeito ao processo discursivo de produção de enunciados em ambiente não digital. No exemplo em questão, o enunciado "Fique em casa" começa a aparecer na mídia televisiva, em palestras ministradas por acadêmicos, nas conversas de rua etc.

Logo em seguida, a fase de larva contempla uma mudança de ambiente desse enunciado, passando de um ambiente não digital para o ambiente digital, mais precisamente por meio do uso desse objeto digital disponibilizado pelas plataformas de mídia social, que é a *hashtag*. Dessa forma, a *hashtag* #FiqueEmCasa já denota uma outra ambientação dentro desse percurso evolutivo, iniciando a figurar nessas plataformas com um propósito mais ou menos bem determinado.

Na terceira fase, a fase de pupa, ocorre uma rápida evolução desse objeto digital, passando a construir potenciais efeitos de sentido mediante os usos que são feitos nas interações, que podem ser favoráveis ao propósito original (programa), contrários a esse propósito (antiprograma) ou com tentativas de neutralidade. Dentro desse escopo, surge a possibilidade dessa *hashtag* virar um objeto digital desinformativo, desde que contemple características anticientíficas.

Na quarta e última fase, a fase adulta, a *hashtag* passa a se readaptar a novos ambientes (não) digitais, podendo, inclusive, retornar ao ambiente não digital enquanto uma contrahashtag que utiliza o mesmo nome da *hashtag* original, mas construindo o efeito de sentido contrário, como é o caso da estampa de camiseta com os dizeres “#FiqueEmCasa idiota”. Assim, ela poderá construir novos significados para os enunciados originalmente produzidos.

Tal quadro busca mostrar a potencialidade linguística dos usos de uma *hashtag*, salientando a flexibilidade que elas possuem. Trata-se, portanto, de uma contribuição para os estudos linguísticos que tratam dessa funcionalidade nas plataformas de mídia social, sobretudo os que traçam interfaces com a perspectiva dos estudos em desinformação. Além disso, o quadro também visa contribuir para as pesquisas em torno da mudança de ambiente em torno das *hashtags*.

Tendo concluído esse exercício analítico, realizo, a seguir, um outro exercício importante para a caracterização de uma pesquisa crítica: a autorreflexão sobre o fazer científico. Além disso, resalto também algumas notas pós-analíticas que servem para mostrar a presença da figura de um pesquisador-autor em formação.

4.4 Autorreflexividade e notas pós-analíticas

Nesta subseção, posterior à análise, realizo um movimento de caráter mais subjetivo na tentativa de aprofundar a reflexão sobre o fazer científico do ponto de vista da figura de um pesquisador-autor. Recorro a reflexões pessoais pensadas ao longo desses anos de doutorado articulando-as ao princípio epistemológico da ADC da reflexividade. Considerando essa pretensão, gostaria de iniciar esta discussão em torno da escolha do tema para uma investigação científica de grande porte, como é uma Tese de Doutorado, que se configurou como um dos grandes desafios deste processo de formação acadêmica.

Muito embora o curso de doutorado seja uma etapa já bastante avançada desse percurso, a etapa instigante de estabelecer uma proposta satisfatória e construir um objeto de

pesquisa interessante foram, para efeitos metafóricos, uma longa e árdua escalada em uma íngreme montanha. Por estar inicialmente em um período de situação emergencial pandêmica, fui naturalmente levado a ter mais atenção nesse fenômeno social e em suas implicações, o que me levou a pensar sobre os problemas vivenciados durante a pandemia.

Ao iniciar o planejamento do projeto de pesquisa, deparei-me com inúmeras incertezas não só metodológicas, mas também de cunho teórico e até mesmo em termos de escolha temática. Como visto na introdução, a construção do objeto de pesquisa foi um passo fundamental para o andamento da pesquisa, pois tudo girou em torno dessa elaboração. Além disso, tal construção, como muito bem elucida Bourdieu (2007), não ocorre da noite para o dia.

Por já ter estudado sobre o fenômeno da desinformação em uma outra perspectiva, cujo resultado foi a dissertação intitulada “prática discursiva de desinformação: um estudo crítico sobre anúncios digitais falsos” (Santiago, 2021), julguei pertinente continuar no percurso do digital, da abordagem discursiva crítica e dos estudos sobre desinformação, alinhando, portanto, o contexto pandêmico à desinformação, o que fomentou muitas reflexões sobre construir um objeto de pesquisa no meu campo de atuação.

Considerando as particularidades típicas desse período, tanto a de desinformar e a de negar a ciência, constatei que essa relação poderia se tornar um profícuo tema de pesquisa, pois, tendo uma formação em uma área de pesquisa das ciências humanas/sociais, tais problemas me chamam a atenção por serem questões em que a linguagem exerce um papel preponderante. Assim, as primeiras impressões sobre o que viria a se tornar meu projeto de pesquisa começaram já em 2022.

Diniz (2024, p. 45) salienta que “[...] os temas acadêmicos são políticos, pois representam um recorte do mundo na forma como os elaboramos e como iremos responder-lhes. Isso não é o mesmo que dizer político-partidário. O político é sobre escolhas, preferências e motivações”. Novamente, partindo de um campo de pesquisa que se intitula crítico por natureza e que se interessa nas relações entre linguagem e sociedade, nossas escolhas se basearam sobremaneira em relações assimétricas de poder, o que, inevitavelmente, demonstrou o forte teor político das interações, sobretudo as que ocorrem no ambiente digital.

Tendo as noções basilares sobre o tema de pesquisa, decidi me aventurar na escrita do projeto ao passo que realizava as disciplinas do doutorado. Acredito que, nesse processo, pude perceber a relevância de ter a experiência transformadora da escrita ao entrar em contato com uma

série de teorias e métodos, efetuar leituras de especialistas da área, ler um texto de alta dificuldade de compreensão e cheio de ideias até então nunca vistas, bem como outros tantos fatores inerentes ao universo acadêmico. A maturidade profissional, e também pessoal, conferiu a essas experiências uma grande importância em minha trajetória dentro e fora da academia.

Diferentemente do que pensam algumas pessoas, que creem que o conhecimento seja um “ponto fixo” e determinado em que se pode chegar através do estudo e/ou da experiência, prefiro acreditar na maleabilidade da formação de conceitos e na concepção de escrita enquanto um processo, especialmente quando se considera o conhecimento científico, que é complexo por natureza. Dessa forma, a ideia de (ob)ter conhecimento me parece sempre propensa a mudanças, considerando a diversidade dos conhecimentos, que é plural.

A escrita acadêmica, enquanto objeto possibilitador da elaboração metodológica, trouxe inúmeros desafios. Isso se mostra ainda mais problemático quando somos submetidos a crenças que entendem a escrita como um processo cansativo, exaustivo e, até mesmo, resultado de inspiração. Diferentemente dessa visão mais idealizada/romântica, o processo de escrita, segundo Becker (2007), deveria acontecer por outras vias: por meio do esforço de quem pesquisa, fazendo uso de seu conhecimento e sem ter a ideia de que só existe uma única forma de dizer o que tem de ser dito.

Isso dialoga com o que Diniz (2024, p. 58) recomenda sobre o processo de escrita. Segundo a autora, há uma “[...] ilusão da perfeição: essa busca por um estado de controle pleno da pesquisa, do texto, da revisão da literatura e até mesmo do pensamento – o que é impossível e frustrante”. De fato, a concepção que nós acadêmicos deveríamos ter sobre a escrita poderia se basear naquilo que ela realmente é: um processo longo de construção que envolve criatividade, esforço e conhecimento.

De fato, o processo de escrita acadêmica não é simples e muitos concordam ao dizer que se trata de uma das tarefas mais desafiadoras do curso dado o nível de rigor com que ela é avaliada. Em muitos momentos, usamos materiais em outras línguas, lemos grandes quantidades de páginas com ideias abstratas e densas, articulando-as ao nosso trabalho e, muitas vezes, contestando-as de forma crítica. Assim, a escrita tem papel central na produção do conhecimento científico e em sua divulgação.

Em muitas ocasiões, vemos um apagamento da figura de quem pesquisa, pois somos sempre ensinados a “nos afastar” dos dados e a não interferir com a objetividade do trabalho

científico. Prefiro ter a concepção de fazer ciência em uma perspectiva indisciplinar, parafraseando Moita-Lopes (2008), que se pauta na transgressão de determinadas normas e que busca contemplar diferentes teorias e métodos de um ponto de vista transdisciplinar nos estudos da linguagem.

Dessa forma, todo esse percurso de construção da tese se mostrou uma verdadeira aventura na qual pude conhecer diversos espaços pelos quais ainda não havia navegado. O resultado foi um produto que tenta contribuir com algumas discussões científicas em torno de relevantes problemas sociais. A seguir, passo para a seção de considerações finais, ocasião em que discuto de forma objetiva e resumida sobre os principais achados desta investigação, bem como reflito sobre as implicações que esta e futuras pesquisas poderão ter.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve como objetivo geral investigar de que forma as *hashtags* podem ser usadas como objetos digitais desinformativos em plataformas de mídia social em torno da pandemia de covid-19, que se desmembrou em três objetivos específicos: (1) Analisar a (re)configuração do propósito funcional da *hashtag* a partir do caráter (anti)programa; (2) Descrever o papel dos processos interdiscursivos mediante alusão a palavras-chave simbólicas identitárias; (3) Analisar como a ignorância sociodigital interfere no posicionamento dos usuários por meio da negação da ciência.

Para dar conta desses eixos sustentadores da pesquisa, efetuamos, no capítulo introdutório, a construção discursiva do seguinte objeto de pesquisa: a *hashtag* como objeto digital desinformativo, entendendo-a como um vetor linguístico-tecnológico que participa ativamente da (re)produção de discursos negacionistas durante a pandemia de covid-19. Essa construção possibilitou a reflexão sobre as posteriores escolhas teóricas e metodológicas que melhor se adequassem às necessidades desse objeto central da pesquisa.

No capítulo de fundamentação teórica, propomos uma interface teórica entre o campo da Análise de Discurso Crítica (ADC), por meio da abordagem dialético-relacional, de Fairclough (2001, 2003), e os estudos em Agnotologia, de Proctor (2008). Para complementar essa discussão, recorreremos ao conceito de desinformação, conforme Wardle e Derakhshan (2017), Bounegru *et al.* (2017), Santiago (2021) e Recuero (2024). Além disso, para o conceito de mídias sociais, tomamos como base o estudo empreendido por Page *et al.* (2014). Por fim, utilizamos a construção teórica feita por Zappavigna (2015) em torno das *hashtags*.

Em relação ao capítulo metodológico, este trabalho de tese fomentou a interface entre a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO), de Fairclough (2001, 2003), e os Métodos Digitais, conforme proposta de Omena (2019) e Rogers (2024). Os dados foram coletados por meio da extensão *Zeeschuimer*, que possibilitou a captura de alguns objetos digitais desinformativos na plataforma de mídia social Instagram. Ao todo, quatro *hashtags* foram coletadas, a saber: #comunavirus, #fraudemia2020, #vachina e #FiqueEmCasa. Todas elas possibilitaram um exercício analítico minucioso sobre a prática social da desinformação e sua relação com o ambiente digital.

Em nosso exercício analítico, realizamos uma análise discursiva acerca desses quatro objetos digitais desinformativos acima. Os achados da pesquisa indicam que os objetos digitais desinformativos articulam sentidos ideológicos (anti)programa e promovem desinformação em torno da pandemia de covid-19, mobilizando identidades políticas, crenças anticientíficas e ignorância sociodigital. Dessa forma, as *hashtags* possibilitaram o acesso a aspectos linguístico-discursivos relevantes para sua caracterização enquanto objetos digitais discursivos. Após a análise, busquei refletir sobre o fazer científico em uma subseção marcada pela autocritica em torno de algumas questões inerentes ao curso de doutorado e à construção da tese, enfatizando o ponto de vista mais humano em torno da construção da figura de um pesquisador-autor.

Diante desses resultados, podemos constatar que os textos auxiliam na forma de mudar e de pensar das pessoas. Por essa razão, eles podem ser considerados como autênticos agentes de mudança social. Isso fica evidente quando nos deparamos com textos que são (re)produzidos em ambiente digital, especialmente nas mídias sociais. Ademais, os textos se configuram também como potenciais “guias”, pois estão, a todo instante, instruindo seus leitores a adotarem, ainda que de forma sutil, comportamentos que favorecem a disseminação do pensamento anticientífico.

Tendo concluído o exercício de escrita acadêmica desta investigação doutoral, comecei a pensar sobre o que de fato foi produzido nesse trabalho. Salientei que a concepção analítica em torno das *hashtags* enquanto objetos digitais desinformativos possibilitou uma compreensão sobre os diferentes ambientes em que elas ocorrem, seja nos distintos espaços que a plataforma de mídia social Instagram oferece, seja no ambiente não digital enquanto uma manifestação dessa prática social desinformativa.

Além disso, percebi o quanto o ambiente digital, sobretudo as plataformas, concedem permissividade quanto a esses textos desinformativos que circulam quase que indefinidamente (não à toa, esses exemplares coletados já fazem cerca de quatro anos de existência). A ausência de regulação tem um papel importante na forma com que os usuários se adequam às plataformas, pois diante da grande capacidade que os algoritmos têm de prender nossa atenção, seja com fatos ou com mentiras, ficamos reféns da sagacidade de alguns atores sociais que manipulam massas com narrativas desinformativas, anticientíficas e conspiratórias.

Nesse cenário, é fundamental ter ciência da importância dos letramentos enquanto antídotos para essas catastróficas construções desinformacionais. É preciso parar um pouco e ter maior senso crítico em relação aos lugares pelos quais navegamos, deixar algumas preferências

políticas de lado e ficar mais alerta quanto à veracidade de um determinado conteúdo. Em tempos de desinformação e de Inteligência Artificial, essas habilidades ganham, cada vez mais, contornos essenciais para nos munirmos contra o que chamei de ignorância sociodigital.

Aliás, reforço a importância que esse conceito passa a ter em uma análise crítica sobre os processos desinformativos. Estou bastante convicto de que nesses, e em outros objetos digitais desinformativos, a ignorância sociodigital é uma construção ativa, articulada e intencional produzida por determinados atores sociais que têm conhecimento suficiente para compreender as dinâmicas sociais que ocorrem dentro e fora do digital.

Ademais, destaco a ousadia do ponto de vista de criação e/ou adaptação de conceitos provenientes do aparato teórico. A tese buscou ativamente contribuir para a formação de novos conceitos com os quais podemos trabalhar dentro de uma perspectiva que contemple os elementos utilizados nesta investigação, como o uso da linguagem por meio de *hashtags*. Seja no conceito de objeto digital desinformativo, ignorância sociodigital ou metamorfose discursiva, a contribuição dada nos parece ser relevante e típica de um trabalho de conclusão de doutorado.

Acredito que esta pesquisa possa ser uma semente para tantas outras. Sem dúvida, é possível refinar os conceitos que foram propostos, aperfeiçoando-os em novas escritas, com outros dados e com novas interfaces. Ademais, considero que essas propostas conceituais também possam servir para o debate acadêmico no âmbito da linguagem, dos estudos críticos e dos estudos em desinformação, seja em disciplinas ou em outras instâncias estudantis.

Concluo esta tese lembrando-me de recordações de momentos ímpares vivenciados ao longo dessa minha trajetória de pesquisador. Apreendi muito com as experiências diversas que a pós-graduação proporciona e me vejo como um ator social com melhores possibilidades de agir sobre o mundo. Desejo fortemente que tenhamos um pouco mais de ciência em nossas vidas de forma a podermos ter uma sociedade mais justa. Dessa forma, poderemos colocar em prática todas as nossas potencialidades.

REFERÊNCIAS

AKRICH, Madeleine; LATOUR, Bruno. A summary of a convenient vocabulary for the semiotics of human and nonhuman assemblies. *In*: BIJKER, W.; LAW, J. (ed.). **Shaping technology/building society**: Studies in sociotechnical change. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. 2006. 341f. – Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8872>. Acesso em: 28 set. 2025.

ARAÚJO, J. O algoritmo é um texto. **Texto Livre**, n. 18, e58505, 2025a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2025.58505>. Acesso em: 28 set. 2025.

ARAÚJO, Júlio. **Necroalgoritmização**: notas para definir o racismo algorítmico. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2025b.

ARAÚJO, J.; DIEB, M.; COSTA, S. M. O QNP e as dificuldades de construção do objeto de pesquisa: uma experiência de aprendizagem mediada sobre o gênero projeto de pesquisa. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 33, n. 3, p. 729-757, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/WQW7zNGPVBXSVghmTggvJvy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2025.

ARAÚJO, J.; DIEB, M.; FERREIRA, Luís. Dinâmicas espirais na construção do objeto: por uma epistemologia da escrita acadêmica. **Revista do Sell**, v. 14, n. 1, p. 6–29, 2025. DOI: 10.18554/rs.v14i1.8383. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/sell/article/view/8383>. Acesso em: 4 set. 2025.

ARONSON, Elliot. **O animal social**. Trad. Marcello Borges. São Paulo: Goya, 2023.

BARBOSA, Bia; MARTINS, Helena; VALENTE, Jonas. **Fake news**: como as plataformas enfrentam a desinformação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021.

BARONAS, Roberto Leiser; LOURENÇO, Júlia. Notas sobre uma possível teoria da revascularização discursiva. **Alfa**, São Paulo, v.66, e13708, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/gKd6gzSys37HRnWwjC9gxK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2025.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Language Online**: Investigating Digital Texts and Practices. London: Routledge, 2013.

BECKER, Howard Saul. **Writing for Social Scientists**: How to Start and Finish Your Thesis, Book, or Article. Second edition. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2007.

BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan; VENTURINI, Tommaso; MAURI, Michele. **A field guide to “fake news” and other information disorders**: a collection of recipes for those who love to cook with digital methods. Amsterdam: Public Data Lab, 2017. Disponível em: <https://zenodo.org/records/1136272>. Acesso em: 29 set. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRODA, Elena; STRÖMBÄCK, Jesper. Misinformation, Disinformation, and Fake News: Lessons from an Interdisciplinary, Systematic Literature Review. **Annals of the International Communication Association**, Volume 48, Issue 2, June 2024, Pages 139–166. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23808985.2024.2323736>. Acesso em 28 set. 2025.

BRUCK, Mozahir Salomão; OLIVEIRA, Maria Cardoso de; DOS-SANTOS, Marcos Vinícius. **Dossiê contra o negacionismo da ciência**: A importância do conhecimento científico. Minas Gerais: Editora PUC Minas, 2022.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh University Press, Edinburgh, UK, 1999.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2007.

DINIZ, Debora. **Cartas de uma orientadora**: sobre pesquisa e escrita acadêmicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FLICK, Uwe. **Designing qualitative research**. Los Angeles: Sage, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

FREITAS, Marcos Randall Oliveira de. **(Trans)ciberativismo, saberes e vivências de travestis no Twitter**: um estudo sobre (re)construção discursiva. 2023. 161 f. Tese (Doutorado em

- Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74801>. Acesso em: 28 set. 2025.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: L&PM, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. Trad. Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- HARVEY, David. **Justice, nature and the geography of difference**. Oxford: Blackwell, 1996.
- HISSA, D. L. A.; GOMES, E. P. M. IA e curadoria algorítmica em plataformas de mídia digital: o fim de performatividade discursiva? **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 18, p. e1853, 2024. DOI: 10.14393/DLv18a2024-53. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/74586>. Acesso em: 28 set. 2025.
- LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- LIVIO, Mario. **Galileu e os negadores da ciência**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- MAGALHÃES, I. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 113-131, 2004. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51574/1/2004_art_mismagalhaes.pdf. Acesso em: 29 set. 2025.
- MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.
- MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise: economia e política**. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.
- MOITA-LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Colaboração: Sabah Abouessalam. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- NIEDERER, Sabine. **Networked Content Analysis: The Case of Climate Change**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2019.
- NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- OMENA, Janna Joceli. **Métodos Digitais: teoria-prática-crítica**. Lisboa: ICNOVA, 2019. Disponível em:

https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/17545354/ICNOVA_MetodosDigitais_compactado.pdf. Acesso em: 28 set. 2025.

PAGE, Ruth; BARTON, David; UNGER, Johann Wolfgang; ZAPPAVIGNA, Michele. **Researching Language and Social Media: A Student Guide**. New York: Routledge, 2014.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PARISER, Eli. **The Filter Bubble: what the internet is hiding from you**. New York: Penguin Press, 2011.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PIMENTA, Alcilene Aguiar; MAGALHÃES, Izabel. Convergências e divergências na análise de discurso crítica: um estudo comparativo entre as principais vertentes teóricas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 189–207, 2024. DOI: 10.26512/les.v25i2.56306. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/56306>. Acesso em: 28 set. 2025.

PINHEIRO, Petrilson. Fake news em jogo: uma discussão epistemológica sobre o processo de produção e disseminação de (in)verdades em redes sociais. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 37, n. 4, 2022. DOI: 10.1590/1678- 460x202156104. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/8gjBC9zP3Xt3rNJbdzpPPhb/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2025.

PROCTOR, Robert N. Agnotology: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ignorance (and Its Study). In: PROCTOR, Robert N.; LONDA, Schiebinger. **Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance**. Stanford: Stanford University Press, 2008.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Editora Pontes, 2011.

RECUERO, Raquel. **A rede da desinformação: Sistemas, estruturas e dinâmicas nas plataformas de mídias sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2024.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow. #Vachina: how politicians help to spread disinformation about covid-19 vaccines. **Journal of Social Digital Research** . v. 4, n. 1, 2022, 73–97. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358474640_VACHINA_How_Politicians_Help_to_Spread_Disinformation_About_COVID-19_Vaccines. Acesso em: 28 set. 2025.

ROGERS, Richard. Digital Methods for Web Research. **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**. Edited by Robert Scott and Stephan Kosslyn. 2015 John Wiley & Sons, Inc. ISBN 978-1-118-90077-2. Disponível em: <https://emergingtrends.stanford.edu/files/original/0e407dbcff25a982d561b2837b1e03a2df6aba9f.pdf>. Acesso em: 28 set. 2025.

ROGERS, Richard (ed.). **The Propagation of Misinformation in Social Media: A Cross-platform Analysis**, 2023. Amsterdam University Press. Disponível em: <https://doi.org/10.5117/9789463720762>, <https://doi.org/10.2307/jj.1231864>. Acesso em: 28 set. 2025.

ROGERS, Richard. **Doing digital methods**. 2nd edition. London: Sage, 2024.

SANTIAGO, Antônio Heleno Ribeiro. **Prática discursiva de desinformação: um estudo crítico sobre anúncios digitais falsos**. Orientador: Júlio Araújo. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/61935>. Acesso em: 28 set. 2025.

SANTIAGO, A. H. R.; ARAÚJO, J. Prática discursiva de desinformação: Distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 49–67, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-9374. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9374>. Acesso em: 28 set. 2025.

SANTIAGO, A. H. R.; ARAÚJO, J. Prática discursiva de desinformação: análise da produção de postagens anticientíficas sobre a eficácia das vacinas na pandemia de covid-19 em 2021-2022. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 17 n. 37, p. 176-189, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/41793>. Disponível em: 28 set. 2025.

SANTOS, L. A. dos; ARAÚJO, J. A manipulação em discursos antivacina: uma análise sobre as representações sociais. **Redis: Revista de Estudos do Discurso**, n. 12, p. 237–258, 2023. DOI: 10.21747/21833958/red12a9. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/13183>. Acesso em: 29 set. 2025.

SANTOS, Leonel Andrade dos. **Manipulação da prática discursiva da desinformação nas eleições presidenciais brasileiras de 2022**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/80710>. Acesso em: 28 set. 2025.

SILVA, A. L. do N.; PIMENTEL, A. M. R.; OLIVEIRA, A. D. C. de; LEMOS, C. de P. Prática discursiva. In: IRINEU, L. M.; PEREIRA, A. S.; SILVA, A. P. N.; SANTANA, A. L. S.; LIMA, F. H. R.; SANTOS, S. F. (org.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. Campinas: Pontes Editores, 2020. Disponível em: <https://www.uece.br/gpadc/conceitoschave/>. Acesso em: 28 set. 2025.

SOUSA, Melissa Maria do Nascimento. **Manipulação discursiva em narrativas conspiratórias no contexto da pandemia de Covid-19**. 2024. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -

Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77142>. Acesso em: 28 set. 2025.

TUANA, Nancy. Orgasm and the Epistemology of Ignorance. *In*: PROCTOR, Robert N.; LONDA, Schiebinger. **Agnotology**: The Making and Unmaking of Ignorance. Stanford: Stanford University Press, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Trad. Zara Pinto-Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005.

WARDLE, C.; DERA KHSHAN, H. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WHITE, Michael. **Galileu Anticristo**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WIKSTRÖM, Peter. Srynotfunny: Communicative functions of hashtags on twitter. **SKY Journal of Linguistics**. 27. 127-152, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288233870_Srynotfunny_Communicative_functions_of_hashtags_on_twitter. Acesso em: 28 set. 2025.

WODAK, Ruth. Critical Discourse Analysis. *In*: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (org.). **Handbook of Discourse Analysis**. Malden: Blackwell Publishing, 2005.

WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Methods for Critical Discourse Analysis**. 2nd edition. London: Sage, 2009.

ZAPPAVIGNA, Michele. Searchable talk: the linguistic functions of hashtags. **Social Semiotics**, 25:3, 274-291, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10350330.2014.996948>. Acesso em: 28 set. 2025.